AMATO LUSITANO

AMATUS LUSITANUS

Ein Arzt von Castelblanco einer Stadt in Portugall gebürtig, hies eigentlich Johanne Rodriguez de Castelblanco, lebte in der Mitte des 16 Jahrhunderts, und bekante sich zu Thessalonich zur Jüdischen Religion.

(O original d'este retrato pertence ao Ex.^mo Snr. Annibal Fernandes Thomaz)

Maximiano Lemos

AMATO LUSITANO

A SUA VIDA E A SUA OBRA

PORTO

Eduardo Tavares Martins, editor

Rua dos Clerigos, 8 e 10

1907

PORTO

Typ. a vapor da «Encyclopedia Portugueza Illustrada»
47, R. Rainha D. Amelia, 49

1907

CAPITULO I

Situação dos judeus em Portugal no principio do seculo XVI — Distribuição d'elles pelo paiz — Castello Branco — A familia de Amato Lusitano.

Depois que D. Manuel reprimiu com severidade o motim popular que estalou em Lisboa em janeiro de 1506 contra os christãos novos, puderam respirar por um momento os judeus portuguezes e até os que, expulsos de Hespanha, se haviam refugiado e ainda viviam em Portugal. Revogava-se a ordenação que estatuira que nenhuns christãos novos abandonassem o nosso paiz sem licença regia e lhes não consentia que vendessem os bens de raiz e convertessem os capitaes em lettras de cambio. Permittia-se-lhes agora saír definitiva ou temporariamente do paiz, negociar por mar ou por terra e transferir os seus haveres em dinheiro ou mercadorias, comtanto que fosse para terra de christãos e em navios cobertos pelo nosso pavilhão. Os que tinham fugido podiam voltar ao reino sem receio de castigo e deviam cessar desde logo as fianças d'aquelles a quem se haviam exigido com receio de que se ausentassem. Além d'isto, os privilegios que se

haviam concedido aos que em 1497 tinham sido convertidos á força de não se proceder a devassa alguma sobre o seu procedimento religioso durante 20 annos eram solemnemente confirmados, para serem cumpridos á risca durante os dez annos que faltavam. Mais tarde, este periodo era prorogado por mais dezeseis annos, o que o fazia terminar em 1534. ([1])

E' difficil formar ideia do numero de judeus que então havia no paiz. Por occasião da sua expulsão, quando o mesmo D. Manuel os encurralou em Lisboa, nos Estáus, juntaram-se n'aquella cidade para cima de 20:000. Quantos, porém, não sacrificariam as manifestações exteriores das suas crenças, para se conservarem no paiz onde tinham creado interesses e familia?

Se é difficil, porém, avaliar do seu numero, a difficuldade avulta para se ajuizar da sua distribuição.

Recolhendo os nomes das localidades em que ha noticia de terem existido judiarias, poderá todavia affirmar-se que os judeus se repartiam muito desegualmente pelo nosso paiz e que as provincias em que mais raizes tinham creado eram as de Traz-os-Montes, a Beira Baixa, a Extremadura, o Alemtejo e o Algarve.

Na provincia do Minho, não alcançamos noticia de nenhuma no actual districto de Vianna do Castello; e no de Braga, apenas sabemos das d'esta cidade, de Guimarães e de Barcellos.

Em compensação, Traz-os-Montes apresenta-nos as de Chaves, Villa Real, e Mesão Frio no districto de Villa Real,

---

([1]) Herculano — *Historia da origem e estabelecimento da inquisição em Portugal* — 3.ª edição — Lisboa, 1879 — vol. I, pag. 163 e seg. — Mendes dos Remedios — *Os judeus em Portugal* — Coimbra, 1895, pag. 300 e seg.

e as de Freixo d'Espada-á-Cinta, Torre de Moncorvo, Mogadouro, Villa Flor e Bragança no districto que tem esta cidade por capital.

A provincia do Douro dá uma pequena percentagem: apenas se colhe que havia judiarias no Porto e em Aveiro.

Logo, porém, a Beira Alta figura com Lamego, Vimieiro e S. João da Pesqueira no districto de Vizeu; e a Beira Baixa com Guarda, Almeida, Pinhel, Castello Rodrigo, Celorico, Linhares, no districto da Guarda, e Bemposta e Castello Branco, no districto que tem esta cidade por capital.

A Extremadura tinha no districto de Leiria a d'esta cidade; no de Santarem as d'esta cidade, de Ourem, Thomar e Abranles e no de Lisboa as de Setubal, Torres Vedras e Monsanto, além da que tinha por séde a capital do reino, a mais importante de todas.

No Alemtejo, o districto de Portalegre figura com a judiaria d'esta cidade e com as de Elvas, Villa Boim, Souzel, Veiros, Monforte e Alter do Chão; o de Evora apparece-nos com as d'esta cidade, e as d'Extremoz, Evora-Monte, Portel, Monsão e Villa Viçosa; e o de Beja com as de Moura e Alvito.

Finalmente o Algarve possuia as de Loulé, Lagos, Silves, Alvor e Alcoutim. (1)

Na Beira Baixa, em Castello Branco, nascia em 1511 (2)

---

(1) *Livro das tenças del Rei,* in *Archivo Historico,* II, pag. 81 e seg. — Mendes dos Remedios, op. cit., pag. 373.

(2) *Curationum Medicinalium Amati Lusitani centuriæ quartuor* — Venetiis, 1557. Fim da cur. 100 da cent. 4, pag. 645; *In Dioscoridis Anazarbei de materia medica libros quinque enarrationes eruditissimae Doctoris Amati Lusitani* — Venetiis upud Gualterum Scotum 1553 — lib. I, en. 133, pag. 129; e lib. II, en. 157, pag. 268.

um dos medicos portuguezes mais illustres e certamente aquelle cuja vida foi mais cortada de trabalhos, por toda a parte, de maneira a justificar o seu correligionario Samuel Usque ao chamar á Europa o seu inferno na terra. ([1])

Não ha accordo entre os diversos escriptores que se occuparam de Castello Branco sobre a data da sua fundação. Limitando-nos ao que está definitivamente assente, sabe-se que na collina onde hoje tem assento a capital da Beira Baixa existiu uma povoação romana, talvez um d'aquelles campos entrincheirados, a que os romanos davam o nome de *castrum*.

Desde essa época até á da fundação da monarchia lusitana é desconhecida a historia d'esta povoação.

No reinado de D. Affonso Henriques ha noticia de que, conquistado todo o municipio egitaniense, mas sendo a região quasi deshabitada, o nosso primeiro rei fez d'ella doação aos Templarios com a condição de a povoarem e defenderem. Esta doação tem a data de 29 de novembro de 1165, e os limites do terreno que lhes era entregue seguiam pela corrente do Elge, entre Portugal e Leão, até ao Tejo e pela corrente do rio Zezere tambem até ao Tejo.

Não foi preenchido então o fim da doação, e parece até que os Templarios não chegaram a tomar posse dos terrenos doados.

Por isso D. Sancho I, vendo que as conquistas de seu pae, quasi desprovidas de habitantes, constituiam um reino sem vassallos, fez em relação a Castello Branco o que praticou em relação a outras povoações, reedifican-

---

([1]) Samuel Usque — *Consolação ás tribulações de Israel* — Ferrara em casa de Abraham aben Usque 5313 da creação do mundo a 7 de setembro, pag. 2 v.

do-a, construindo-a de novo e em geral promovendo a sua colonização.

Para isso, em 1198 ou 1199 renovou a doação da preceptoria de Idanha, a Velha, aos Templarios, mas especificando no documento respectivo a grande herdade de Açafa, encravada n'estes terrenos. Declarava-se n'ella que a doação era feita não só pelo amor de Deus e pelos grandes serviços que os Templarios tinham feito á patria, mas tambem em troca das egrejas do Mogadouro e Penas Royas, para que os cavalleiros do Templo a povoassem (a Açafa) e aforassem como bem lhes parecesse, com a clausula de tanto o doador como seus successores serem recebidos n'estes logares como reis e senhores todas as vezes que ahi fossem.

A herdade de Açafa era no termo de Rodão, por uma e outra margem do Tejo. Pela margem direita abrangia o terreno limitado pela foz do rio Ocreza, junto do castello de Belver, seguindo a corrente d'este rio até á nascente na Gardunha, depois a vertente sul d'este rio até ao rio Ponsul, descendo por esta linha de agua até ao Tejo.

Dentro d'este perimetro ficava a mancha de terreno conhecida pelo nome de Cardosa, cujo centro era a collina onde hoje está assente Castello Branco.

Ainda então os Templarios não cumpriram as condições a que se haviam obrigado, provavelmente por causa das contínuas pelejas em que andavam envolvidos. Entretanto, um homem se apossava da parte da Açafa chamada Cardosa e dava começo a uma povoação que dentro em pouco se tornava importante.

Fernando Sanches, que tal era o nome do fundador, era nobre e portuguez, talvez um d'esses fidalgos aventureiros possuidores de uma boa espada mas pobres de bens de fortuna, que faziam a guerra por conta propria. Can-

sado de aventuras, fixou-se nos muros do castro abandonado, e ahi deu começo a Villa Franca da Cardosa.

As condições de defeza do local, dominando uma grande área, atalaiando vastos campos em redor, os restos das fortificações romanas, reparadas, offerecendo segura guarida contra os ataques do inimigo, tudo isto seria o motivo da preferencia dada á collina da Cardosa.

Chamava-se a nova povoação Villa Franca, o que parece traduzir que entre os colonos francos que D. Sancho I attrahiu ao nosso paiz alguns se estabeleceram alli, ou que Fernando Sanches acolhia dentro da sua povoação toda a casta de gente que se vinha collocar sob a sua dependencia.

Onze annos depois da ultima doação feita por D. Sancho aos Templarios, isto é, em 1209, lembraram-se os freires de tomar posse dos terrenos da herdade de Açafa, mas como n'ella encontrassem já estabelecida uma povoação importante tiveram de entrar em negociações com Fernando Sanches.

Este doou aos Templarios, sendo seu mestre em Portugal D. Gomes Ramires (1209-1212), metade da herdade de Villa Franca da Cardosa com toda a sua povoação, fóros e direitos e metade das egrejas que no seu termo tinha edificado e edificasse para o futuro, metade de tudo isto em vida e outra metade por sua morte.

Este accordo não subsistiu muito tempo. Em 1214 já a corôa tinha adquirido a propriedade da povoação que Sanches reservara para si emquanto vivo e D. Affonso II fazia doação d'ella aos mesmos freires, que agora reuniam sob o seu dominio todo o terreno da primitiva concessão. Para fazerem desapparecer os vestigios do antigo dono d'ella e para que no futuro se pensasse que elles tinham sido os fundadores, o mestre D. Pedro Alvites, 11.º na

ordem em Portugal, lhe deu foral e lhe impôz o nome de Castello Branco.

Para que a posse lhe não pudesse ser contestada, pediu ao papa que lhe confirmasse a doação, o que Innocencio III fez em 1215.

Déram os Templarios foral a Castello Branco, datado de 1213, mas esta data não póde ser exacta, por considerações que não importa ao nosso proposito reproduzir.

Parece, porém, que os Templarios não se julgavam ainda senhores incontestados de Castello Branco, porque nos apparece ainda uma nova doação feita por D. Sancho I em 1229. N'este documento menciona-se já a villa como uma grande e importante povoação. Mas nenhuma duvida póde haver d'este facto, por isso que desde que os freires do Templo se viram senhores da povoação, a fizeram capital de uma preceptoria, e n'ella realizaram varios capitulos da sua ordem.

Em 1230 já Castello Branco possuia o seu castello, provavelmente edificado durante o mestrado de D. Pedro Alvites, e o primitivo cerco de muralhas foi feito apenas com quatro portas que eram Pelame, Santiago, Traição e Ouro.

Mas o incremento da povoação accentuava-se, e tanto que, indo D. Diniz em 1285 com sua esposa D. Isabel á villa de Castello Branco e vendo que o cinto dos seus muros a comprimia e abafava, ordenou que á custa das rendas reaes se fizesse uma nova muralha, alargando-se o perimetro. O novo circulo de muros passou a ter as seguintes portas: Santiago, Traição, Ouro, Esteval, Santarem, Espirito Santo e Villa.

Como se vê, subsistiram tres das antigas portas, e d'este facto conclue-se que a muralha alargou para nascente e sul.

Devia ser esta, no principio do seculo XVI, a área occupada por Castello Branco.

A villa apparece-nos n'esta época como um agglomerado de ruas estreitas, ingremes e tortuosas, em torno do castello construido pelos Templarios. Dentro do proprio recinto d'esta fortaleza, estava a egreja de Santa Maria, tambem fundada pelos freires do Templo. Ao norte da villa ficava o convento da Graça que até 1526 pertenceu á ordem de S. Francisco, passando depois para a de Santo Agostinho.

Castello Branco já possuia então misericordia e hospital, mantido este com os sobejos dos rendimentos dos bens das confrarias de S. João, Santo André e Santiago. Antes da instituição d'esta misericordia, já alli existia um vinculo da capella de Santa Eulalia, instituida com obrigação de manter um hospital n'aquella villa. Os descendentes do instituidor limitaram-se porém a sustentar uma albergaria que agasalhava os peregrinos religiosos e viandantes pobres que transitavam por Castello Branco. Essa albergaria ficava sita na rua dos Ferreiros que ainda se conserva com este nome.

Outra egreja achamos mencionada por este tempo, a de Santa Isabel da Misericordia velha. De architectura elegante, ainda hoje existe, embora modificada e reedificada, pelo menos em parte.

A uns 3 kilometros, demorava a ermida de Nossa Senhora de Mercoles. A tradição quer que tivesse sido fundada pelos Templarios, e a sua architectura ogival, assim como a circumstancia de se descerem cinco degraus para o pavimento da capella, denunciam grande antiguidade. [1]

---

[1] Antonio Roxo — *Monographia de Castello Branco* — Elvas — Typographia Progresso — 1891.

Sabe-se que a esse tempo já não existiam as judiarias. E todavia Castello Branco possuira a sua, em logar que não é hoje conhecido. Ao que parece, os seus rendimentos não deviam ser pequenos, porque D. Affonso v, ao dar a D. Martinho d'Athaide o titulo de conde de Athouguia, fez-lhe mercê dos rendimentos da judiaria de Castello Branco. [1]

E' isto o pouco que se póde colher a proposito da patria de Amato Lusitano, ao tempo do seu nascimento.

Da sua familia, pouco mais se apura do que o mencionado nas suas obras. Não sabemos quem eram seus paes, mas diz-nos elle que tinha dois irmãos. Um d'elles, Pedro Brandão, residia em Almeida; outro, José Amato, esteve mais tarde com elle em Roma.

As referencias que lhes faz não permittem avaliar quaes eram as profissões a que se davam, e pouco esclarecem outras circumstancias pessoaes.

De Pedro Brandão diz apenas que por seu intermedio travára relações em Almeida com o professor Reinoso, varão douto e gravissimo, quando pela primeira vez foi chamado de Italia á Hespanha. [2]

A proposito de José Amato mais alguma coisa noticia, sem grandes pormenores. Pelos meados de 1550 ou principios de 1551 encontra-se com elle em Roma, e com elle conversa a respeito do assassinio de Francisco de Sotto-Maior por seu primo Francisco da Silva [3]. N'outra passagem refere-se a uma conjunctivite de que o tratou e

---

[1] Pinheiro Chagas — *Historia de Portugal* — II vol. — Lisboa, 1899, pag. 51.

[2] *In Dioscoridis*, etc. — Lib. IV, enarratio 157, pag. 450.

[3] Centuria 3.a, cur. 8.

affirma que era de temperamento bilioso muito caracterizado. (1)

A circumstancia de ambos se acharem na Italia pelo mesmo tempo leva-nos a suppôr que fosse filho d'este José Amato um sobrinho de João Rodrigues que designa apenas pelo appellido Brandão, que aliás pertencia ao primeiro dos irmãos que mencionamos. Este Brandão era medico e natural de Santarem. Aos 20 annos foi para a Italia estudar philosophia e medicina, encontrando-se então com o tio, e mais tarde foi exercer a clinica em Londres e Bristol, onde adquiriu nomeada, se não havia cegueira familiar nas referencias que Amato lhe faz. (2)

Ainda encontramos indicado um outro parente de Amato, a quem chama Pyrrho Lusitano, e com quem se encontrou frequentes vezes na sua vida trabalhosa. (3)

Foi durante muito tempo para nós um enygma este Pyrrho Lusitano. A leitura do manuscripto de Fr. Fortunato de S. Boaventura, publicado pelas diligencias do snr. Antonio Portugal de Faria, esclarece todas as duvidas. (4)

Pyrrho Lusitano ou Diogo Pyrrho ou Jacob Flavio é tudo a mesma pessoa, e o nome mais corrente por que é conhecido não é nenhum d'estes, é Diogo Pires.

Tendo convertido primeiro o seu nome de familia no

---

(1) Cent. 4.a, cur. 49.

(2) *Amati Lusitani... Curationum medicinalium, centuriæ duae quinta et sexta* — Lugduni Apud Gulielmum Rovillium, 1564 — Cent. 5.a, cur. 4, pag. 29, 6, pag. 41 e 16, pag. 82, e cent. 6.a, cur. 55, pag. 427.

(3) *In Dioscoridis,* etc. — Lib. I, en. 148. pag. 143.

(4) Antonio Portugal de Faria — *Portugal e Italia. Litteratos portuguezes em Italia* ou *Collecção de subsidios para se escrever a Historia de Portugal que dispunha e ordenava Frei Fortunato Monger Cistercense* — Leorne. Typographia de Raphael Giusto. 1905.

grego πυρρος e depois alatinando este, chamando-se *Flavius*, e aproveitando a equivalencia hespanhola do nome *Didacus* ao nome *Jacobus*, umas vezes adoptava um ou outro e d'ahi a confusão de Barbosa Machado e outros bibliographos que fazem de Diogo Pyrrho e Jacob Flavio duas individualidades distinctas.

Diogo Pires nasceu em Evora em 5 d'abril de 1517 de paes que seguiam a lei de Moysés e n'ella o educaram. Ha nas suas obras grande numero de referencias á sua patria e o epitaphio que para si proprio compôz é uma das mais frisantes. Estudou em Salamanca, tendo por mestre em Philosophia o celeberrimo P. Soto da ordem dos Prégadores e de Rhetorica o famoso Pinciano. Conjectura Fr. Fortunato de S. Boaventura que Diogo Pires se veria obrigado a abandonar a Hespanha, sem voltar a Portugal depois da terminação dos seus estudos, baseando-se no facto de que nem uma vez se queixa dos nossos soberanos, ao passo que verbera os reis catholicos, já fallecidos, e os inquisidores hespanhoes.

Seja como fôr, e esta conjectura tem a combatel-a pelo menos um argumento sério, aos 18 annos, em 1535, abandonou a peninsula e já em 1536 estava em Liège, depois de ter passado por Lovania. Dentro em pouco passava a Ferrara, onde se estabeleceu por muitos annos e alli travou amizade com varios italianos doutissimos, havendo motivos para suppôr que um d'elles fôsse o proprio Torquato Tasso a quem endereçou uma satira vehemente contra o sexo feminino. Ahi se encontrou com Amato.

De então em deante, e sem que possam fixar-se datas com exactidão, sabe-se que viajou muito. Elle proprio noticia que estava em Veneza em 1543 e que residia em Roma em 1550. Affirma a *Jewish Encyclopedia* que em 1552 se estabeleceu em Ancona, o que é confirmado por

Amato que nas suas centurias novamente discute com elle a respeito de uma passagem de Galeno [1]. Depois foi á Palestina e de regresso demorou-se na Inglaterra.

Terceira vez se occupa Amato d'este seu primo na centuria 6.a Era agora em Ragusa, revertendo Diogo Pires de Byzancio. Installou-se nas proximidades d'aquella cidade e soffria d'uma d'aquellas doenças contagiosas a que se dava o nome de peste [2]. A doença não o victimou. Suppõe-se com fundamento que ainda vivia em 1607, mas não é crivel que vivesse muito mais tempo quem a esse tempo contava 90 annos. [3]

Diogo Pires é conhecido como um dos mais illustres poetas latinos do seu tempo e como um notavel hellenista. Todos os seus contemporaneos, Lilio Giraldi, Pedro Sanches, Diogo Mendes de Vasconcellos, Bartholomeu Riccio, João Baptista Pegna, Paulo Manucio, Bento Cinthio Giraldi, Miguel Sorgo, se referem a elle com o maximo elogio. Fr. Fortunato de S. Boaventura, critico competente e absolutamente insuspeito, tambem o considera como tal. As suas differentes obras, *Carmina, Epitaphia Desiderii Erasmi Roterodami, Epistola ad Paulum, De illustribus Familiis quæ hodie Rhagusee extant anno 1582 Kal. Januarie, Cato minor, In laudem Cointi Calabri,* etc., téem sido constantemente apreciadas e pena é que d'ellas não exista uma edição completa que Fr. Fortunato projectava.

Ha motivos para affirmar que Diogo Pires era medico, e que no fim da vida se converteu á religião christã. Os

---

[1] Cent. 3.a, cur. 38, pag. 405.

[2] Cent. 6.a, cur. 30, pag. 334.

[3] A *Jewish Encyclopedia* fixa n'este anno a sua morte (art. *Flavius Eborensis*).

historiadores judeus são todavia mudos a este ultimo respeito.

Ainda encontramos notada uma prima de Amato, chamada Anna, casada com Estevão Pyrrho, que teve um filho de dez mezes de vida intra-uterina. Parece da egualdade do appellido que Estevão Pyrrho devia ser irmão de Diogo Pires, mas nada pudemos averiguar a tal respeito e nenhumas informações nos fornece Amato. Esta prima do nosso biographado residia em Ferrara. (1)

Amato ainda nota um outro parente, talvez descendente, de nome José Oef, a respeito do qual nenhumas noticias possuimos. (2)

Além d'estas pessoas de familia de Amato, os bibliographos ainda lhe indicam um irmão que elle nunca nomeia, o que póde justificar algumas duvidas. Ora, o irmão que se lhe attribue honrava-o sobremaneira para que d'elle se esquecesse. Era Filippe Montalto ou Filoteo Eliau, physico da rainha de França, Maria de Medicis, que lhe obteve licença para que elle e a sua familia tivessem n'aquelle paiz o livre exercicio do seu culto.

Leonor Galigai, accusada de se ter dado aos sortilegios, prestou homenagem aos talentos de Montalto, dizendo: «Tendo caído perigosamente enferma, os que me rodeavam e os medicos de Paris aconselharam-me a que me servisse de Montalto. Cooperou com os outros na minha cura e eu sarei. Deu-se isto tres ou quatro mezes antes da morte do rei. Montalto retirou-se depois para Florença, onde o gran-duque o empregou ao seu serviço.

(1) Cent. 1.a, cur. 27, pag. 86.

(2) *Amati Lvsitani, medici physici præstantissimi, Cvrationum Medicinalium centuria septima* — Lvgdvni apvd Gvliel. Rovil — 1580 — Cent. 7.a, cur. 23, pag. 243.

Nunca ouvi dizer que fosse feiticeiro. Tinha pelo contrario a reputação de um homem muito discreto. Tendo morrido tres ou quatro medicos dos mais celebres de Paris, a rainha-mãe escreveu ao gran-duque para que lhe mandasse Montalto. Escreveu tambem ao papa para obter licença de o ter como medico, dizendo que precisava d'elle para si e para a sua casa. A rainha mãe obteve uma e outra coisa». [1]

Montalto morreu em Tours ao tempo em que Isabel de Bourbon passava a Hespanha para casar com Philippe IV, isto é, em 19 de fevereiro de 1616. A rainha mandou embalsamar o cadaver e ordenou que o transportassem para Amsterdam, acompanhando-o seu filho Moysés Montalto e Saul Levi Mortera. Kaiserling publica o seu epitaphio copiado de Weekbl e escripto em portuguez um pouco alterado, crêmos que no que então se chamava *ladino*.

Deixou Montalto duas obras de medicina, das quaes só uma conseguimos vêr; a sua *Optica intra Philosophiæ & medicinæ aream, De visu, de visus organo, & obiecto Theoriam accurate complectens,* publicada em Florença em 1606 por Cosme Junta.

Lá vem no frontispicio a indicação de Lusitano, a attestar quanto os judeus portuguezes amavam a patria que para elles era mais que madrasta. N'ella se encontram referencias ao nosso paiz, a narração d'um caso de cegueira produzida por uma violenta emoção moral em occasião d'incendio, o que vira em Setubal; falla-nos n'um D. Antonio da illustre familia dos Pereiras e n'uma recolhida de

---

[1] Maquet — *Histoire de la Bastille,* pag. 434, cit. por Kayserling — *Biblioteca española-portugueza-judaica* — Strasbourg, 1890 — pag. 72.

Cellas, D. Isabel Rodrigues Pereira de Miranda, que tinha um olho verde e outro preto. Refere-se á sua estada em Paris e á generosidade com que foi tratado pela rainha de França, e aos obsequios que recebeu do pae de Cosme de Medicis, entre os quaes se contava o de ter sido chamado a ensinar philosophia em Pisa. Em parte alguma, porém, encontramos confirmado que nascesse em Castello Branco, e que fosse irmão de Amato. Emquanto, portanto, não encontrarmos outra affirmação do facto, que não seja a transcripção seguida de uma asserção cujo fundamento ignoramos, recebel-a-hemos com todas as reservas. [1]

---

[1] A *Jewish Encyclopedia*, VIII, pag. 662, tambem não considera provado que Montalto fosse irmão de Amato.

CAPITULO II

Amato Lusitano em Salamanca — Os estudantes salamanquinos — O ensino universitario — Os mestres e condiscipulos de Amato — Os monumentos de Salamanca — A Celestina.

Era ainda Amato muito novo quando foi para Salamanca, então a mais celebre universidade da peninsula, onde habitualmente se juntavam 6:000 estudantes e onde chegaram a reunir-se 11:000.

Estas palavras — estudante de Salamanca — accordam certamente ao nosso espirito a ideia de uma vida alegre, descuidosa, passada em aventuras. Sempre os escolares foram travessos e ruidosos, e mais ainda os hespanhoes, expansivos e cheios de vida; mas em Salamanca, na velha *Salmantica* das margens do Tormes, a tradição e até os textos legislativos attestam que o amor e o jogo eram paixões absorventes; que os estudantes andavam envoltos em arruidos nocturnos, em que não raro corria sangue. [1]

---

[1] Na bulla de Martinho v, de 10 das calendas de maio de 1422, prohibe-se que os estudantes levem armas para as escolas, tenham concubina comsigo e qualquer mulher suspeitosa (Vidal y

Relembramos aquella cantiga popular que faz do alumno d'esse tempo uma especie de espadachim, abandonado o typo de clerigo que predominara em época anterior e que fôra estabelecido uniformemente por Urbano v para destruir a distincção entre pobres e ricos:

Estudante
Bergante
Chapeu de alguidar
Com o sentido nas moças
Não póde estudar.

Ou nos occorre, como applicavel á velha universidade, aquella trova dos *Cantos populares açorianos* que nol-o apresenta como uma creatura de excepção, cuidadosa no traje, despertando a attenção dos que passam e sobretudo das raparigas que abrem as rotulas para o vêrem de fugida ao encaminhar-se para as aulas:

Já os canarinhos
Pelas faias cantam,
Já os meus vizinhos
Por aqui se alevantam:
Já os estudantes
Vão para o Estudo,
Com meias de seda,
Calções de velludo,
Fivellas de prata
Que desbancam tudo. (1)

Diaz — *Memoria historica de la universidad de Salamanca* — Salamanca, Imprenta de Oliva y Hermano — 1869, pag. 46). Ninguem, á excepção dos nobres e constituidos em dignidade, deve usar vestidos adornados com seda ou pedras preciosas ou ter cavalgaduras (pag. 47). Os estatutos de 14 d'outubro de 1538 trazem providencias sobre o jogo e sobre as mulheres suspeitas, o que prova que as penas ecclesiasticas não tinham bastado para cohibir aquelles abusos.

(1) Theophilo Braga — *Historia da Universidade de Coimbra*, I, pag. 84 e 85.

Se, porém, applicassemos ao nosso João Rodrigues um ou outro d'estes typos do estudante peninsular, certamente commetteriamos um erro, como em relação a um seu contemporaneo, Garcia da Orta, accentua o snr. Conde de Ficalho. (1) Não é crivel que se désse á vida airada o alumno que, como havemos de vêr, em muito verdes annos merecia da parte de seus mestres provas de extremada consideração e muito menos aquelle cuja infancia deveria ter sido passada a ouvir narrar amarguras da sua raça e talvez a chorar desventuras da sua propria familia.

Em Salamanca, acolhiam-se os portuguezes que frequentavam a Universidade, segundo elle nos conta, n'um collegio sob a invocação de Santa Maria da Veiga, ou da Virgem da Veiga, como lhe chamam os historiadores da velha cidade. Ahi deve ter vivido, visto que se não exceptua ao affirmar que os escolares nossos compatriotas estavam confiados á sua tutella. (2)

O curso medico abrangia o bacharelato em artes, a frequencia da cadeira de philosophia natural e a de duas cadeiras de medicina, de prima e de vespera. (3)

O curso dos artistas comprehendia licções de *Summulas*, de logica, de mathematica, de musica e das linguas grega e hebraica.

O texto das *Summulas* era o velho livro do medico portuguez, Pedro Hispano, elevado á dignidade de pontifice

---

(1) Conde de Ficalho — *Garcia da Orta e o seu tempo.* Lisboa, 1886 — pag. 5.

(2) *In Dioscoridis*, lib. I, en. 110, pag. 105.

(3) Fazemos obra pelos estatutos de 14 d'outubro de 1538 resumidos em Vidal y Diaz, op. cit. Comquanto algum tanto posteriores á época em que Amato frequentou Salamanca, não é provavel que as suas disposições relativamente aos estudos medicos trouxessem qualquer innovação.

com o nome de João XXI. A logica ensinada era a de Aristoteles. Na cadeira de mathematica lia-se a Arithmetica, a Geometria, a Astrologia e a Cosmographia. O cathedratico de Musica explicava durante uma parte da hora a licção e durante outra parte exercitava os alumnos no canto-chão, até março, no canto d'orgão d'ahi até ao S. João, e no contraponto, desde esta época até ás férias.

Nenhum grammatico poderia passar a outra faculdade sem ser examinado.

Depois do bacharelato em Artes, frequentava o alumno medico por espaço de tres annos as duas cadeiras de medicina, seguindo tambem nos dois primeiros a de Philosophia natural, onde eram explicados os textos de Aristoteles sobre a metaphysica, a moral, a politica e a canonica.

Na cadeira de prima de medicina, o texto das licções era escolhido pela maioria dos alumnos d'entre as obras de Avicena.

Não podia ainda o alumno submetter-se ao exame do bacharelato. Devia provar por testemunhas dignas de fé que frequentara por espaço de meio anno a clinica de algum dos doutores ou licenceados da Universidade.

E' possivel que Amato tivesse como professor o veneravel Antonio de Nebrixa, comquanto o não expresse claramente. A ser assim, o futuro medico já pelo menos aos onze annos devia estar em Salamanca. Nebrixa ou Nebrija, que nascera em 1444, estudou em Salamanca Mathematica com Apollonio, Physica com Pascual de Aranda e Ethica com Pedro de Osma. Foi cathedratico de Grammatica e um dos maiores humanistas de que se honra a Hespanha. Morreu d'uma apoplexia em 2 de julho de 1522.

Amato conta uma anecdota a seu respeito que offerece algum interesse. Tratando-se de escolher professor

para uma das cadeiras da universidade salmantina, appareceram a disputal-a o velho Nebrija e um seu discipulo Castilho, talvez de nome Affonso. A eleição fazia-se por suffragios publicos, e esses preferiram Castilho, com tanta mais extranheza que o texto que ambos tinham de commentar era tirado d'uma das obras de Nebrija. Este ficou muito maguado, menos pela tença de 300 aureos que assim perdia, do que pela offensa recebida, e no dizer de Amato ia repetindo: Ingrata patria, não possuirás meus ossos! (1)

Quem não ha duvida de que o teve como discipulo foi um dos mais illustres humanistas hespanhoes, Fernando Nunes, chamado o Pinciano, por ser natural de Valladolid, que depois de ter ensinado a lingua grega em Alcalá veiu a ser cathedratico de rhetorica em Salamanca. Mais tarde, o medico judeu lembrar-se-ha com saudades do seu antigo mestre, cuja erudição louvará na interpretação de Plinio. (2)

Havia em Salamanca outros professores illustres de humanidades, que poderia extranhar-se não serem egualmente lembrados por Amato. André Laguna, seu condiscipulo, teve por mestre de dialectica um doutor portuguez, Henriques, que certamente João Rodrigues recordaria, elle que nunca se esqueceu de memorar tudo quanto em sua vida encontrou que a Portugal se referisse, se tambem tivesse estudado com elle.

E' que em Salamanca, nas cadeiras dos artistas, os alumnos escolhiam os regentes a cujas licções queriam assistir, tendo um anno para a escolha e sendo prohibido a esses regentes o emprego de meios de suborno para at-

(1) Cent. 5.a, cur. 100, pag. 260.

(2) *Dioscoridis*, lib. III, en. 94, pag. 334.

trahirem discipulos. Podiam portanto frequentar ambos simultaneamente o curso de artes e terem differentes professores.

Ao contrario da maior parte dos medicos que punham de parte os estudos cirurgicos porque os consideravam de categoria inferior, Amato consagrava-se á pratica respectiva com' dois mestres que só vivem hoje na memoria pelas referencias que elle lhes faz, Pontano e Olivares. ([1])

De todos os seus professores, porém, o que mais vezes lembra, aquelle a quem se confessa constantemente agradecido e cujos titulos scientificos a cada passo encarece é o celepre Alderete. ([2])

E' pelo menos singular que, tendo a Hespanha dois historiadores da medicina nacional, Morejon e Chinchilla, não se encontre n'elles a biographia do illustre cathedratico. Egual estranheza causa vêr que os chronistas da Universidade de Salamanca, e nomeadamente Vidal y Diaz, o não mencionem no catalogo dos seus lentes.

Não nos é possivel supprir esta deficiencia, mas alguma coisa conseguimos accrescentar ao que d'elle se conhece. Começamos pelo nome. João Rodrigues, em todas as referencias que lhe faz, nomeia-o Alderete, e como elle os demais escriptores que d'elle dão noticia. Garcia Lopes chama-lhe, porém, Lourenço Alderete. ([3]) Devia ter sido longa a sua carreira de professor, porquanto abrangem quasi toda a metade do seculo XVI as lembranças que lhe são feitas.

Alcançou a nomeação de cathedratico de prima e teve

([1]) Cent. 6.a, cur. 100, pag. 601.

([2]) Cent. 1.a, cur. 11, pag. 109.

([3]) *Commentaria de varia rei medicæ lectione*. Antuerpiae, 1558—pag. 57 v.

por discipulo, entre outros, André Fernandes, pae do nosso illustre Rodrigo de Castro. [1] Gosava da reputação de grande pratico, e dava-se á experimentação therapeutica, o que lhe permittiu enriquecer o seu arsenal pharmacologico de grande copia de remedios novos e desconhecidos do commum dos medicos. [2] A elle attribue Amato a invenção do tratamento das estricturas urethraes pelas velinhas. [3]

Se mestres illustres possuiu, teve por companheiros de estudo homens que não menos haviam de illustrar o seu nome. Quatro são indicados nas obras de Amato: Luiz Nunes, Christovam Orosco, João Aguilera e André Laguna; e, á excepção do segundo, que não mais se encontrou com o seu condiscipulo, todos haviam de influir na vida do nosso compatriota.

Luiz Nunes de Santarem deve ter nascido nos primeiros annos do seculo XVI, estudou provavelmente humanidades na sua terra natal e seguiu depois para Salamanca, onde fez o seu curso medico. Ao terminal-o, encontrando vaga uma cadeira de artes na universidade de Lisboa, submettia-se a concurso, era nomeado substituto de philosophia moral em 4 de dezembro de 1529 [4] e immediatamente dava principio ao seu ensino.

Em 31 d'outubro de 1530 era provido na cadeira de *Summulas* por opposição e terminado o triennio da sua nomeação, era reconduzido, em virtude d'uma provisão datada de Evora de 16 d'outubro de 1533, por mais tres

(1) Rodrigo de Castro—*De universa muliebrium morborum medicina.* Hamburgi, 1617—pag. 352.

(2) Francisco Franco—*Libro de enfermedades contagiosas.* Sevilla, 1569, pag. 73.

(3) Cent. 4.a, cur. 19, pag. 544.

(4) *Instituto*, XIV, 1871, pag. 284.

annos, e durante este periodo fazia exame privado para receber o gráu de doutor que não obtivera em Salamanca, tendo sido um dos seus arguentes o celebre mathematico Pedro Nunes. Terminando este segundo triennio, voltou para Salamanca onde provavelmente ensinou Artes.

Em 1541, regressava a Portugal, encontrava a universidade em Coimbra e era nomeado lente da cadeira de Avicena. Terminado o seu triennio, deixou aquella cidade e logo em seguida Portugal, desgostoso seguramente pelos vexames a que as suas crenças o expunham. Foi para Antuerpia, onde os judeus encontravam então abrigo seguro, e ahi exerceu a clinica. Durante a sua residencia n'esta cidade, como o livreiro Steelsio quizesse publicar uma nova edição do Diccionario de Antonio de Nebrixa, accrescentando-lhe um vocabulario medico, encarregou d'esse trabalho Luiz Nunes que o concluiu em 1545. Pouco depois, seguiu para Pariz e n'esta cidade adquiriu taes creditos, que foi nomeado medico da famosa Catharina de Medicis. Quatro ou cinco annos depois, voltava para Antuerpia, onde provavelmente morreu. Para que se saiba a que gráu de renome chegara, basta dizer que no tempo em que aqui residiu, a rainha de Inglaterra tambem o mandava chamar a Bruxellas para a curar de umas sezões de que soffria. André Laguna affirma que lhe deveu a communicação de grande numero de plantas de que não tinha inteiro conhecimento e chama-lhe «varão raro dos nossos tempos». [1]

---

[1] Pedro A. Dias — *A Universidade de Coimbra, Os primeiros mestres da faculdade medica* em *Archivos de Historia da medicina portugueza* v, 1895, pag. 65 e seg.; Sousa Viterbo — *Noticia sobre alguns medicos portuguezes ou que exerceram a sua profissão em Portugal.* 2.a série. Lisboa, 1895, pag. 12; André Laguna — *Pedacio Dioscorides Anazarbei acerca de la materia medicinal. Al benigno lector.*

Christovão Orosco, nascido em Valladolid por 1517, foi um dos mais distinctos discipulos do Pinciano e com elle adquiriu grandes conhecimentos da lingua grega. Escolhido mais tarde para cathedratico da mesma faculdade de que tinha sido discipulo, escreveu commentarios sobre Paulo Egineta e Aecio, notando a respeito d'este ultimo a falta de correcção com que havia sido vertido por Baptista Montano e Jano Cornaro. (1)

João Aguilera foi um celebre medico e astronomo de Salamanca. Amigo intimo de André Laguna, aconselhou o seu illustre condiscipulo a compilar as obras de Galeno. Levado a Roma pelo cardeal D. João de Toledo, foi medico dos papas Paulo III e Julio III. Regressou depois a Hespanha e foi nomeado thesoureiro da cathedral de Salamanca e cathedratico de astrologia n'aquelle estabelecimento scientifico. Deixou uma obra, *Canones astrolabii,* cuja primeira edição é de 1554. Já quando o astrolabio começava a ser abandonado na nevegação, Aguilera aperfeiçoava-o e manejava-o com a maior perfeição para determinar a altura do polo. Sobre o mesmo assumpto imprimira em 1528 outro livro. Dos seus conhecimentos como medico, nada se póde affirmar, comquanto o facto de ser escolhido por dois papas para seu clinico prove pelo menos o lisonjeiro credito de que gosava. (2)

Finalmente, André Laguna mereceu bem o cognome que Amato lhe deu de Galeno da Hespanha. Nascido em

---

(1) *Dioscoridis,* lib. III, en. 87, pag. 330; Id., lib. V, en. 104. pag. 506; Morejon—*Historia bibliografica de la medicina española,* II, Madrid, 1843, pag. 270; Chinchilla—*Historia de la medicina española,* I. Valencia, 1841, pag. 466.

(2) Centuria 1.a, cur. 3, pag. 72; Morejon, op. cit. II, pag. 217; Chinchilla. op. cit. I, pag. 476.

Segovia pelos annos de 1499 [1], desde muito moço, começou a dar provas da sua affeição ao estudo. Já tinha aprendido a lingua latina na sua terra natal com João Oteo e Sancho Villaveses, quando passou a Salamanca, onde estudou dialectica com o doutor Henriques, portuguez, e se graduou bacharel em Artes.

Partiu em seguida para Pariz onde frequentou a Universidade, estudando grego com Pedro Danesio (Pierre Danés) e Jacobo Ruano, e a medicina, com João Ruelio e outros mestres da mesma escola, obtendo ao fim o titulo de doutor.

O primeiro fructo da sua applicação, sendo ainda estudante, foi a traducção da *Physiognomonica* de Aristoteles (Pariz, 1535) do grego em latim, seguida de um pequeno tratado anatomico: *Anatomica methodus* (Pariz, 1535).

Em 1536, regressou á Hespanha e rapidamente adquiriu grande reputação; as universidades disputavam entre si a honra de o contarem no seu seio, mas foi a de Alcalá de Henares que obteve a preferencia. Ahi regeu uma cadeira, e verteu do grego para latim dois dialogos de Luciano e o livro o *Mundo,* de Aristoteles.

Consagrava-se aos seus deveres de professor quando Carlos v o mandou chamar a Toledo para tratar a imperatriz, que falleceu em 1539. N'esse mesmo anno se graduou na universidade d'esta cidade e foi a Segovia para vêr seus paes, mas como então se déssem tumultos em Gand, que obrigaram Carlos v a partir para aquella cidade, Laguna recebeu ordem de seguir o imperador, embarcou na Biscaia em direcção a Londres e d'esta cidade passou a Middelburgo na Zelandia e d'ahi a Gand, ao mesmo tempo que traduzia a *Historia da philosophia,* de Galeno.

---

[1] Chinchilla diz 1494.

Em 1540, a republica de Metz, capital do ducado da Lorena, quiz tel-o para si. Foi essa talvez a época mais brilhante da vida do medico hespanhol. Não só prestou relevantes serviços na peste que affligiu aquella cidade, mas quando Luthero hasteou o pendão da revolta contra o papado, Laguna procurou apaziguar a contenda e evitar por então, com a poderosa influencia da sua palavra, os progressos do incendio. No entretanto, a peste ia-se alastrando e no anno de 1542 era grande o numero das victimas que havia em Metz, multiplicando-se Laguna por acudir a todos. Viu-se, todavia, forçado a partir para Colonia, talvez ainda por exigencia do imperador. A republica não queria deixal-o partir, mas afinal cedeu mediante um solemne juramento de que voltaria a visital-a dentro de tres mezes, o que cumpriu.

Hospedou-se o illustre segoviano em casa de Adolpho Eicholtz, seu amigo, grande jurisconsulto, philosopho, humanista e reitor da Universidade de Colonia. Ahi se reuniam os sabios allemães em colloquios scientificos. Alguns amigos rogaram-lhe que traduzisse em latim uma obra que apparecera na Italia sobre alguns acontecimentos occorridos em Constantinopla, e elle satisfez-lhes os desejos, accrescentando a essa obra um epitome sobre a origem e vida dos imperadores turcos desde Ottomano Solimão. A' publicação d'esta obra seguiu-se a do livro das plantas de Aristoteles.

Augmentando de dia para dia a reputação de Laguna, rogou-lhe a Universidade que orasse em publico para consolo da republica, avergada ás desastrosas calamidades de que era victima. Ardia então a Europa n'uma guerra fratricida. Carlos v destroçava as hostes de Francisco I, rei de França, cobria de cadaveres os campos da Italia e levava os seus exercitos até á Allemanha que fazia gemer

com uma guerra tanto mais cruel que n'ella andavam envolvidas opiniões religiosas. Os camponezes revoltavam-se contra os nobres e senhores, e todos os dias nasciam novas seitas derivadas das opiniões de Luthero. A' guerra accrescia a peste, a fome e os terramotos.

N'um famoso discurso pronunciado a 22 de janeiro de 1543 ([1]) perante principes, ecclesiasticos e grandes dignitarios, Laguna procurou chamar á conciliação os principes christãos contra o inimigo commum que vinha a ser a heresia que dia a dia se ia propagando.

Durante o tempo que permaneceu em Colonia, grande foi a sua actividade scientifica. Traduziu do grego para latim o livro de agricultura de Constantino Cesar Pogonato, segundo uns, ou de Cassio Dionysio, segundo outros, e fez outra traducção do livro *De virtutibus* de Aristoteles, juntando-lhe alguns commentarios.

Voltou pouco depois a Metz onde adoeceu e em 1545 foi a Nancy a pedido do duque da Lorena que rogava lhe acudisse na doença a que succumbiu. Depois do fallecimento do duque, foi para a Italia e de passagem em Bolonha recebeu o titulo de doutor na universidade d'aquella cidade.

Fixando-se em Roma, o papa Paulo III, desejando premiar os serviços que elle prestára á religião catholica, nomeou-o soldado de S. Pedro, cavalleiro da espora d'oiro e conde palatino.

Ahi esteve doze annos, dedicando-se ao ensino e á clinica, sendo nomeado medico de Julio III em 1550. Apesar d'estes encargos, não abandonava o estudo dos auctores gregos. Quando tinha algum tempo livre, retirava-se para o Tusculano, antiga residencia de Cicero, e ahi escreveu a

---

([1]) Morejon diz erradamente 1545.

Vida de Galeno e illustrou as suas obras, eliminando-lhes os defeitos que n'ellas tinha descobrido e reduzindo-as a epitome.

Ainda escreveu um tratado em latim de pesos e medidas medicinaes; o seu methodo para conhecer e curar as carnosidades da urethra e por ultimo os seus *Commentarios de Dioscorides,* para os quaes mandou abrir 650 estampas de plantas e animaes.

Em 1557 regressou á Hespanha e recolheu á sua terra natal onde assistiu aos ultimos momentos de seu pae. Ahi descançava de tantas fadigas e trabalhos quando o duque do Infantado o convidou a acompanhal-o na sua viagem a França a buscar Isabel de Valois, filha de Henrique II de França, que vinha casar-se com Philippe II. Aguardava-o a morte no regresso; Laguna extinguiu-se no principio do anno de 1560. (1)

Havemos de encontrar novamente estes condiscipulos de Amato. Por agora, prosigamos na narração dos episodios da vida do nosso compatriota.

Além de mestres e condiscipulos, falla-nos o medico portuguez de alguns clinicos que teve ensejo de conhecer na velha cidade universitaria. São elles os doutores Gonçalves e Apparra que observaram um caso de hydropisia em que houve perfuração espontanea do ventre seguida de morte (2) e um outro pratico que designa pelo nome de doutor da rainha Isabel, nome que tambem lhe é dado por Daza Chacon. (3) Por este nome era conhecido o Dr. Fernando Albero de Abarca que em 1510 foi incorporado na

(1) Cent. 1.a, cur. 3, pag. 72; cent. 2.a, cur. 15, pag. 232; cent. 4.a. cur. 19, pag. 542; Morejon, op. cit. II. pag. 227 e seg.; Chinchilla, op. cit. I, pag. 357 e seg.

(2) Cent. 1.a, cur. 30, pag. 188.

(3) Cent. 4.a, cur. 23, pag. 554.

universidade de Barcelona [1], mas que posteriormente deve ter vindo para Salamanca.

Comquanto Amato o não diga positivamente, póde legitimamente conjecturar-se que fosse elle um dos seus professores de clinica, visto que na referencia que lhe faz nos falla da presença de alumnos que assistiram á occorrencia que vamos narrar.

Em 1525, assistindo o douto medico, tido em consideração e honra, a um doente e indo visital-o na companhia dos seus discipulos, fez um prognostico relativamente favoravel. Admirado ficou quando voltou á tarde e, tendo-se apeado da mula, um dos que cercavam o doente lhe veiu dizer que elle já tinha expirado. O illustre medico foi vêl-o. Estava coberto com um panno e vestido com o habito franciscano. Cercavam-n'o reverendos monges. Mandou-o descobrir e palpando-lhe o pulso percebeu-lhe ainda movimentos arteriaes, pelo que o transferiu para o leito com as necessarias precauções, fêl-o recuperar os sentidos, e o pretendido morto ainda viveu muitos annos.

Suppuzeram os filhos, a mulher e os creados que a precipitação dos reverendos frades tinha como unica explicação a avareza em recolher o muito dinheiro de contado que revertia em favor das ordens de S. Francisco e S. Domingos. Amato prudentemente attribue o facto mais a ignorancia do que a maldade e como um seu interlocutor affirme que fosse como fosse aquelles monges se retiraram tristes, carrancudos, horridos e esqualidos, o medico judeu responde-lhe com bonhomia ironica: A razão é que se tinham conservado muitos dias e noites sem dormir junto do doente. [2]

---

(1) Morejon, op. cit. II, pag. 195.
(2) Cent. 4.a. cur. 23, pag. 554.

Nas referencias que faz tanto aos seus mestres e condiscipulos como aos clinicos de Salamanca, Amato encarece os merecimentos que tinham, isto quando já as suas longas viagens lhe permittiam estabelecer parallelos com outros centros de instrucção. Mas, apesar d'isso, não se esquece de apontar as deficiencias que notava no ensino da velha universidade, embora timidamente e com respeito.

Em conversa com Luiz Nunes queixa-se este de que em Hespanha se não estudava a materia medica, e Amato confirma o reparo, mas logo assevera que um dos professores, que ainda vivia, se applicava hoje com proveito a esse estudo.

Luiz Nunes deplora tambem a falta de estudos anatomicos na peninsula. Aqui Amato não tem remedio senão concordar plenamente com o seu correligionario e persuade-se de que essa falta subsistirá por algum tempo, porquanto é crime na Hespanha dissecar os cadaveres. (1)

E todavia se era certo que a botanica medica já não era desconhecida no occidente da Europa, tambem já o não era a anatomia. Amato escrevia em 1553 e já em 1548 começara Guevara o seu primeiro curso de anatomia em Valladolid, perante grande concurso de medicos e cirurgiões illustres. A abertura dos estudos fôra precedida de uma consulta ás universidades de Alcalá e Salamanca sobre as vantagens das dissecções e ambas tinham respondido que a anatomia era necessaria não só ao cirurgião mas tambem ao medico. (2)

Amato deve ter sido em Salamanca o typo do estudante applicado e trabalhador. Affirma-nos elle que era

---

(1) *Dioscoridis*, lib. I, en. 135, pag. 132.

(2) Maximiano Lemos — *Historia da medicina em Portugal*. Lisboa, 1899, I, pag. 221.

assiduo na leitura de Gentil de Foligno, um commentador de Avicena cujo livro serviu de texto por muito tempo nas escolas. (1)

Mais, porém, do que este facto, é documentação do que affirmamos o mencionar a cada passo as plantas medicinaes que conhecera na cidade banhada pelo Tormes, como quem se preparava já para escrever o seu commentario sobre Dioscorides que annos depois devia duplicar. Falando de *cyperus,* refere-se á junça avellanada, usada pelos pharmaceuticos salmantinos. (2) Junto a Santa Maria da Veiga, via a salgadeira, cujas tenras vergonteas eram usadas como hortaliça. (3) Apreciava as cerejas de Salamanca como agradabilissimas e noticiava que se preparavam com calda de assucar ou com mel. (4) Louvava como applicaveis a usos medicos as ameixas escuras que alli se colhiam, redondas, negras, de sabor acido gratissimo ao paladar, cujo emprego o seu illustre professor Alderete consentia aos febricitantes. (5) Notava que as maçãs camoezas que se encontravam em Salamanca eram de bom auxilio nas doenças do coração. (6) Aprendia a pratica das escarificações e as suas applicações nas creanças, que ao depois defendia como de muita efficacia. (7) Uma vez ou outra citava casos clinicos observados em Salamanca, como um de hydropisia curado espontaneamente. (8)

---

(1) Cent. 3.a, cur. 1, pag. 354.
(2) *Dioscoridis,* lib. I, en. 4, pag. 10.
(3) *Dioscoridis,* lib. I, en. 110, pag. 105.
(4) *Dioscoridis,* lib. I, en. 143, pag. 139.
(5) *Dioscoridis,* lib. I, en. 156, pag. 151.
(6) Cent. 3.a, cur. 43, pag. 417.
(7) Cent. 1.a, cur. 18, pag. 135 e cent. 5.a, cur. 3, pag. 25.
(8) Cent. 5.a, cur. 37, pag. 132.

Mas esta asserção torna-se indubitavel quando se saiba que aos dezoito annos, e portanto em 1529, já os seus mestres de cirurgia Pontano e Olivares o reputavam tão idoneo na pratica cirurgica que lhe confiavam duas enfermarias nos hospitaes de Santa Cruz e Santa Maria a Branca, o que bem demonstra o elevado conceito em que o tinham. [1]

Recorda-se Amato não só de pessoas mas de monumentos da cidade em que estudou, mas aqui a memoria fraqueja e é pequeno o numero dos que menciona, nem sempre com exactidão.

Já vimos que se refere a um collegio sob a invocação de Santa Maria da Veiga a que se acolhiam os estudantes portuguezes. A ermida da padroeira de Salamanca era antiquissima e, segundo Dorado, anterior ao dominio musulmano. Pelo anno de 1166 os conegos regulares de Santo Agostinho no real convento de Santo Isidro da cidade de Leão déram começo ao collegio, annexo ao qual estava um templo. [2] O edificio foi renovado no seculo XV. Era grande e espaçoso, compondo-se de dois corpos separados por uma imposta, com janellas na planta baixa e balcões na superior, adornado tudo de faixas resaltadas. Tinha, além d'isso, torreões quadrados com arcadas romanas nos angulos e um espaçoso claustro no centro, tambem de arcos romanos sobre pilastras. Em 1867, o edificio estava pela maior parte desmantelado, mas o templo, com tres abobadas gothicas no interior, ainda existia, comquanto destinado a usos particulares. [3] O tempo continuou os seus

---

[1] Cent. 6.a, cur. 100, pag. 601.

[2] Don Bernardo Dorado — *Compendio historico de la ciudad de Salamanca.* Salamanca, por Juan Antonio de Lisanta, pag. 146.

[3] Modesto Falcon — *Salamanca artistica y monumental.* Salamanca, 1867, pag. 320.

estragos. Dezesete annos passados, pouco mais existia do que vestigios do afamado collegio. ([1])

Falla-nos tambem de um templo de Santa Marinha, situado nas margens do Tormes ([2]) de que não obtivemos noticia. Possivel é que haja n'isto confusão, e que, em vez de um templo, Amato se queira referir ao Hospital de Santa Marinha que em 1413 havia sido fundado por Fr. Lope de Barrientos. ([3])

Os outros monumentos que o medico judeu aponta são os hospitaes de Santa Maria a Branca e de Santa Cruz. O hospital de Santa Maria a Branca foi edificado em 1515 por diversas pessoas caritativas, no logar em que anteriormente existia uma ermida. Era especialmente destinado ao tratamento da syphilis e administrado por uma confraria que mais tarde Philippe II tomou sob a sua protecção. Quando este, em 1581, reduziu os hospitaes de Salamanca a tres, foi o de Santa Maria a Branca um dos conservados e confiado ao patronato do cabido. O hospital foi extincto em 1801, aggregando-se os seus rendimentos ao da Santissima Trindade. Os restos do edificio desappareceram em 1861. ([4])

Não encontramos, nos historiadores da velha cidade, referencia ao hospital de Santa Cruz. Houve aqui evidente erro de Amato. Seria o da Santissima Trindade fundado em 1480 pelos reis catholicos?

Não foi Salamanca a unica cidade da Hespanha que o moço estudante visitou. Tambem esteve em Medina del

---

([1]) D. José Maria Quadrado — *España, sus monumentos y artes, su naturaleza e historia.* Barcelona, 1884 — pag. 201.

([2]) *Dioscoridis,* lib. III. en. 42, pag. 307.

([3]) D. Modesto Falcon — op. cit., pag. 50.

([4]) D. Bernardo Dorado, op. cit. 362; D. Modesto Falcon, op. cit., pag. 50.

Campo, a cujas feiras celebres se refere Gil Vicente, e que provavelmente era ponto forçado do seu itinerario para a cidade universitaria. Conta que ahi viu um mercador que, tendo ido a Hespanha comprar açafrão e voltando para Portugal, experimentou as pretendidas propriedades hilariantes d'esta planta. (1)

Agora para nos despedirmos da velha cidade universitaria, não deixaremos de mencionar um facto interessante e que parece desconhecido dos historiadores da litteratura hespanhola, como justamente fez notar o nosso erudito collega dr. Pedro Dias. (2) N'uma das mais famosas comedias hespanholas, a *Tragicomedia de Calisto y Melibéa,* de Rodrigo de Cota, tambem attribuida a Fernando de Rojas e a Juan de Mena, apparece uma proxeneta, a Celestina, que ficou um typo litterario de que se encontram vestigios não só em escriptores castelhanos, mas nos nacionaes, e até na tradição oral portugueza, na allusão á madre Celestina encantadora.

Gil Vicente, Jorge Ferreira de Vasconcellos, João de Barros e o grande Luiz de Camões mais d'uma vez lhe fazem referencia nas suas obras.

Jorge Ferreira cita a *Celestina* em muitos logares das suas comedias. No prologo da *Eufrosina* escreve: «porém é matinado da *Celestina* da mãy, que sempre anda zangando essa rabugem, e é tão desaforada que despira os altares». Na *Aulegraphia,* torna a lembral-a n'esta e outras passagens: «Eu, senhor, queria a entrada franca, e sahir pela porta, por não morrer como *Calisto,* etc.»

João de Barros, na *Grammatica da lingua portugueza,*

---

(1) *Dioscoridis,* lib. I, cn. 25. pag. 45.

(2) *Archivos de historia da medicina portugueza,* v. 1895 — pag. 66.

escripta em 1538, demonstra conhecer bem o seu conteúdo: «A linguagem portugueza, que tenha esta gravidade, não perde a força para declarar, mover, deleitar e exhortar a parte a que se inclina: seja em qualquer genero de escriptura. Verdade he ser em si tão honesta e casta, que parece não consentir em si uma tal obra como *Celestina*». [1]

No auto de *Filodemo,* de Camões, entra uma creada Solina que protege os amores do protagonista com Dionysa; ora, como Vilardo oiça os recados que ella leva ao namorado da ama, compara-a ao typo immortal creado por Cota:

> Como se faz *Celestina,*
> Que por não lhe haver inveja
> Tambem para si deseja
> O que o desejo lhe ensina!

Mais tarde, falando o mesmo Vilardo com Doloroso que vem dar um descante a Solina com uns musicos, diz-lhe: «Já sabias que esta nossa Solina é tão *Celestina* que não ha quem a traga a nós».

Cota descreve esta mulher por fórma a causar engulhos a quem não esteja habituado ás liberdades dos antigos comediographos: «Dias há grandes que conozco en fin de esta vecindad una vieja barbuda que se dice Celestina, hechicera, astuta, sagaz en cuantas maldades hay: entiendo que passan de cinco mil virgos los que se han hecho y deshecho por su autoridad en esta ciudad». [2]

Quasi pelos mesmos termos descreve Gil Vicente a

---

[1] Th. Braga — *Historia do theatro portuguez — A comedia classica e as tragicomedias.* Porto, 1870 — pag. 31.

[2] *La Celestina.* Barcelona, 1883 — pag. 40.

Brizida Vaz no *Auto da barca do inferno.* Quando o diabo lhe pergunta: Que hé o que haveis de embarcar? ella responde:

Seiscentos virgos postiços,
E tres arcas de feitiços,
Que não podem mais levar.
Tres almarios de mentir,
E cinco cofres d'enleios,
E alguns furtos alheios,
Assi em joias de vestir,
Guarda-roupa d'encobrir:
Emfim casa movediça,
Hum estrado de cortiça,
Com dez cochins d'embair.
A mór cárrega que he,
Essas moças que vendia;
D'aquesta mercadoria
Trago eu muita á bofé.
. . . .

E ao anjo que guarda a barca da gloria, dá este troco:

Eu sou Brizida a preciosa,
Que dava as moças ós molhos:
A que criava as meninas
Pera os conegos da Sé.
Passae-me por vossa fé,
Meu amor, minhas boninas,
Olhos de perlinhas finas:
Que eu sou apostolada,
Angelada e martelada,
E fiz obras mui divinas.
Santa Ursula não converteo
Tantas cachopas, como eu;
Todas salvas polo meu
Que nenhũa se perdeo:

E prouve àquelle do ceo,
Que todas achárão dono.
Cuidaes que dormia eu somno?
Nem ponta; e não se perdeo. (1)

Ora suppõe-se que esta Celestina é uma creação de phantasia puramente. Não é assim. Amato, falando de uma fabrica de colla animal que havia em Salamanca, diz que estava situada perto da ponte e não longe da casa da Celestina, mulher famosa de quem se faz menção nas comedias de Calisto e Melibéa. (2) O nosso compatriota, porém, no que meditava, ao perder-se por aquellas paragens, era em que Galeno não menciona no seu livro dos simplices as propriedades d'esta especie de gelatina.

(1) *Obras de Gil Vicente* — Tomo I. Hamburgo, 1834 — pag. 231 a 233.

(2) *Dioscoridis,* lib. III, en. 99, pag. 337.

CAPITULO III

Amato em Portugal — Localidades que percorreu — Lisboa — Pessoas que ahi conheceu — As drogas medicinaes da India e do Brazil — A saída de Portugal.

Se aos 18 annos os seus mestres de cirurgia confiavam a João Rodrigues as suas enfermarias de cirurgia, o que fixa esta data em 1529, é tambem no mesmo anno que devemos marcar a conclusão do seu curso medico, visto que n'este anno, de companhia com o seu condiscipulo Luiz Nunes, veiu para Portugal. (1)

E' natural suppôr que, ausente da patria por tantos annos, procurasse vêr a sua familia. Queremos crêr, porém, que em Castello Branco a sua demora seria muito curta, porquanto as referencias que lhe faz são poucas e de quem pouco se recorda do que lá observou. Lembra-se de ter visto galhas de que fazia tinta de escrever. (2) Viu lá um rapaz de nome Silva que morreu de uma hemoptyse (3)

---

(1) *Dioscoridis,* lib. I, en. 137, pag. 134.
(2) *Dioscoridis,* lib. I, en. 133, pag. 129.
(3) Cent. 5.a, cur. 86, pag. 237.

e observou um caso de fractura n'uma creança de 7 annos que veiu de S. Vicente a Castello Branco. [1]

Mas em Almeida estava seu irmão Pedro Brandão e por intermedio d'elle travou relações com o professor Rodrigo de Reinoso, varão grave e doutissimo que annos depois havia de ser lente de prima na universidade de Coimbra. [2]

Este Rodrigo de Reinoso pertencia a uma familia hespanhola qne no seculo XV se ramificou por Portugal e Italia. Ahi esteve aquelle João Reinoso de quem fala Alvaro Gomes, o auctor da vida e acções do cardeal Cisneros, e o proprio Rodrigo menciona parentes seus que ahi exercitavam a profissão das armas.

Nascido em 1494, vinha da Italia quando Amato o conheceu, e já lá tinha exercido a profissão medica e até o magisterio, adquirindo grande reputação. Sabendo-se que, ao ser nomeado em 1544 cathedratico da universidade de Coimbra, vinha de Salamanca, nenhuma duvida póde haver de que para esta cidade se dirigia ao passar em Almeida. [3]

Outras localidades da Beira Baixa são mencionadas nas obras de Amato, mais ou menos distantes da sua terra natal. Ao norte, fala-nos da Guarda que compara com Castello Branco sob o ponto de vista climatico. Ao passo que reputa temperado o clima d'esta cidade, accentúa que n'aquella os homens tremem de frio no verão, o que depende da proximidade da serra da Estrella, e do vento que d'ella sopra. [4]

---

[1] Cent. 1.ª, cur. 17, pag. 135.

[2] *Dioscoridis,* lib. IV, en. 157, pag. 450.

[3] Pedro Dias — op. cit., in *Archivos de historia da medicina portugueza,* V, pag. 129.

[4] Cent. 3.ª, cur. 13, pag. 367.

Mais para o sul, menciona o Sabugal onde viu nabos de tão agigantadas dimensões e tamanho peso que é licito duvidar da veracidade da affirmação. [1]

E a pouca distancia da fronteira, encontra-se menção da povoação de Ferreira, banhada pelo Tejo, onde Amato verificava que as areias d'este rio ainda carreavam oiro. [2]

Do Alemtejo, conheceu o medico portuguez a villa de Niza, onde observou uma especie de saponaria. [3]

Evora egualmente o teve dentro dos seus muros. [4] Alhi vivia ainda a memoria do celebre Pedro Brissot a quem Amato chama varão dotado da maior erudição, mas que não era possivel que tivesse conhecido pessoalmente. Pedro Brissot nasceu na Vendéa, em Fontenay-le-Comte, no anno de 1478, recebeu o grau de doutor pela Faculdade de Pariz em 27 de maio de 1514 e morreu em Evora em 1522. Conhecedor dos erros da medicina arabica, emprehendeu colleccionar as versões gregas e as traducções latinas dos medicos gregos, comparal-as e restabelecer a sua verdadeira lição. Assim, na Escola de Pariz, quasi toda arabista, explicou publicamente os livros de Galeno, em vez dos textos de Avicena e Rhasis. Mas o que mais contribuiu para lhe dar grande reputação foi o papel que tomou na questão debatida acaloradamente sobre o lado de que se devia sangrar na pleurisia. Contrariamente ao que geralmente se fazia pela auctoridade dos arabes, Brissot, fundado em textos de Hippocrates, sangrava do mesmo lado em que existia a doença. No fundo da questão, outra mais

---

(1) *Dioscoridis,* lib. II, en. 105, pag. 235. Affirma que os nabos pesavam 50 a 60 libras.

(2) *Dioscoridis,* lib. V, en. 70. pag. 491.

(3) *Dioscoridis,* lib. II, en. 157, pag. 268.

(4) Cent. 3.a, cur. 56, pag. 438.

importante se agitava: a substituição do humorismo arabigo-galenico pela doutrina hippocratica em toda a sua pureza.

Sahindo do seu paiz em 1518, Brissot percorreu a peninsula com o proposito de colher plantas medicinaes e fixou residencia em Evora, projectando, segundo diz Amato, seguir até á India para estudar os productos naturaes d'aquella região. Tendo adoecido D. Manuel, e havendo sido chamado o professor pariziense para o tratar, sangrou o monarcha do lado doente, e o tratamento deu excellente resultado, apesar do prognostico do physico-mór Dionysio que pretendia que o rei morreria por não ter sido sangrado do lado opposto ao da doença. Por este motivo escreveu uma memoria em que demonstrava a sua affeição ao arabismo e Pedro Brisot, em resposta, outra em que o hippocratismo renascente era defendido com calor e enthusiasmo.

De Evora não dista muito Extremoz. Tambem ahi encontramos vestigios da sua passagem. Conheceu uma curandeira que pretendia combater toda a casta de doenças com agua de medronho e que era tida na conta de mulher de grande virtude. (1) Seria difficil que, tendo estado na formosa villa do Alemtejo, não se referisse aos seus barros maravilhosos. A censura não póde fazer-se a Amato, que occupando-se das differentes falsificações do afamado bolo armenio, diz que os portuguezes tinham um barro excellente em Extremoz, do qual se faziam vasos formosissimos que quando se chegavam aos labios adheriam a elles por fórma que era difficil despegal-os sem auxilio de agua. (2)

---

(1) *Dioscoridis,* lib. I, en. 158, pag. 154.
(2) *Dioscoridis,* lib. V, en. 71, pag. 491.

Na Extremadura, visitou Amato Abrantes, onde viu melões de polpa aromatica que mereciam o nome de moscatel de cheiro. ([1])

Residiu algum tempo em Santarem, d'onde era natural o seu amigo Luiz Nunes, e onde tinha ou tivera familia, visto que alli nascera seu sobrinho Brandão. Alguns annos passados depois do terramoto que assolára Lisboa e as regiões circumvizinhas em 1531, em occasião em que D. João III estava em Almeirim, e toda a côrte em Santarem, João Rodrigues defendeu no collegio de S. Domingos de cima uma especie de conclusões publicas na presença de grande concurso de homens dados ás lettras. ([2])

Refere-se egualmente a Alcobaça, e ao porto de Pederneira que lhe fica perto. Alli observou o escorpião marinho, que se assemelha bastante ao escorpião terrestre. ([3]) Talvez alli conhecesse o medico Jeronymo da Pederneira, que lhe merece elogios. ([4])

Como verêmos dentro em breve, foi Lisboa a cidade em que mais tempo se demorou. Mas já agora sigamos enumerando as localidades que visitou e a respeito das quaes apontou particularídades mais ou menos interessantes. Fica-nos a pouca distancia Oeiras, onde tinha ensejo de observar mel branco que compara á manteiga ([5]) e Setubal, onde encontrou a colocasia que mais tarde lhe havia de mostrar como uma substancia rara o botanico João Falconer. ([6])

([1]) *Dioscoridis,* lib. II, en. 129, pag. 252.
([2]) Cent. 4.a, cur. 70, pag. 612.
([3]) *Dioscoridis,* lib. II, en. 12, pag. 170.
([4]) *Dioscoridis,* lib. I, en. 148, pag. 144.
([5]) *Dioscoridis,* lib. II, en. 77, pag. 216.
([6]) *Dioscoridis,* lib. II, en. 100, pag. 228.

A localidade mais ao sul que menciona é Alcacer do Sal, onde observou uma especie de jaspe azul, e outro verde, a que se chamava azulejo e que era empregado para adorno das casas. (1)

As suas excursões para o norte foram muito limitadas. Apenas menciona duas localidades da provincia do Douro: Coimbra e Esgueira, proximo de Aveiro.

Em Coimbra, deve ter residido por bastante tempo Amato, porque bastantes referencias faz aos seus monumentos. Estas referencias, com outras que havemos de citar, são feitas a proposito de plantas que encontrava ou de doentes que observava.

Falando da cenoura, affirma que ella cresce em Coimbra, perto do templo de Santa Maria da Esperança. (2) A estaphysagria (delphinium) dava-se muito bem em Portugal, e podia ser observada na mesma cidade junto da fonte da Rainha, perto do mosteiro de Santa Clara. (3) A thapsia via-a junto do convento de Santo Antonio, e a seu respeito affirma que as mulheres a conheciam pelo nome de *tom* e a empregavam para afugentar o demonio, d'onde derivava o proloquio popular: — Eu sou o tom, que o diabo foge d'onde eu som. (4)

Em Esgueira, a 9 leguas de Coimbra, teve conhecimento d'um facto interessante. Vivia ahi uma menina de familia nobre cujo nome era Anna Pacheco, se bem se recordava. Ao chegar á edade da puberdade, e ao apparecerem-lhe os primeiros menstruos, o sexo transmudou-se-lhe pelo apparecimento do membro viril até ahi occulto. Re-

---

(1) *Dioscoridis*, lib. v, en. 119, pag. 511.
(2) *Dioscoridis*, lib. III, en. 81, pag. 324.
(3) *Dioscoridis*, lib. III, en. 82, pag. 324.
(4) *Dioscoridis*, lib. IV, en. 157, pag. 450.

baptizada, recebeu o nome de Manuel e partindo para a India lá adquiriu riquezas e nome. Regressando, casou; mas Amato ignorava se tinha tido filhos; o que sabia era que sempre se tinha conservado imberbe. (1)

Onde, porém, entre nós se demorou mais tempo foi em Lisboa, a unica localidade portugueza onde affirma ter exercido clinica. (2) Além d'isto prova-o sufficientemente a circumstancia de se referir ao clima d'esta cidade como quem d'ahi tinha conhecimento d'experiencia feito. Comparando esta cidade com Roma, affirma que ambas as cidades têm quasi as mesmas elevações polares, mas conjugam-se alguns elementos para que o clima de Lisboa seja superior ao da cidade pontificia. Lisboa está situada na parte mais occidental da Europa, assente em terreno proximamente plano e é banhada pelo Tejo aurifero e pelo Oceano. Nenhuns montes nevosos, nem cerrados bosques a cercam, como não é inquinada pelas emanações que se evolam de horridas lagôas ou pantanos ou de grutas e cavernas profundas. Pelo contrario, rodeiam-n'a campos ferteis, amenissimos jardins, limpidissimas fontes, clarissimos rios, agradabilissimas vinhas, fertilissimos pomares que lhe tornam o ar saluberrimo. A temperatura é suave nas quatro estações do anno. No mais acceso do estio não é o calor tão ardente que afflija os homens, nem no inverno o frio é tão rigoroso que os obrigue a procurar refugio no lume. Rarissimo é observar neve em Lisboa, pelo que os seus habitantes se vestem de simplicissimas roupas, e nunca de pelles. Uma brisa suavissima que sopra do Oceano concorre para lhe tornar constante a temperatura.

E' certo que não é longa a duração da vida média,

---

(1) Cent. 2.a, cur. 39, pag. 274.
(2) Cent. 2.a, cur. 31, pag. 256.

mas as edades longevas são proprias dos climas frios. Os portuguezes resistem bem ás temperaturas extremas, e tanto vivem na zona torrida como nas regiões boreaes. (1)

Entre os doentes que curou em Lisboa contava-se um homem de nascimento illustre, chamado Tavora, que falleceu de phtyriase, tendo ao seu lado constantemente dois escravos para o livrarem dos immundos parasitas que o affligiam. (2) Talvez ahi observasse um caso de colica uterina terminado pela morte. (3) Mais interesse tem a observação de um individuo de 25 annos, que residira na Africa e na India e que soffria de apertos de urethra. N'elle empregou o tratamento pelas vélinhas que aprendera em Salamanca com o seu mestre Alderete e que ao depois foi vulgarizado por um curandeiro chamado Philippe que a si proprio attribuiu a gloria do invento, apesar de o ter recebido de Amato. A este tratamento assistiram Luiz Nunes, o medico Jorge Henriques, possivelmente pae de Henrique Jorge Henriques, que ao depois foi lente da universidade de Coimbra, e o astronomo Manuel Lindo, a respeito do qual nenhumas informações possuimos. (4)

Ahi conheceria o medico Leonardo Nunes, que desde 1522 residia em Portugal. (5) Este Leonardo Nunes, a que se referem alguns auctores portuguezes, é hoje mais completamente conhecido pelos documentos que o erudito escriptor Sousa Viterbo desentranhou dos archivos nacionaes. De 17 de junho de 1522 é a carta que o auctoriza a curar de physica em Portugal e seus dominios e n'ella é chamado bacharel e se diz que residia em Castello Branco.

---

(1) Cent. 3.a, cur. 13, pag. 365 e seg.
(2) Cent. 3.a, cur. 58, pag. 440.
(3) Cent. 5.a, cur. 28, pag. 104.
(4) Cent. 4.a, cur. 19, pag. 544.
(5) *Dioscoridis*, lib. I, en. 148, pag. 144.

Certamente, porém, não se demorou n'aquella cidade, porque em 22 d'abril de 1536 foi nomeado physico da casa de supplicação, chamando-se-lhe licenceado, titulo que conserva nos documentos posteriores. Fallecendo em 1554 mestre Diogo que exercia o cargo de physico-mór, Leonardo Nunes era nomeado para o substituir e na carta que o nomeia, é designado por physico do rei. Poucos mezes depois, por fallecimento do doutor mestre Gil, era nomeado cirurgião-mór, emquanto o filho d'este, Gaspar da Costa, não tomava o grau de licenceado em medicina na universidade de Coimbra e não ia depois, durante um anno, praticar cirurgia no hospital de Nossa Senhora de Guadalupe. Dos grandes creditos de que gosou, ainda fornece provas o snr. dr. Sousa Viterbo, publicando uma carta do conde de Redondo de 6 de dezembro de 1547 em que agradecia penhoradissimo a el-rei o ter-lhe mandado o seu physico para curar uma grave enfermidade, de que a sua familia padecia. Francisco Franco refere-se a elle, narrando uma discussão scientifica em que tomou parte com os dois physicos-móres de D. João III, Leonardo Nunes e o seu predecessor. Versou a discussão sobre a genciana e sobre a conveniencia da sua applicação a uma doença de que soffria o monarcha portuguez. A opinião de Franco conformou-se inteiramente com a de Nunes, e o resultado da applicação deu razão a ambos. (1)

Leonardo Nunes viveu pelo menos até 1569, data da publicação do livro de Franco, visto que n'elle diz: *el uno el phisico mayor passado e el otro el que lo es agora, el prudente Leonardo Nunes.*

Tambem provavelmente ahi conheceu Antonio Luiz,

(1) Francisco Franco — *Libro de enfermedades contagiosas.* Sevilla, 1569 — pag. 41 v. e 42.

a cuja erudição recorre annos depois. ([2]) Este Antonio Luiz, medico em Lisboa, é em Portugal o representante d'aquelles hellenistas que fizeram o movimento da renascença pela erudição. Como é geralmente sabido, o conhecimento da lingua grega era rarissimo no Occidente e andavam de mão em mão commentarios adulterados e infieis; a affluencia á Italia dos sabios de Constantinopla tornou possivel a revisão dos textos, que assim se depuraram dos erros de que andavam pejados. Ora Antonio Luiz, versadissimo nas linguas grega e latina, póde estudar Galeno, Hippocrates e Aristoteles no original e foi certamente este o seu papel na reforma universitaria de D. João III.

Galeno é o objecto principal dos seus commentarios. Confusamente, sem ordem apparente, se é que ha algum fio occulto a relacionar os differentes tratados, passam deante do leitor questões relativas á anatomia, á physiologia, á therapeutica, á pathologia, agitando-se de permeio problemas philosophicos de maior ou menor importancia. Umas vezes, Antonio Luiz limita-se a traduzir e ao que nos parece pela comparação com a traducção moderna de Daremberg, sempre com lucidez e perfeita comprehensão do original; outras vezes, o texto galenico é acompanhado de ligeiras reflexões, condensado, resumido, mas sempre o espirito do commentador se accorda com o do commentado.

Antonio Luiz não se limitou a verter e annotar a obra do medico de Pergamo; no seu livro *De re medica* deixou espalhadas explicações ácerca de alguns aphorismos de Hippocrates, pequenos commentarios em que a doutrina do medico grego é seguida em todo o seu rigor, com

---

([2]) *Dioscoridis*, lib. IV, en. 97, pag. 424.

aquella cegueira que durante muito tempo inutilizou os resultados da propria investigação.

A referencia que Amato lhe fez não permitte affirmar de modo concludente que tivesse travado relações com elle, mas o facto era materialmente possivel, o que reforça a inferencia que se póde tirar da citação. Antonio Luiz, que deve ter nascido no ultimo quartel do seculo XV, diz-se que estudou em Salamanca, mas residiu por bastante tempo em Lisboa, d'onde era natural. Affirma Barbosa Machado que recebeu as insignias doutoraes em Coimbra, onde mais tarde foi professor, tomando conta da cadeira em 4 de março de 1547. As asserções de Barbosa baseaim-se na informação de Figueirôa que foi colhida nos archivos universitarios. D'essa informação resulta que Antonio Luiz foi encarregado por provisão de 11 de janeiro de 1547 de lêr duas licções, uma de Galeno e outra de Aristoteles, tomando posse do cargo na data acima indicada, mas por outra provisão de 13 de janeiro de 1548 foi aliviado da licção de Aristoteles. [1]

Tambem queremos acreditar que foi em Lisboa que Amato mais se entregou ao estudo da historia natural medica, que foi ahi que obteve noticia de muitas especies vegetaes indigenas que mais tarde mencionaria nos seus livros. Já vimos precedentemente que frequentes vezes prodnz nas suas obras a indicação do logar em que encontrou este ou aquelle producto natural. Outras vezes, porém, diz simplesmente que se observam na Hespanha ou na Lusitania, e ainda outras diz especificadamente que os conheceu em Lisboa. Ora parece-nos natural que a

---

[1] Maximiano Lemos — *Hist. de Medicina em Portugal*, I. pag. 305 e 309; *Archivos de Hist. da Medicina*, VI. pag. 146.

maior somma de indicações relativas a esses productos fosse colhida na capital do reino, visto que ahi mais tempo se demorou. Esta supposição encontra confirmação no que Francisco Franco affirma relativamente ao commercio de plantas medicinaes em Lisboa:

«Não deixarei de dizer um costume muito proveitoso que ha em Lisboa, que todos os dias de feira que são dois cada semana, ha herbanarios e muitos com grande quantidade de ervas, raizes, flores e sementes que são vendidos por preços commodos. Grande é o proveito que d'este uso se segue aos que querem exercitar-se no conhecimento d'estes simplices e eu assim o fazia todas as vezes que estive na côrte, gastando os dias de feira exercitando-me no conhecimento das ervas.» [1]

Seja como fôr, encontra-se nos *Commentarios sobre Dioscorides* e ainda nas *Centurias* abundante copia de informações sobre as plantas e outros productos de Portugal.

Vamos organizar uma lista das substancias indigenas de que cita os nomes portuguezes, apontando algumas indicações dos usos que entre nós tinham. Note-se que, além d'estas, muitas outras de que não conhecia as designações lusitanas, viriam alongar o rol, se as mencionassemos.

No livro I, as plantas portuguezas indicadas são:

O lirio de côr de céu *(iris)*.

Junça de cheiro, albafor. (Observou-a em Portugal proximo de Hespanha).

Alméa.

Açafrão.

---

[1] Francisco Franco — op. cit., pag. 39 v.

Oleo de amendoas amargosas.

Oleo de amendoas marquezinhas.

Azeite de meimendro.

Oleo de trovisco.

Oleo de alipivre.

Oleo de aroeira.

Azeite de mangerona.

Terebintho.

Cypreste, cypresteiro.

Cedro.

Tamargueira. (Nasce junto ao Tejo aurifero e possivelmente em outros logares humidos. Suspeita que possa substituir o guaiaco no tratamento da syphilis).

Queiró, urgueira.

Camarinhas. (O fructo é semelhante a pequenas perolas e a planta em parte alguma da Europa cresce tanto como em Lisboa).

Salgadeira. (O nome vem-lhe do sabor salgado).

Azevinho.

Pirliteiro. Os hebreus acreditavam que fosse esta a sarça que Moisés viu convertida em chamma.

Silva macha.

Sargaço *(cistus)*.

Pultegras *(hypocistis)*.

Esteva.

Rosa.

Agua ruça, alpexim.

Castanha.

Cerejas.

Alfarroba.

Azarola.

Maçan de anafega.

No livro II, menciona as seguintes:

Mexilhões.
Bugia *(torpedo)*.
Caramujos.
Lula.
Salmonete.
Peixe sapo.
Solho.
Cadoz. (A palavra vem do hebreu e quer dizer santo).
Atum. (Refere que no Algarve é importante a pesca dos atuns que, salgados e cortados em pedaços, eram levados em barris para toda a Europa).
Porquinhas, bicho.
Natura de velha, capacha de velha.
Cotovia.
Andorinha.
Coalho.
Fel.
Sangue.
Urina.
Mel.
Cera.
Cerveja. (A respeito d'ella fala do lupulo que se encontra na peninsula).
Milho.
Linho.
Fava.
Nabos.
Chirivia. (A raiz era muito usada na alimentação de portuguezes e hespanhoes).
Saramago.
Soldanella.

Espargo.

Anagallis. (As mulheres hispanicas rejeitam-n'a da alimentação depois da chegada do cuco).

Endivia. (Encontra-se por toda a Hespanha).

Leituga. (Usada pelos homens e mulheres de campo em salada).

Abobora.

Pepino. (E' raro vêl-o em Portugal, mas abundante em Hespanha).

Alface.

Pão e queijo de flòr branca.

Erva argentina.

Vermicular.

No livro III, refere-se ás que seguem:

Agarico.

Carlina.

Cardo penteador.

Acanthio.

Rosmarinho.

Ouregão campestre.

Ditamo.

Garofilo ultramarino.

Levistico.

Ameos.

Salsa.

Alichri.

Serapino *(sagapenum)*.

Pimpinella.

Erva do souto *(stachys)*.

Figos do rio amarellos, golfão amarello.

Erva hircina.

Pinilho.
Iva moschata.

No livro IV, merecem-lhe menção as seguintes:

Lysimachia.
Saxifraga.
Espatula fetida.
Espadana, lirio espadanal.
Chupamel.
Silveira, silva.
Agrimonia. (A seu respeito diz que hespanhoes e portuguezes chamavam ao eupatorio de Avicena *guafete*).
Marella mourisca *(amaranthus)*.
Eupatorio de Mesué.
Urgebão macho.
Maios flores (jacintho).
Papoulas. (Na Hespanha empregam-n'as com bom exito nas febres ardentes).
Meimendro. (Viu duas especies na Hespanha, uma de flores vermelhas e outra de flores amarellas).
Bugalho erva, erva de balhesteiros (aconito).
Tremoços de cão.
Hermodactylos.
Lirio convalle.
Fava crassa.
Escudetes, concilhos.
Urtiga.
Atastinha (tasneirinha). Usada na Hespanha contra o morbo gallico.
Pulmonaria.
Erva molar.
Melgas (meliloto).

Cicutaria.
Estellaria.
Hera terrestre.
Unhas de gato.
Avenca.
Avencão.
Pegamaceira menor.
Piorno.
Biguorda (smilax aspera).
Pepino de S. Gregorio.
O tom (thapsia).
Elaterio.

Esparto. (A seu respeito diz que no Algarve se tira grande proveito d'esta planta para fazer cordas, amarras e calabres e fabricar ceiras, cestos e canastras em que se exportam figos e passas para toda a Allemanha, Prussia e Bohemia, França e Scythia).

Ben (myrobalanos).
Narciso.

Erva leiteira. (Era empregada na Hespanha para matar peixes).

Esula maior, turbith negro.

Erva maleitas. (O seu leite é purgativo e d'ahi o nome que lhe dão em Portugal e Hespanha, por ter mau leite).

Mezereão.

Congossa. (As extremidades do caule eram comidas como espargos em Portugal).

Feto macho.

No livro v, refere-se ao:

Lapis lazuli.

Tambem em Lisboa devia ter colhido grande numero de informações sobre productos que vinham do nosso opulento dominio ultramarino, comquanto algumas fossem completadas depois. Das ilhas de Cabo Verde e Madeira nos fala, assim como de productos vindos da India e excepcionalmente do Brazil.

Se Thomé Pires e Garcia da Orta estudaram na India *de visu* os caracteres dos productos da flora e fauna das regiões orientaes, Amato procurava tirar todo o fructo que das viagens dos nossos navegantes se podia colher para as sciencias historico-naturaes, examinando cá os productos que nos traziam.

Aproveitava, para a descripção do acoro, o que lhe haviam affirmado os que tinham navegado na Guiné. (1) A junça avellanada, se se encontrava na Hespanha e na Italia, vinha tambem da Ethoipia e da ilha de S. Thomé. (2) Para a descripção do cardamomo, submettia a contribuição o que vira nos productos trazidos da India. (3) Eram tambem os navegadores portuguezes que lhe permittiam estudar os caracteres do espiquenardo e comparal-o com o que traziam de Tripoli as triremes venezianas. (4) Ha na India uma região chamada Malabar, cujas cidades maritimas são Batequala, Cananor, Calicut, Chalequa, Tanor, Cochim, Choromandel e outras que os portuguezes mais frequentavam que habitavam. D'ahi vinha o betle cujos caracteres minuciosamente expõe. (5) O calamo aromatico traziam-n'o os nossos marinheiros da India, e da mesma India vinha a

---

(1) *Dioscoridis*, lib. I. en. 2. pag. 7.
(2) *Dioscoridis*, lib. I, en. 4, pag. 10.
(3) *Dioscoridis*, lib. I, en. 5, pag. 13.
(4) *Dioscoridis*, lib. I, en. 6, pag. 15.
(5) *Dioscoridis*, lib. I. en. 11, pag. 22.

Veneza pelo mar Vermelho, ao Cairo e a Alexandria. (1) Distinguia o aspalatho do sandalo, aproveitando as informações que obtivera dos nossos navegadores. (2) O almiscar que vinha a Lisboa e que levava seis mezes na viagem não era tão excellente como o que a Veneza acudia por via terrestre. (3) Fornece abundantes esclarecimentos sobre o animal que o produz, e se encontrava no Pegu, no reino chamado Scia, a cujos habitantes os portuguezes davam corruptamente o nome de Corasões em vez de Corascenos. A seu proposito fala dos gatos de algalia, que viu em Portugal e depois em Flandres e Veneza, onde se reproduziam, e cujo conhecimento se devia ao commercio dos lusitanos. (4) Os erros que corriam a respeito do agallocho que se dizia carreado pelos rios do paraiso, rebatia-os fundado no que soubera de mercadores nacionaes que o traziam a Portugal e o vendiam com o nome de páu d'aguia ou calambuco. (5) O anime branco vinha da Guiné, da Mina, e da Africa e ilhas circumjacentes e era usado pelas mulheres portuguezas em fumigações e pelos medicos contra as dores procedentes de frialdade. (6) Sabia da existencia na India e em Cabo Verde de palmeiras de que se extraía oleo alimentar, vinho, mel, fructos, fibras para tecidos e madeira propria para a combustão. (7) Nas pharmacias hespanholas e portuguezas encontrava-se ao tempo o benjoim amygdalino e o benjoim de boninas, que um e outro vinham da Mina. (8) A cam-

(1) *Dioscoridis*, lib. I, en. 17. pag. 31.
(2) *Dioscoridis*, lib. I. en. 19. pag. 37.
(3) *Dioscoridis*, lib. I, en. 20, pag. 38.
(4) *Dioscoridis*, lib. I, en. 20, pag. 40.
(5) *Dioscoridis*, lib. I, en. 21. pag. 41.
(6) *Dioscoridis*, lib. I. en. 23, pag. 43.
(7) *Dioscoridis*, lib. I, en. 31. pag. 50.
(8) *Dioscoridis*, lib. I. en. 71. pag. 69.

phora traziam-n'a da ilha de Borneo ainda os navegadores portuguezes. D'elles colheu que era falso que houvesse uma especie de grande alvura que do céu cahisse. D'elles egualmente obtivera noticia da maneira como se fazia a permuta das mercadorias que os portuguezes levavam pela camphora. A pequena distancia das náus collocavam estes os generos no chão e retiravam para ellas; vinham os habitantes de Borneo e avaliavam o seu valor, collocando ao lado a camphora que davam em troca, afastando-se em seguida. Se o mercador portuguez se conformava com o negocio, retirava a camphora deixando as mercadorias; se não convinha na troca operava-se uma série de idas e vindas até que se accordassem. (1) A respeito do cedro affirma que cresce na Madeira com tanta rapidez como na ilha de Chypre. (2) O côco indico provinha de uma palmeira da India e das ilhas de Cabo Verde. O fructo do tamanho da cabeça d'um homem era usado pelos pharmaceuticos para adorno das suas officinas, e como apresenta á superficie depressões que lhe dão o aspecto d'uma cabeça de macaco, recebera o nome de côco, com que as mulheres costumavam metter medo ás creanças. (3)

Vinham da India conchas variadas, brancas, brilhantes, côr de perola, todas em grande apreço. Perolas descreve Plinio do mar Vermelho, e esta asserção deve ser considerada verdadeira, porque os nossos lusitanos, que negociavam em Ormuz, ilha da Persia, não longe do mar Vermelho, as traziam de lá de grande valor e alvura. (4) Da pedra bazar, affirma que eram fabulosas as noticias

---

(1) *Dioscoridis*, lib. I, en. 81, pag. 80 e 81.
(2) *Dioscoridis*, lib. I, en. 94. pag. 93.
(3) *Dioscoridis*, lib. I, en. 137, pag. 133.
(4) *Dioscoridis*, lib. II, en. 4. pag. 166.

que se colhiam nos livros antigos e que os portuguezes vindos da India affirmavam que era uma concreção tirada do estomago ou do coração d'um animal. ([1])

Fala do marfim que vinha da India ([2]) e a respeito do rhinoceronte refere a conhecida passagem da embaixada de D. Manuel ao papa Leão x, se bem que não com inteira exactidão. Um pormenor affirma que se acha em desharmonia com o que se lê nos chronistas. Ao passo que estes dizem que o rhinoceronte morreu quando estava para embarcar, Amato affirma que o animal seguiu, mas que a náu que o levava naufragou proximo a Marselha, afogando-se a féra, cuja pelle foi offerecida ao rei de França, Francisco I. ([3]) A respeito d'elle poucos esclarecimentos fornece, porque os proprios portuguezes que penetraram no interior da India lh'os não puderam trazer, mas affirma que os medicos que lá exerceram clinica e regressaram asseveram que nenhum antidoto se conhece de mais virtude contra o veneno e febres pestilenciaes do que o corno do unicornio.

A respeito do lagarto, affirma que na ilha de S. Thomé havia uma especie differente da ordinaria, de agigantadas dimensões, que só se podia matar com bombarda, e outras escopetas e machinas de guerra. ([4]) Completa estas informações dizendo que o crocodilo se encontra no Perú, nova terra, e que diariamente os portuguezes se defrontam com elle na ilha de S. Thomé, onde attinge 18 covados de comprido. ([5])

([1]) *Dioscoridis,* lib. II, en. 39, pag. 187.
([2]) *Dioscoridis,* lib. II, en. 50, pag. 194.
([3]) *Dioscoridis,* lib. II, en. 52, pag. 195 e 197.
([4]) *Dioscoridis,* lib. II, en. 57, pag. 201.
([5]) *Dioscoridis,* lib. II, en. 59, pag. 202.

A chrysocolla era uma substancia mineral e vinha a Portugal principalmente da India. ([1]) Falando do mel, refere-se ao assucar que diz dar grande rendimento na Indía, como affirmavam os portuguezes, mas não vinha só d'ahi; a ilha da Madeira, a de S. Thomé, as Canarias, alguns logares da Italia e a nova terra do Brazil produziam-n'o em grande escala, e o modo de o preparar em massas turbinadas era novo e desconhecido dos antigos. ([2]) A respeito do inhame, diz que frequentes vezes comeu batatas doces que vinham das ilhas de Cabo Verde, e era vulgar encontrar em Lisboa, para onde eram tambem importadas da ilha da Madeira. ([3]) E' talvez á farinha de mandioca que se refere quando diz que os portuguezes que tinham ido ao Brazil e careciam de pão, o substituiam por uma massa feita de uma arvore reduzida a pó. ([4]) Emenda Serapião, quando affirma que o sangue de drago é colhido na ilha da Madeira e nas Canarias de uma especie de dragoeiro. ([5])

O tincal era falsificado em Lisboa, do que os mercadores tiravam grande proveito. ([6])

O sal gemma, se provinha da Turquia e se encontrava em grande parte da Allemanha, Hungria e Calabria, existia egualmente em grande quantidade em Ormuz, segundo informações dos portuguezes. ([7])

A raiz da China fôra trazida para Portugal por um

([1]) *Dioscoridis*, lib. II, en. 76, pag. 215.
([2]) *Dioscoridis*, lib. II, en. 77. pag. 216.
([3]) *Dioscoridis*, lib. II, en. 290, pag. 229.
([4]) *Dioscoridis*, lib. IV, en. 34, pag. 391.
([5]) *Dioscoridis*, lib. IV, en. 38, pag. 392.
([6]) *Dioscoridis*, lib. V, en. 64, pag. 487.
([7]) *Dioscoridis*, lib. V, en. 86 a 89, pag. 499.

rico mercador que traficava na India, Vicente Gil de Tristão. (1)

Uma vez ou outra dá noticia de alguns costumes portuguezes, como quando affirma que as nossas conterraneas do seculo XVI não bebiam vinho. (2)

Estes annos passados por Amato em Portugal foram calamitosos para a raça judaica. Deixára de reinar D. Manuel que, nos ultimos annos da sua vida, avergado ao peso do remorso, protegera efficazmente os christãos novos. Estava agora no throno um fanatico, ruim de condição e inepto, cujo primeiro acto foi a edificação de um convento de dominicanos, o que bem fazia ádivinhar o futuro inquisidor. Convém todavia affirmar que todas as concessões obtidas durante o reinado de D. Manuel foram confirmadas desde 1522 até 1524.

Em 1525 reuniam-s'e côrtes em Torres-Novas e ahi, a par de queixas asperas contra a administração, iam de envolta clamores de sangue contra os judeus.

As principaes reclamações dos concelhos n'este ponto visavam o exercicio da profissão medica. Pediam elles que se mandasse estudar a medicina a mancebos de velha rocha christã, visto que a maior parte dos medicos eram christãos novos, e que a profissão de boticario lhes fosse prohibida, ordenando-se mais que as receitas fossem escriptas em vulgar e não em latim, como se usava. Era opinião geral que os medicos e boticarios andavam mancommunados para envenenarem os christãos velhos que publicamente acusavam de seus inimigos.

Os procuradores traziam em seu abono um facto que era do dominio publico. Um medico de Campo-Maior que

---

(1) Cent. 1.a, cur. 90, pag. 348.
(2) Cent. 1.a, cur. 92, pag. 364.

tinha sido queimado como judeu pelos inquisidores de Llerena confessara nos tractos a que fôra submettido que havia envenenado com peçonha differentes pessoas d'aquella villa. Ainda affirmavam que era notorio que os boticarios lançavam nos medicamentos internos tudo quanto os medicos prescreviam sem lhes importar se estes preparados correspondiam ou não ás indicações therapeuticas.

O conselho real parece ter ligado pouca importancia a estas queixas, mas não assim o rei que póde dizer-se que desde o principio do seu reinado dava ouvidos a todas as denuncias relativas aos judeus. O assassinio de um christão-novo que recebera o nome de Firme-fé e era empregado como espião dos seus antigos correligionarios exaltou a sua furia e ainda mais o ultraje da Virgem, venerada em Gouveia com particular devoção do povo. Durante uma parte do anno de 1530 houve n'esta villa constantes scenas de anarchia. Por horas mortas da noite, de subito dobravam os sinos da Egreja matriz. A este signal juntava-se o povo e d'entre elle surgia uma voz que dizia: «Justiça que manda fazer el-rei nosso senhor em taes e taes herejes», e logo uma nuvem de pedras era arremessada sobre as habitações d'esses desgraçados. Com bullas e cartas regias forjadas, extorquiam-se-lhes quantias avultadas e riquezas em pannos e telas, e a justiça era impotente para conter estas violencias.

Em Olivença, que formava uma especie de diocese áparte, regida pelo bispo de Ceuta, D. Henrique, póde dizer-se que já existia a inquisição antes d'ella ter sido estabelecida. Em seguida ás suas visitas á diocese, instauravam-se processos rigorosissimos que davam em resultado a condemnação ao fogo. Um dia que alguns christãos novos foram queimados em Olivença, celebraram-se de tarde jogos de cannas e corridas de toiros para festejar aquelle acto.

No meio d'esta insania, apparece um homem de genio — Gil Vicente — que se insurge contra esta tempestade de odios e malquerenças. Achava-se o creador do nosso theatro em Santarem nos principios de 1531 quando occorreu um terramoto. Os frades desataram em praticas e sermões, attribuindo o phenomeno a castigo do ceu por peccados que designavam e annunciando novo abalo que devia ter logar em hora e dia designados. Os christãos novos começaram a esconder-se, signal evidente de que a elles alludiam os prégadores. Gil Vicente, vendo talvez eminente a repetição das scenas de 1506 e condoido das pobres familias hebréas semi-mortas de terror, pòde reunir os fanaticos denunciadores de tantos males no claustro dos franciscanos e n'um discurso vehemente demonstrou-lhes o absurdo das suas doutrinas e conseguiu suster os incitamentos para se perturbar a paz publica.

Já, porém, n'este anno de 1531, D. João III solicitava em Roma a creação da Inquisição, e no fim d'elle expedia-se uma bulla dirigida ao minimo Fr. Diogo da Silva, em que era nomeado commissario da sé apostolica e inquisidor no reino de Portugal e dominios. Apesar do segredo que o rei havia recommendado, a noticia da creação do medonho tribunal transpirou e desde logo começaram de novo os tumultos que anteriormente se tinham dado contra os christãos novos. Em Lamego, nas ilhas dos Açores e da Madeira, passavam-se scenas que recordavam as anteriores de Lisboa e de Gouveia. Os judeus procuravam conjurar as calamidades que sobre elles impendiam, e desde logo mandaram um emissario a Roma, visto que junto do rei eram de nenhum effeito as suas solicitações.

D. Diogo da Silva não acceitou a nomeação e a breve trecho era suspensa a bulla a que nos referimos. Mas desde logo começaram os christãos novos a sahir d'um

paiz onde a sua segurança perigava. O exodo era difficil e, além dos perigos do transporte, quasi toda a Europa lhes negava asylo. Samuel Usque apostropha-a d'este modo: «Pois Europa, Europa, meu inferno na terra, que direi de ti se de meus membros tens feito a mór parte dos teus triumphos? de que te louvarei, viciosa e guerreira Italia, em ti os famintos leões se cevaram espedaçando as carnes de meus cordeiros; viçosos pastos francezes, peçonhentas ervas pasceram em vós minhas ovelhas; suberba, aspera e montanhosa Allemanha, em pedaços caíram de cima de teus perigosos Alpes minhas cabras; inglezas doces e frias aguas amargas e salobras beberagens bebeu de vós o meu gado; hypocrita, cruel e loba Hespanha, robazes e encarniçados lobos tragaram e ainda tragam em ti o meu velloso rebanho».

Amato não esperou que o rebanho de Samuel Usque fosse de todo dizimado, e presagiando o que estava para acontecer saíu de Portugal. Era isto em 1534.

CAPITULO IV

Amato em Antuerpia — A Casa de Portugal — Productos de Flandres — Pessoas com quem travou relações — Erasmo, Luiz Vives, Diogo Mendes.

Os Paizes-Baixos e nomeadamente Antuerpia eram um dos pontos onde os judeus encontravam mais tranquillidade no principio do seculo xvi. Já desde 1386 encontramos portuguezes estabelecidos em Bruges, mas, segundo affirma o snr. dr. J. Mauricio Lopes, foram as perseguições religiosas que augmentaram a colonia com muitos judeus que continuaram o seu commercio n'esta cidade e exerceram grande influencia em sua vida economica e artistica. A historia e a tradição conservam os nomes de muitos hebreus portuguezes que se fizeram estimar dos habitantes da cidade pelos actos de philanthropia e caridade que praticaram.

Entre os privilegios que lá tinhamos contava-se o de possuirmos um feitor ou consul para proteger o nosso commercio, mas de tal modo os interesses portuguezes se harmonizavam com os da cidade que o burgo-mestre de Antuerpia nos offerecia em 20 de novembro de 1511 uma

casa para ahi armazenarmos as nossas mercadorias. Por essa occasião foram ratificados todos os privilegios anteriormente concedidos aos portuguezes, obrigando-se as auctoridades a fazel-os participar dos que d'ahi em deante se concedessem a qualquer outra nação. Essa Casa de Portugal, como lhe chamavam, servia de centro commercial e de habitação do feitor.

Os encargos da feitoria e os meios de lhes occorrer colligem-se do alvará de D. Manuel, de 8 de maio de 1512, onde se lê: «Nós el-rei fazemos saber a quantos este nosso alvará virem que pela informação que temos dos consules e alguns mercadores da nossa nação estantes em Flandres e Brabante e senhorios do principe de Castella, meu muito presado e amado sobrinho, de como antigamente foi ordenado haver na dita nação bolsa para supprimento de algumas despezas e necessidades da dita nação assim como entretenimento da capella e privilegios e soccorro dos mercadores e mareantes que por acaso se perdem e assim para entradas e festas dos principes e outras coisas necessarias para o que de muito tempo para cá pagavam um grosso por libra de todas as mercadorias que levassem ás ditas partes... queremos e nos praz que os mercadores naturaes de nossos reinos e assim os mercadores vizinhos d'elles, assim os que lá estão como os que de cá forem com mercadorias ou enviarem paguem á dita bolsa o dito grosso por libra... e nós isso mesmo mandamos na dita bolsa pagar de todas as nossas coisas que ás ditas partes vão...»

A feitoria dava subsidios aos naufragos e aos que eram roubados no mar, assim como esmolas aos pobres, e tinha a seu cargo a conservação d'uma capella no convento de S. Francisco. Pagava uma certa quantidade de especiaria aos magistrados da cidade, etc.

Apesar do que fica escripto em documento official, affirma o snr. Joaquim de Vasconcellos que se engana quem suppuzer a feitoria de Flandres uma simples agencia commercial onde apenas se tratava da venda das preciosas especiarias que os navegantes portuguezes alli traziam.

E' certo que pelas mãos dos feitores corriam dezenas de milhões em lettras de cambio, em drogas, em joias e em raridades exoticas, mas tambem elles sabiam escolher bem uma obra d'arte, salvar um livro raro, redigir um documento litterario ou scientifico e guiar as fórmas da diplomacia européa. (1)

Emquanto tivemos o monopolio do commercio da India, foi grande o rendimento da feitoria e podia ella satisfazer todos os seus encargos. Depois tudo mudou. Em 1600 os crédores hypothecarios da casa onde ella estava installada pretenderam fazel-a sahir d'alli, mas não conseguiram o. intento, porque os magistrados mantiveram a posse e obrigaram-se aos reparos que o edificio reclamava, pagando os portuguezes de renda 300 florins. Pela acclamação de D. João IV de Portugal se intentou processo de desapossamento e por sentença de 30 de abril fomos esbulhados de tudo. Celebrada a paz com a Hespanha, reentramos na posse da casa e dos antigos privilegios, depois de 1668. Invadida a Belgica pelo exercito francez, em 1794, foi a casa confiscada; e por decreto de Napoleão, de 10 de julho de 1810, concedeu-a este para alojamento de tropas á regencia de Antuerpia. (2)

Affirma Amato que a Antuerpia affluia grande quan-

---

(1) J. de Vasconcellos — *Archeologia artistica*, Fasc. 12 — 1897.

(2) Francisco Gomes d'Amorim. *Garrett — Memorias biographicas*, tomo II. Lisboa — Imprensa Nacional, 1884 — pag. 165 e 167; J. Mauricio Lopes — *Les Portugais à Anvers au XVI.me siècle.* Anvers — Imprimerie J. E. Buschmann, 1895.

tidade de todos os perfumes da India e de outras regiões [1] e ahi costumavam fundear as armadas reaes dos portuguezes no regresso da India. [2] E' isto confirmado por Guicciardini que nos diz que de Portugal accudia a Antuerpia a pedra e perolas orientaes, o oiro puro, massiço e batido, especies, drogas, ambar, almiscar, marfim em grande quantidade, ruibarbo, aloés, anil, algodão, raiz da China e outras coisas preciosas que vinham da India a Lisboa e d'este porto eram exportadas. Ainda era objecto de commercio o assucar de S. Thomé e os productos do Brazil. Da Guiné, ia a malagueta, e da ilha da Madeira o assucar e o bom vinho que Guicciardini compara á malvasia. Do continente os portuguezes mandavam á cidade hanseatica sal, vinho, azeite, pastel, urzella, vinhos simples e boas fructas, tanto frescas como seccas, cobertas de assucar ou de conserva. [3]

Não são muitas as informações que Amato nos fornece ácerca dos Paizes-Baixos. Apesar de lá se ter demorado por espaço de sete annos, [4] e de ter visitado pelo menos Lovania [5], Malines [6] e Bevers [7], raro se refere aos costumes da região que habitava, e são escassas as referencias que lhes faz. Quando tão constantemente aponta productos naturaes que n'outras regiões observou, aqui parece indifferente aos estudos historico-naturaes, a não ser no que dizia respeito aos productos que vinham de

---

[1] *Dioscoridis*, lib. I, en. 5, pag. 12.
[2] Cent. 3.a, cur. 61, pag. 452.
[3] Luigi Guicciardini — *Histoire des Pays-Bas*, cit. por J. Mauricio Lopes — op. cit., pag. 10.
[4] *Dioscoridis*, lib. I, en. 137, pag. 134.
[5] *Dioscoridis*, lib. III, en. 82, pag. 325.
[6] *Dioscoridis*, lib. III, en. 82, pag. 325.
[7] *Dioscoridis*, lib. II, en. 181, pag. 280.

Portugal. Affirma que viu gatos de algalia em Flandres ([1]); diz que os flamengos de Antuerpia tinham em estimação a pesca, a que chamavam *basim* ([2]); aponta os vinhos do Rheno que ahi se consomem ([3]); indica a frequencia da lepra na França e nos Paixes-Baixos ([4]); noticia que os flamengos têm em apreço a cerveja ([5]); conta que elles usavam uma especie de papas feitas com farinha de trigo e milho misturado com leite ([6]); fala da grande voracidade do avestruz que tinha visto em Antuerpia ([7]); cita as maçãs camoezas que ahi encontrou com abundancia ([8]); observava uma especie de funcho que os allemães traziam a Antuerpia ([9]); e uma outra de cardamomo, mal conhecida, embora já descripta por Dioscorides ([10]); via filamentos d'uma palmeira, que devia ser a palmeira das vassoiras, de que se faziam objectos diversos, como saccas muito bonitas para guardar dinheiro, que poderia aproveitar-se para tecidos, e que da Andaluzia e do Algarve accudia a Antuerpia ([11]); teve ensejo de vêr um xofrango, ave muito rara entre os belgas, e tanto que uma velha residente n'esta cidade recebia do imperador Carlos v tres estuferos por dia para a crear ([12]); refere-se á alimentação usada n'aquella cidade, em que entrava grande cópia

---

([1]) *Dioscoridis*, lib. I, en. 20, pag. 40.
([2]) *Dioscoridis*, lib. I, en. 32, pag. 182.
([3]) *Dioscoridis*, lib. v, en. 7, pag. 472.
([4]) *Dioscoridis*, lib. II, en. 63, pag. 204.
([5]) *Dioscoridis*, lib. II, en. 82, pag. 220.
([6]) *Dioscoridis*, lib. II, en. 86, pag. 222.
([7]) Cent. 2.a, cur. 69, pag. 312.
([8]) Cent. 3.a, cur. 44, pag. 417.
([9]) *Dioscoridis*, lib. I, en. 3, pag. 8.
([10]) *Dioscoridis*, lib. I, en. 5, pag. 12.
([11]) *Dioscoridis*, lib. I, en. 137, pag. 135.
([12]) *Dioscoridis*, lib. II, en. 47, pag. 192.

de carne de carneiro que lhe não parecia de grande utilidade. ([1])

Já não é assim a proposito das pessoas com quem lá teve relações. Pouco tempo depois da chegada de Amato, o feitor portuguez em Antuerpia era Manuel Cirne, natural do Porto, que vivia com uma ostentação e fausto principescos. D'elle se affirma que, tendo dado um banquete e querendo evitar os inconvenientes attribuidos n'esse tempo ao aquecimento pela combustão da madeira ordinaria, mandou queimar canella tanto na cozinha como nos fogões da sala em que se deu o festim. ([2])

Manuel Cirne viveu em Antuerpia em 1537 ou 1538. ([3]) Adoeceu o opulento consul que então orçava pelos 50 annos. O seu medico foi Amato. A doença eram umas simples terçãs duplas. Affirmou-se mais uma vez a generosidade d'aquelle varão magnanimo e liberal que gratificou o seu medico com trezentos ducados d'oiro, qualquer coisa como 600$000 réis. ([4])

Desde então, estabeleceram-se entre medico e doente relações cordeaes. Manuel Cirne frequentes vezes lhe contava usos e superstições dos lavradores vizinhos do Porto, como quando lhe affirmava que nos annos em que as folhas das arvores se cobriam de um orvalho melleo que rapidamente se condensava n'uma especie de assucar o tinham como prognostico de um anno prospero. ([5])

Já antes da chegada de Manuel Cirne, Amato frequentaria com assiduidade a Casa de Portugal e estudaria *de visu* as producções naturaes que ahi accudiam. O que nos

---

([1]) Cent. 2.a, cur. 31, pag. 260.
([2]) Francisco Franco — op. cit., f. 18 v.
([3]) J. Mauricio Lopes — op. cit., pag. 24.
([4]) Cent. 1.a, cur. 3, pag. 66.
([5]) *Dioscoridis,* lib. I, en. 76, pag. 74.

leva a suppôl-o é que, dois annos depois da sua chegada e quando ainda o magnifico feitor não residia em Antuerpia, João Rodrigues publicou a sua primeira obra, o *Index Dioscoridis,* especie de elenco de um trabalho muito mais desenvolvido que mais tarde havia de publicar e em que se refere a algumas plantas indigenas de Portugal e a productos das ilhas de S. Thomé e Madeira que entravam na lista dos que Guicciardini noticía que vinham á cidade hanseatica por intermedio dos mercadores portuguezes.

Viu-se precedentemente que a Casa de Portugal tinha a seu cargo a sustentação de uma capella no convento dos Franciscanos. A este convento se refere Amato, falando-nos do jardim cercado de uma sebe de carrasqueiro, onde cultivavam grande numero de plantas que elle assim teve ensejo de estudar. ([1])

Nos sete annos em que Amato residiu em Antuerpia e nas pequenas excursões que fez em torno d'aquella cidade offereceu-se-lhe ensejo de travar relações com grande numero de pessoas illustradas, algumas das quaes eram portuguezas.

Comecemos pelo mais notavel de todos, o celebre Erasmo. Onde travou relações com elle não o sabemos, mas não póde haver duvida de que o conheceu, porquanto, ao falar do bacalhau, affirma que ouvira de viva voz ao grande humanista que elle correspondia ao que Plinio chamava Bacchus, ([2]) e tambem de viva voz lhe ouviu celebrar as virtudes do vinho e a sua efficacia para combater a acção de alguns toxicos. ([3])

Provavelmente o encontro dar-se-hia em Lovania, onde

([1]) *Dioscoridis,* lib. I, en. 111, pag. 107.
([2]) *Dioscoridis,* lib. II, en. 21, pag. 177.
([3]) *Dioscoridis,* lib. V, en. 7, pag. 471.

existia o famoso collegio trilingue que o grande humanista elevou ao mais alto grau de esplendor. Amato visitou este collegio, ao tempo que ahi ensinava Conrado Goclenio, de quem diz que era doutissimo no grego e no latim. [1]

Não ha favor de apreciação nas palavras de Amato. Goclenio, nascido em Mengeringhausen (provincia de Westphalia, Prussia) por 1499 e fallecido em 25 de janeiro de 1539, é um dos mais notaveis humanistas do seculo XVI. Durante vinte annos, de 1519 a 1539, occupou a cadeira de latinidade no collegio das três linguas, latina, grega e hebraica, de Lovania, e se os seus escriptos impressos são em pequeno numero, e na maior parte traducções de auctores antigos, a sua influencia foi grande como excellente mestre, dizendo Erasmo que lhe perdoava o pouco que escrevia pelo muito que ensinava aos seus numerosos alumnos. Foi grande amigo de Erasmo, e dos nossos André de Rezende e Damião de Goes.

Rezende, escrevendo o elogio da universidade de Lovania, acompanha-o de uma dedicatoria a Goclenio, em cujas aulas, no collegio Buslidiano, muito havia aproveitado, e não era esta a unica obra que lhe offerecia, além de se corresponder frequentemente com elle. [2]

Quanto a Damião de Goes, dão testemunho das cordeaes relações que o erudito allemão com elle travara, as cartas que este lhe dirigiu em 14 de junho de 1534 e a 7 de julho de 1536. [3]

Outro humanista conheceu Amato em Antuerpia, o

---

[1] Cent. 3.a, cur. 65, pag. 449.

[2] D. Carolina Michaelis de Vasconcellos — *Lucius Andreas Resendius Lusitanus,* in *Archivo historico,* III, 1905, pag. 161 e seg.

[3] Publicadas pelo snr. Joaquim de Vasconcellos na *Archeologia artistica.*

valenciano Luiz Vives. O illustre preceptor da princeza Maria de Inglaterra, o homem que em Oxford ensinou direito e theologia com admiração geral, o erudito que com Erasmo e Budé formava o triumvirato das lettras, como então se dizia, era um gottoso, tendo as mãos cheias de tophos extremamente dolorosos que lhe tolhiam a escripta. A ministração indiscreta do guaiaco ainda mais exacerbara a doença, de que se viu livre pela intervenção do nosso compatriota. ([1])

Entre os muitos milhares de doentes que tratou e cujas observações não registou por não pensar ainda em escrever as suas centurias, ([2]) cumpre citar o proprio burgo-mestre, a quem curou do rheumatismo que o vexava. ([3])

Portuguezes notaveis tambem ahi encontrou alguns. Um d'elles foi aquelle physico-mór de D. Manuel, a quem nos referimos precedentemente ao falarmos das suas contendas com Pedro Brissot. Este Dionysio é-nos hoje muito mais completamente conhecido pelas investigações a que procedeu o snr. dr. Sousa Viterbo.

Se não encontrou documento confirmativo de que tivesse sido physico de D. Manuel, outros diplomas testemunham quanto era estimado no paço. Tendo servido o cardeal D. Affonso, filho d'el-rei D. Manuel, exerceu egualmente o mesmo cargo de physico e cirurgião junto de D. João III e de sua esposa a rainha D. Catharina. Por estes serviços recebeu diversas mercês e foi contemplado no testamento de D. Affonso. A ultima tença que lhe foi dada tem a data de 1531 e pouco depois se transportou para Antuerpia. Dionysio, se não era judeu, era pelo menos

---

([1]) *Dioscoridis,* lib. I, en. 101, pag. 99; cent. 1.a, cur. 99, pag. 388.
([2]) Cent. 1.a, cur. 3, pag. 72.
([3]) Cent. 1.a, cur. 99, pag. 386.

christão novo e não ha motivo para nos admirarmos de que um medico tão acceite da côrte se visse obrigado a expatriar-se, quando vêmos Damião de Goes, apesar de christão velho e valído do paço, não poder subtrahir-se ás garras da Inquisição. [1]

Com Dionysio assistiu Amato ao tratamento de uma doente affectada de colica intestinal, de companhia com outro medico portuguez de grande reputação, cujo nome não menciona. [2] Na opinião do nosso biographado, era elle ferrenho partidario do arabismo, o que de resto bem tinha demonstrado na sua polemica com Brissot. [3]

Com Dionysio se encontrou na Antuerpia seu filho Manuel Brudo, ácerca do qual não sobejam as informações. Da leitura do seu livro *De ratione victus,* collige-se que exerceu a clinica na Inglaterra, provavelmente em Londres, e que depois, por motivos que não indica, se transportou a Veneza, onde clinicou. [4] Amato affirma que frequentes vezes discutiu com elle a questão de alimentar os doentes febrís e que o não conseguiu convencer de que as lentilhas lhes deviam ser por completo prohibidas. [5]

Tambem alli encontrou o medico Pedro Fernandes, ácerca do qual nada sabemos além do que Amato menciona. Este clinico, que praticara a sua profissão em Londres, por algum tempo esteve em Antuerpia e foi fixar-se em Veneza, onde provavelmente morreu. [6]

---

(1) Sousa Viterbo — *Noticia sobre alguns medicos portuguezes, etc.* Lisboa, Imprensa Nacional, 1893 — pag. 15 e seg.

(2) Cent. 1.a, cur. 2, pag. 62.

(3) *Dioscoridis,* lib. II, en. 101, pag. 233.

(4) *Liber de ratione victus in singulis febribus secundum Hippoc.* — Venetiis, MDXLIII.

(5) *Dioscoridis,* lib. II, en. 101, pag. 233.

(6) *Dioscoridis,* lib. I, en. 138, pag. 137.

Egualmente travou relações com um medico portuguez, Jeronymo, que, segundo nos informa, foi para a India por mandado regio e ahi adquiriu grandes meritos no exercicio da sua profissão. ([1])

Seria possivelmente Jeronymo Dias que a Inquisição perseguiu em Gòa em 1543. Este medico, da casta de christãos novos, proferia em conversas proposições em desharmonia com as doutrinas catholicas. Avisado o bispo, e apesar de não dar muito credito á denuncia, encarregou algumas pessoas de entendimento que fossem falar com elle e tomassem bem sentido no que elle dizia, e principalmente um sacerdote que tinha algum conhecimento de boas lettras. Avistou-se o padre com o medico frequentes vezes e verificou que este tinha *erros na fé*. Mandou-o prender o bispo e tirar testemunhas que pouco valor tiveram, porque na prisão em que o tinham mettido, em colloquios que tinha com algumas pessoas, sustentava muitas coisas do *testamento velho,* com que se veiu a perceber que era verdadeiro judeu. O bispo então se foi ás casas do governador e com elle um sacerdote theologo, chamado mestre Diogo e frei Antonio, commissario de S. Francisco, e outro frade de S. Domingos, ambos prégadores, e o vigario geral com outros religiosos e todos juntos em uma mesa, depois de terem examinado o processo e terem interrogado o medico, perante grande concurso de povo que se tinha juntado, o houveram por *judeu hereje* e como tal o entregaram á justiça secular. Não se fez esperar a *benignidade* do julgamento. Vista a sentença do tribunal ecclesiastico, o secular condemnava-o a ser queimado vivo, com baraço e pregão, se se não desdissesse dos seus erros, e no caso que os

---

([1]) Cent. 1.a, cur. 9, pag. 356; *Dioscoridis,* lib. IV, en. 191 e 192, pag. 468.

repudiasse e tornasse á fé a ser afogado antes de ser queimado. Então se viu a magna efficacia dos argumentos de Fr. Diogo. Vindo a disputar com o medico, convenceu-o com razões de maneira que conhecendo os seus erros os rejeitou, e quando lhe publicaram a sentença da justiça secular «a tomou com muita paciencia e mostras de arrependimento, com que foi tornado ao tronco, onde mestre Diogo a seu requerimento o confessou e acompanhou até ser n'elle executada a justiça.» [1]

Medicos belgas tambem Amato recorda alguns, ácerca dos quaes nenhuns esclarecimentos fornece, e tambem nós os não pudemos colher. Um d'elles era Manuel Reinel, a quem chama medico douto, [2] e outro Cornelio que escreveu uma memoria ácerca do funcho marinho, publicada nos commentarios de Jeremias Triverio, medico em Lovania. [3]

Egualmente ahi conheceu Christierno Morciense, varão de singular doutrina que em Pariz ensinara publicamente mathematica, e que vindo a Antuerpia com o proposito de embarcar para a Dinamarca se demorou quatro mezes com Amato que d'elle apprendeu muito, conjunctamente com Jodoco Valareo e com o medico Jeronymo a quem ha pouco nos referimos.

Este Jodoco Valareo tem direito egualmente a menção. Amato affirma que era perito em três linguas e que além d'outras obras tinha traduzido o poema de Quinto de Smyrna, as *Posthomericas,* para latim. [4]

---

[1] Francisco d'Almeida — *Chronica do muyto alto e muyto poderoso rey d'estes reynos de Portugal Dom João o III d'este nome.* Lisboa, 1613 — pag. 116 da 3.a parte.

[2] *Dioscoridis,* lib. v, en. 64, pag. 487.

[3] *Dioscoridis,* lib. iv, en. 150, pag. 463.

[4] *Dioscoridis,* lib. iv, en. 101 e 102, pag. 468.

Parece tambem que ahi travou relações com o medico allemão João Ammonio Agricola, embora os poucos esclarecimentos biographicos que ácerca d'este possuimos o não deixem presentir. Segundo Chereau, Agricola foi professor da lingua grega em Ingolstadt, na Baviera, e baseando-se na auctoridade de Mercklin, affirma que floresceu por 1496. As suas obras foram impressas de 1537 até 1541. Teve o grande merito de saccudir o jugo dos arabes, e de cooperar para o renascimento da medicina grega. Fez parte da brilhante pleiade de medicos que commentaram Hippocrates e Galeno e assim reataram a cadeia dos verdadeiros estudos da natureza. (1) Morreu em 1570.

Amato, além das referencias que lhe faz, introduz este medico como seu interlocutor nos colloquios com que ás vezes amenisa differentes passagens dos seus commentarios sobre *Dioscorides*.

A elle explica as razões que o levaram a adoptar o nome de Amato Lusitano, que se resumem em imitar o que tinham feito outros homens dados ao culto das lettras. (1)

Provavel é que de todas as relações de Antuerpia, as que mais frequentasse fossem a do seu amigo Luiz Nunes que chegara áquella cidade quando já Amato lá residia. Com elle se recordava do saudoso convivio das aulas, da vinda para Portugal de companhia com elle, trocava impressões sobre o estado dos estudos medicos em Hespanha, e sobretudo discutia as virtudes dos simplices medicinaes. A medo, referiam-se ao que se estava passando em

---

(1) Dechambre — *Dictionaire Encyclopedique des sciences medicales,* v. Agricola — vol. 2.º da 1.ª série, pag. 196.

(1) *Dioscoridis,* lib. I, en. 166, pag. 160.

Portugal com a raça a que ambos pertenciam, e ás razões que tinham tido para emigrar. (1)

Ainda encontramos noticia em Amato de um pharmaceutico portuguez, Simão de Sousa, que lhe deu a conhecer o antirrhino. Era um homem instruido, a quem Laguna faz tambem honrosas referencias, affirmando que lhe devia os nomes portuguezes de muitas plantas de que não tinha inteiro conhecimento e chamando-lhe espelho de boticarios e diligentissimo esquadrinhador dos simplices medicinaes. (2)

Com estes homens illustres, Amato adquiriu grande somma de conhecimentos, ao mesmo tempo que na leitura da sua preciosa bibliotheca. (3)

Ainda conheceu em Antuerpia um prestidigitador hespanhol de nome Almaum, muito apreciado da côrte de Carlos v, e que praticava toda a sorte de encantamentos e illusões. Accusado pela Inquisição, foi absolvido pelo imperador, mas pouco tempo viveu depois de saír do carcere em que jazera, morrendo em 1541 em casa d'um milanez, Bartholomeu Vicomercato, que muito o protegera. (4)

Referimo-nos ha pouco aos ricos negociantes de Antuerpia, entre os quaes se salientavam os judeus portuguezes. Amato teve tracto com um d'elles, o opulento Diogo Mendes, a quem chama o mais abastado dos mercadores do seu tempo. (5) A este generoso hebreu, cunhado

---

(1) *Dioscoridis*, lib. I. en. 135. pag. 131; en. 137, pag. 134; en. 138, pag. 137.

(2) Laguna — *Pedacio Dioscorides Anazarbeo acerca de la materia medicinal*, pag. 175.

(3) Cent. 3.a, cur. 1, pag. 354.

(4) Cent. 6.a, cur. 87, pag. 518 e 519.

(5) *Dioscoridis*, lib. I, en. 120, pag. 121.

de Gracia Nasci, a quem teremos ensejo de referir-nos, aconselhou o nosso medico o uso da conserva de rosas que de Ferrara lhe mandou Sebastião Pinto. (1)

Este Diogo Mendes, segundo nos informa o snr. dr. J. Mauricio Lopes, esteve preso por motivos que não refere, e os seus bens foram sequestrados. Mais tarde, recuperou a liberdade, perante as reclamações do feitor Ruy Fernandes e do proprio D. João III, que era crédor d'elle pela importancia de 2:000 ducados, proveniente da venda das especiarias na praça de Antuerpia, de que Diogo Mendes tinha o privilegio. Associaram-se n'esta diligencia ao feitor portuguez os consules de Hespanha, de Genova, de Florença e de Lucca, assim como os mercadores allemães, exigindo que se respeitassem os privilegios do commercio. Bem demonstra este facto a importancia do negociante judeu, e a sua riqueza póde avaliar-se por outro facto. Quando Carlos V levantou o sequestro dos seus bens, impoz-lhe a caução de 50:000 ducados, isto é, proximamente 100 contos.

Não é por isto que nos alongamos sobre este judeu, visto que o dinheiro só merece consideração pelo uso que d'elle se faz. No testamento do opulento mercador, deixou elle 1:600 libras de *gros monnaye de Flandres,* perpetuamente aos pobres; 100 libras seriam distribuidas todos os annos, uma terça parte aos prisioneiros necessitados, outra terça parte para casar orfãs pobres e a outra terça parte para vestir os nús.

Espantamo-nos, ao lêr as obras de Amato Lusitano e as d'outros judeus portuguezes, das saudosas referencias que elles fazem ao nosso paiz. Elle, o sem-patria, levou a vida a choral-a. Pois o rico hebreu diz que, se a sua ultima

(2) *Dioscoridis,* lib. I, en. 120, pag. 121.

vontade não puder ser cumprida em Flandres, será feita e ordenada em Portugal. [1]

N'um dos seus livros, Camillo, o grande romancista, o maior que nasceu n'este torrão que não deu nem promette dar outro da sua estatura, commentando a morte d'um judeu que distribue pelos pobres tudo quanto adquirira e no meio d'elles expira, exclama: Até parecia christão! Diogo Mendes, mandando distribuir uma parte dos seus haveres aos pobres portuguezes, aos fanaticos perseguidores da sua raça, praticava um acto superior aos mais bellos da caridade christã.

(1) J. Mauricio Lopes — op. cit., pag. 39 e 40.

CAPITULO V

Amato Lusitano em Ferrara — A côrte de Hercules II — Os medicos e pharmaceuticos de Ferrara — Brasavola e Canani — Alciati — Portuguezes em Ferrara — Isaac Abarbanel.

Sete annos se demorou Amato em Antuerpia, e em 1541 deixou esta cidade e passou a Ferrara, seduzido pelas promessas de Hercules II d'Este, um dos filhos de Lucrecia Borgia. De facto, este permittiu aos judeus convertidos violentamente, que tinham fugido do *forno* de Portugal, como lhe chama José Ha Cohen, que se fossem estabelecer nos seus estados e que seguissem as praticas da sua religião, o que levou muitos a circumcidar-se. (1) Era provavelmente a Ferrara que Samuel Usque se referia ao falar no mais seguro porto da Italia que a piedade divina apparelhara aos judeus para descançarem na trabalhosa viagem de Portugal e Hespanha. (2)

A residencia n'uma cidade como esta, onde as let-

(1) Joseph Ha Cohen — *La vallée des pleurs,* publié par Julien Sée. Paris, 1881, pag. 119.

(2) Op. cit., pag. 216.

tras e sciencias eram apreciadas e cultivadas, devia agradar mais a um espirito elevado como o de Amato do que a demora n'uma terra, como Antuerpia, dada apenas ao trafego commercial.

O dominio da casa d'Este em Ferrara, ao dizer de Jacob Burckhardt, [1] distingue-se por um mixto singular de despotismo e popularidade. No interior do palacio ha scenas medonhas: uma princeza suspeita de ter commettido o crime d'adulterio com um filho d'outro leito, é decapitada (1425); principes legitimos e illegitimos fogem da côrte e vêem-se ameaçados, mesmo no extrangeiro, pelos assassinos mandados em sua perseguição; tramam-se conspirações constantes: o bastardo d'um bastardo quer desthronar o unico herdeiro legitimo (Hercules I); mais tarde este envenena a mulher, depois de ter descoberto que ella o queria envenenar a elle, e é curioso que pratique o crime por instigação de Fernando, irmão da esposa criminosa. A ultima d'estas tragedias foi a conspiração urdida por dois bastardos contra seus irmãos, o duque reinante Affonso I e o cardeal Hippolyto (1506), que foi descoberta a tempo e punida com a reclusão perpetua.

Por outro lado, o systema fiscal era admiravel e devia sel-o, porque é o mais ameaçado de todos os estados da Italia e tem necessidade d'armamentos consideraveis e numerosas praças fortes. Mas, apesar do imposto, a riqueza publica augmentava: o marquez Nicolo exprimia o desejo pessoal de que os seus vassallos se tornassem mais ricos do que os de todos os outros povos.

Se o augmento da população prova o augmento da riqueza publica, deve considerar-se como um facto impor-

---

[1] *La civilisation en Italie au temps de la renaissance.* Paris. 1885. *Passim.*

tante que, no fim do seculo xv, apesar do engrandecimento da capital, não se encontrava n'ella uma só casa para alugar.

Ferrara é a primeira cidade moderna da Europa; n'ella se vêem pela primeira vez, a um signal do principe, erguer-se bairros immensos e regulares; fórma-se n'ella uma população escolhida em virtude da concentração d'um exercito de funccionarios e da presença de numerosos industriaes attrahidos por toda a especie de privilegios: ricos exilados, sobretudo Florentinos, vêm pedir hospitalidade a Ferrara. Mas os impostos indirectos eram esmagadores n'este ducado. E' verdade que o soberano mostrava uma certa solicitude pelo seu povo e que, em caso de penuria, mandava vir trigo extrangeiro e o distribuia gratuitamente, mas em tempo ordinario indemnizava-se pelo monopolio, senão do mesmo trigo, ao menos pelo de muitos generos alimenticios, taes como as carnes salgadas e o peixe e para si reservava o direito exclusivo de vender fructas e legumes que mandava cultivar nos baluartes e taludes de Ferrara. A fonte mais importante dos seus rendimentos era a venda dos cargos publicos, cujos empregados eram renovados todos os annos e que, pagando preços elevadissimos por esses logares, expremiam o povo para se indemnizarem.

O duque orgulhava-se dizendo que em toda a Italia se sabia que em Ferrara os soldados recebiam com regularidade o seu soldo e que os professores da universidade eram pagos em dia fixo, que era rigorosamente prohibido aos soldados roubar os burguezes e que o castello continha uma grande quantidade de dinheiro.

E' certo que os perigos perpetuos em que viviam desenvolviam n'estes principes um grande valor pessoal: em situação tão difficil, era necessario ter meritos para asse-

gurar a propria existencia e cada um se via obrigado a provar com factos que era digno do mando. Os seus caracteres têm lados pouco favoraveís, mas encontram-se n'elles alguns elementos do que constituia o ideal dos italianos. Affonso I d'Este faz uma viagem de instrucção pela Inglaterra, França e Paizes-Baixos, de que volta com um conhecimento profundo do commercio e da industria d'estes paizes. Os principes italianos não se vêem obrigados, como os seus contemporaneos do norte, a viverem com uma nobreza que se considera como a unica classe importante da sociedade e que chega a impôr este preconceito ao proprio principe; aqui o soberano póde e deve empregar todo o mundo; do mesmo modo a nobreza, comquanto isolada da multidão pelo nascimento, só presta attenção á pessoa e não á casta nas relações sociaes.

Um facto que manifesta como o merito se vê honrado em Ferrara é que o soberano impõe á côrte e ao povo a consideração com que honra os seus servidores uteis. Por morte de Lodovico Casella, conselheiro intimo de Borso em materia litteraria, os tribunaes, as lojas de negocio, as aulas da Universidade, encerram-se por motivo dos funeraes; todos recebem ordem de acompanhar o morto, porque o principe deve seguir o feretro. E vê-se effectivamente o primeiro principe da casa d'Este que assiste ao enterro d'um vassallo, vestido de lucto e chorando; atraz d'elle vêm os parentes de Casella conduzidos por fidalgos da côrte; fidalgos são os que conduzem o corpo de um villão, da egreja ao sepulchro.

Era n'este meio d'uma certa elevação que Amato se fixava, depois de ter feito escala por Genova. Contava com a benevolencia do duque reinante e d'elle recebeu honras proporcionadas aos meritos que possuia. E' possivel que fosse medico da côrte, se assim se devem entender as suas

palavras: *sub cujus clientela moratus sum* [1] o que encontra confirmação em outras partes da sua obra, e principalmente na referencia que faz a uma doença de que soffreu Diana d'Este, que fazia parte da familia de Hercules II. [2]

O que, porém, affirma terminantemente é que foi professor de medicina em Ferrara e diz-nos Burckhardt que a Universidade d'esta cidade era uma das mais completas da Italia. Alli se consagrou á explicação dos textos de Galeno e Hippocrates, provavelmente durante todo o tempo que n'ella residiu. [3]

Alojado a principio no palacio do illustre Francisco da Villa, fidalgo ferrarense, [4] travava relações com medicos notaveis que então se encontravam por toda a Italia. Refere-se n'uma passagem das suas Centurias aos clinicos que tinham illustrado Ferrara: Savonarola, Hugo de Senis, Leoniceno, Bonaciolo, Manardo, mas todos estes haviam fallecido quando Amato ahi foi residir. [5] Conheceu, porém, outros tão prestimosos como estes, a quem faz honrosas referencias.

Um d'elles foi Antonio Luceus, medico de Renata, mulher do duque de Ferrara e tanto credito alcançou junto d'elle que foi um dos clinicos consultados por occasião d'um desastre de que sua mulher foi victima. [6] Discutia com o bom velho Vicente Caprili sobre a interpretação de *Dioscorides.* [7] Estudava as propriedades dos simplices

---

(1) *Dioscoridis,* lib. I, en. 137, pag. 134.
(2) Cent. 2.a, cur. 100, pag. 339.
(3) Cent. 6.a, cur. 24, pag. 315.
(4) Cent. 1.a, cur. 30, pag. 188.
(5) Cent. 1.a. cur. 86, pag. 342.
(6) Cent. 2.a, cur. 2, pag. 215.
(7) *Dioscoridis,* lib. III, en. 82, pag. 325.

com o illustre anatomico Gabriel Fallopio que ensinava botanica medica em Ferrara. ([1])

O conhecimento das plantas e das suas propriedades era a sua preoccupação constante. Bem o provam as referencias que faz aos productos naturaes da Italia, como quando fala dos choupos de Ferrara, cujos ramusculos mais tenros os pharmaceuticos aproveitavam para fazer unguentos, ([2]) ou quando affirma que era alli muito vulgar a perca, conhecida em toda a Italia, ([3]) ou ao dar noticia do petroleo de Modena, no monte Zilio ([4]) ou finalmente ao descrever uma especie de jasmim, cultivado nos jardins de Ferrara. ([5])

A cidade, se ainda não possuia o jardim botanico que por conselhos de Antonio Brasavola foi instituido por Hercules II, tinha pelo menos os magnificos hortos de Marcos Pio, onde Amato fazia observar aos seus discipulos differentes especies de lyrios ([6]) e do nobre Azzaioli, onde lhes mostrava a onosma. ([7])

Ahi se encontrava com um botanico viajante inglez, João Falconer, que percorrera grande parte do mundo colleccionando exemplares para o seu herbario ([8]) e com Gabriel de Gabrielís, nobre patavino, muito versado no co-

---

([1]) *Dioscoridis,* lib. II, en. 172, pag. 276 e lib. III, en. 78, pag. 322.

([2]) *Dioscoridis,* lib. I, en 100, pag. 96.

([3]) *Dioscoridís,* lib. II, en. 32. pag. 182.

([4]) *Dioscoridis,* lib. I, en. 81, pag. 89.

([5]) *Dioscoridis,* lib. I, en. 70, pag. 67.

([6]) *Dioscoridis,* lib. I, en. 1, pag. 3.

([7]) *Dioscoridis,* lib. III, en. 144, pag. 358 e lib. IV, en. 110, pag. 429.

([8]) *Dioscoridis,* lib. II, en. 100, pag. 228; lib. II, en. 132. pag. 254; lib. II, en. 172, pag. 276; lib. III, en. 78, pag. 322 e lib. IV, en. 10, pag. 377.

nhecimento dos simplices e que veiu a ensinar publicamente em Ferrara a botanica medica. [1]

Colhia de dois pharmaceuticos illustrados esclarecimentos sobre as drogas. Um d'elles era Thomaz Lucense a quem Manardo confessa ter devido informações de valor e que a Amato mostrava o aloes de Rhodes ou aspalatho [2] e outro Nicolau Nicolucio que preparava admiravelmente o azul ultramarino. [3]

De todos os medicos que alli conheceu, aquelles, porém, com quem teve relações mais intimas e affectuosas foram Antonio Musa Brasavola e João Baptista Canani.

Mesmo para os menos sabedores de historia da medicina, não póde ser um desconhecido o primeiro, um dos mais brilhantes discipulos de Leoniceno e Manardo que, tendo merecido a confiança e amizade de Hercules II, o acompanhou a França onde, por causa de uma these *de omni scibili,* sustentada publicamente durante três dias, recebeu de Francisco I o nome de Musa, por allusão ao celebre medico de Augusto. Ninguem ignora o nome d'um homem a quem os soberanos extrangeiros como Carlos V e Henrique VIII e os papas Paulo III, Leão X, Clemente VII, etc., concediam o titulo de seu physico. E justo é que se não esqueça o nome de um medico que se assignalou como botanico, como syphiliographo, que rehabilitou a tracheotomia e que em materia de pharmacologia deu provas d'um verdadeiro espirito scientifico, emendando erros popula-

---

(1) *Dioscoridis,* lib. I, en. 3, pag. 9; lib. I, en. VI, pag. 17; lib. II, en. 172, pag. 276; lib. III, en. 149, pag. 360; lib. IV, en. 153 e 154, pag. 448; lib. V, en. 90 e 91, pag. 501.

(2) *Dioscoridis,* lib. I, en. 69, pag. 36.

(3) *Dioscoridis,* lib. I, en. 3, pag. 9; lib. III, en. 68, pag. 316 e lib. V, en. 66, pag. 488.

rizados pelos auctores arabistas e até os do seu mestre Manardo. Por ultimo, foi elle quem determinou Hercules II a crear um jardim botanico em que se cultivavam as plantas mais raras e que assumiu a sua primeira direcção.

Pois bem, foi este homem superior o amigo predilecto de Amato, aquelle cuja affeição é sempre designada com o epitheto de *pyladea*, a recordar a intima ligação de Orestes e Pylades. (1) Viam doentes em commum, discutiam sobre as applicações dos simplices e juntos visitavam os magnificos jardins que embellezavam a cidade, não apenas para recreio dos olhos, mas com fins scientificos. Brasavola mostrava-lhe a sua collecção de drogas medicinaes que installara na sua propria casa e tinha excellentemente ordenada, destinando a cada uma das substancias um pequeno cofre. (2)

Esta amizade para com Brasavola tambem lhe causava outros prazeres que não simplesmente os do espirito. Um dia, no seu quarto, o medico italiano deu a provar ao nosso compatriota vinhos preciosos de 150 e 200 annos da garrafeira do duque de Ferrara. (3)

Um facto demonstra o conceito em que Antonio Musa tinha Amato.

Um dia chegou a Ferrara Sebastião Menseo, embaixador da republica de Ragusa e, entre outras commissões de que vinha encarregado, desejava adquirir um medico douto para se estabelecer n'aquella cidade. Consultou o embaixador a Brasavola sobre a escolha a fazer, e elle in-

---

(1) *Dioscoridis,* lib. I, en. II, pag. 7; lib. I. en. 135, pag. 130; lib. I, en. 150, pag. 147; lib. II, en. 60, pag. 204; lib. IV, en. 9, pag. 377.

(2) *Dioscoridis,* lib. V, en. 44, pag. 479; lib. V, en. 90 e 91, pag. 501.

(3) *Dioscoridis,* lib. 7, en. 7, pag. 471.

dicou-lhe o nosso compatriota como competentissimo para o desempenho do cargo. Não contente com isto, como ao tempo Amato tivesse sido convidado com grande recompensa e vantajosa condição pelo rei da Polonia para se transferir aos seus estados e se sentisse inclinado a annuir, Brasavola dissuadiu-o de acceitar estes offerecimentos e concorreu efficazmente para que mais tarde o medico judeu fosse para Ragusa. ([1])

Ainda posteriormente á sahida de Amato dos estados de Hercules II, a amizade para com o illustre medico italiano não esfriou. Quando em Ancona, por diligencia de mercadores portuguezes, obtinha raizes de *costo*, transmittia exemplares d'essas raizes a Brasavola que lhe agradecia a preciosa offerta. ([2]) Egualmente lhe enviava o raponcio, ao mesmo tempo que o mandava ao seu condiscipulo e amigo de tantos annos, Luiz Nunes. ([3])

Não tem a mesma reputação João Baptista Canani, a quem escassas referencias se fazem nos historiadores medicos. Nasceu em Ferrara em 1515 e em Ferrara morreu a 28 de janeiro de 1579. Deve-se-lhe a descoberta, na palma da mão, do musculo curto palmar; com Amato descobriu as valvulas das veias, e inventou alguns instrumentos de cirurgia. Foi o primeiro medico do papa Julio III que o nomeou arcipreste de Ficarolo. Publicou: *Muscutorum humani corporis picturata dissectio* (Ferrara, sem data, pouco mais ou menos por 1541) e *Anatomia*, 1574. ([4])

N'isto se resume o que a seu respeito pudemos encontrar. Vale, porém, a supprir a deficiencia de informa-

---

([1]) Dedicatoria do livro sobre Dioscorides.

([2]) *Dioscoridis*, lib. I, en. 15, pag. 29.

([3]) *Dioscoridis*, lib. III, en. 2, pag. 285.

([4]) Dr. Louis Hahn — *La Grande Encyclopedie*, t. VIII.

ções que a seu respeito obtivemos, o testemunho do seu discipulo Gabriel Fallopio que o considera o unico que no seu tempo ensinava proficientemente a anatomia na Italia. Prodigaliza-lhe os maiores elogios, chama-lhe celeberrimo e colloca-o entre os que levantavam mais alto o pendão dos estudos da estructura do homem. A elle deveu o conhecimento de inventos que depois popularizou em Pisa e Padua. A' excellencia dos seus dotes de espirito correspondia a integridade dos costumes. ([1])

Estas asserções de Fallopio confirmam o que Amato Lusitano já escrevera a respeito do anatomico italiano, seu amigo. Reunidos os elementos dispersos nas suas obras podemos accrescentar mais alguns pormenores ao que a seu respeito se conhece.

Amato não é menos elogioso do que Fallopio ao referir-se ao seu amigo. Se como tal o preza, a admiração que lhe vota excede a sympathia que lhe merece. Considera-o um anatomico insigne e comparavel na arte das dissecções ao proprio Vesalio. Conhecia as suas estampas sobre os musculos que julgava do maximo proveito, estando desenhadas com muita arte e traduzindo fielmente o movimento d'aquelles orgãos. A sua pericia como cirurgião era notavel e bem o demonstra ao affirmar o proposito em que estava de abrir um meato urinario n'um caso d'imperfuração do penis. Com elle se encontrou algumas vezes á cabeceira de doentes e sempre lhe pareceram dignos de consideração os alvitres apresentados pelo anatomico ferrarense. Com elle assistiu á dissecção do utero de uma mulher e verificou que os gemeos podiam ter sexos differentes, o que então se não admittia, ao mesmo tempo que verificava

([1]) Gabrielis Falloppii — *Observationes anatomicæ*. Colonia 1562, pag. 43, 166 e 190.

que aquelle orgão não tinha loculos, ao contrario do que era geralmente acceite. (1)

Mas a referencia principal que Amato faz ao anatomico ferrarense é relativa á descoberta das valvulas das veias. Em 1547, isto é, no ultimo anno que Amato passou em Ferrara, o medico judeu fez dissecar 12 corpos humanos e de animaes, em presença de grande numero de doutores, um dos quaes era Canani. Segundo affirma, encontrou, na abertura da veia azygos na veia cava, valvulas que permittindo ao sangue caminhar d'esta para aquella se oppõem efficazmente ao movimento em sentido inverso. O processo adoptado para o reconhecer foi cortar a veia cava na sua parte superior e soprar para a inferior por meio d'uma cannula, notando que toda esta parte se intumescia assim como a azygos, o que não succedia se, cortada esta veia, se soprasse por ella.

Havemos de ter occasião de nos referir a estes estudos anatomicos e de apreciar os seus resultados.

As investigações de Canani não se limitavam ao homem; muito pelo contrario dissecava os mais variados animaes.

Em poder d'elle viu Amato um xofrango morto, e assistiu á dissecção da cabeça d'um crocodilo. (2)

E já que de anatomicos falamos, é mister dizer que não foi este o unico que o nosso compatriota conheceu na côrte de Hercules II. Assistiu uma vez a uma demonstração anatomica feita por um irmão de Vesalio, cujo nome

---

(1) Cent. 1.a, cur. 27, pag. 165.

(2) As referencias a Canani na obra de Amato constam das seguintes passagens: *Dioscoridis*, lib. II, en. 47, pag. 192; Id. lib. II, en. 59, pag. 202; Cent. 1.a, cur. 27, pag. 165; Cent. 1.a, cur. 23, pag. 159; Cent. 1.a, cur. 31, pag. 191, etc.

nem sequer menciona e a respeito do qual nenhuma outra noticia pudémos encontrar. N'essa occasião pôde verificar algumas particularidades relativas ás inserções do diaphragma. [2]

Travava egualmente relações com um cirurgião habil a quem chama Francisco Magnifico, de quem nada sabemos. [3]

No convivio d'estes medicos illustres, desenvolveria a sua intelligencia e conhecimentos, mas não lhe cabia a elle apenas apprender. Sirva de exemplo o facto de que em Ferrara era desconhecida a pratica das escarificações e que foi Amato quem a introduziu. [4]

Outros homens notaveis conheceu ahi o medico judeu. Nenhum, porém, merece tão extensa menção como o celebre Alciati, a quem chama *Phenix da nossa edade* e que ensinava publicamente o direito ao mesmo tempo que Amato interpretava Galeno e Hippocrates. [5]

Este abalisado jnrisconsulto cuja principal gloria é ter sido, no ensino do direito romano, o fundador da escola historica, ensinou effectivamente em Ferrara desde 1543 até fins de 1546. Singular biographia a sua! Alciati nasceu em Alzate, no Milanez, em 8 de maio de 1492. Era filho de Ambrosio Alciati que desempenhou em Milão o cargo de decurião, isto é, de magistrado municipal. Estudou as bellas lettras em Milão, sob a direcção do philologo João Parisio, e depois cursou o direito na universidade de Pavia, onde recebeu licções de Jasão de Mayno e na de Bolonha, onde foi discipulo do jurisconsulto Ruini. Tinha apenas 21 annos quando publicou, em 1513, um com-

---

[2] Cent. 1.a. cur. 61, pag. 288.
[3] Cent. 1.a, cur. 31, pag. 191.
[4] Cent. 1.a. cur. 18, pag. 137.
[5] Cent. 6.a, cur. 24, pag. 315.

mentario sobre os três ultimos livros do codigo de Justiniano; no anno seguinte era proclamado laureado da universidade de Bolonha e promovido ao grau de doutor. Durante três annos exerceu a profissão de advogado, mas o seu amor ás investigações scientificas desviou-o cedo do fôro. A publicação de dois tratados de direito romano augmentou-lhe a reputação e no decurso do anno de 1518 o cardeal legado da Santa Sé em Avinhão encarregou-o de ensinar direito civil na universidade d'esta cidade.

As suas licções, em que inaugurava um methodo novo, causaram uma grande impressão; o seu ordenado que era de 500 escudos foi elevado a 600 e recebeu de Leão X o titulo de conde palatino de Latrão. Convidado em 1520 a tomar conta de uma cadeira em Ferrara recusou, mas no anno seguinte, tendo-lhe sido reduzidos os honorarios em razão do aperto das finanças da cidade, voltou a Milão e retomou a profissão de advogado. Publicou então a primeira edição do seu *Livro dos emblemas (Emblematum libellus)*, collecção de sentenças moraes, em disticos latinos, que teve excellente acolhida e foi reimpressa, muito augmentada, em Augsburgo, em 1531, pelo sabio antiquario Conrado Peutinger, a quem o auctor a dedicara, e teve depois numerosas edições. Entretanto Alciati desejava vivamente renovar a sua carreira de professor. Voltara a Avinhão em 1528, a esperar uma vaga que tardava a dar-se, quando recebeu da municipalidade de Bourges propostas que acceitou immediatamente. A universidade d'esta cidade, fundada em 1463, não adquirira ainda a celebridade que depois teve para o ensino do direito, mas os magistrados de quem ella dependia, seduzidos pela grande e legitima reputação de Alciati, offereceram-lhe a cadeira de direito civil com um ordenado de 600 escudos. Alciati contractou-se por 10 annos e abriu o seu curso em 29 de

abril de 1529. As suas licções não tiveram menos brilho que as de Avinhão, e attrahiram numerosos discipulos, entre os quaes se contam Fr. de Connon, Conrado Gessner, João Calvino, Theodoro de Béze, J. Amyot, Melchior Wolmar, J. Canaye, etc. Francisco I quiz assistir a um dos seus cursos e para o determinar a renovar o seu contracto concedeu-lhe, em 1531, a pedido do cardeal de Tournon, arcebispo de Bourges, uma pensão de 300 escudos.

Alciati prolongou a sua residencia n'esta cidade até meados de 1533; n'esta época, depois de ter recusado as offertas do cardeal Bembo que queria chamal-o a Padua, acceitou as do duque de Milão, Francisco Sforza, que o nomeou professor da universidade de Pavia com o ordenado de 1:500 escudos e o titulo de senador. Desde então, nunca mais deixou a Italia, e ensinou successivamente em varias universidades. A guerra entre Francisco I e Carlos V de que foi theatro o Milanez, em 1536, acarretou a suspensão dos cursos de Pavia; Alciati foi, no fim de 1537, para Bolonha, onde o Senado lhe confiou a cadeira de direito civil com o estipendio de 1:200 escudos, e apesar das tentativas feitas pelo Senado de Milão para lhe tirar o illustre professor, conseguiu conserval-o até 1541. N'essa data, Carlos V, que se apoderara do Milanez, usou da sua auctoridade para chamar Alciati para Pavia, onde ensinou com o mesmo ordenado que em Bolonha. Tendo novamente estalado a guerra no Milanez, acceitou em 1543 do duque Hercules d'Este uma cadeira na universidade de Ferrara; ahi ensinava quando recebeu do papa Paulo III o titulo de pronotario apostolico. No fim de 1546, a paz permittiu-lhe voltar para Pavia, onde morreu quatro annos depois, a 12 de janeiro de 1550. [1]

---

[1] *La Grande Encyclopedie*, II, V. Alciati.

Outro nome prestigioso nos aponta Amato entre as suas relações de Ferrara, o de Ariosto. Não vá, porém, imaginar-se que se trata do grande poeta do *Orlando furioso.* Não podia ser esse que falleceu em 1533. Aquelle a quem Amato prestou soccorros e arrancou á morte, a 20 milhas de Ferrara, na cidade de Milliario, deve ser um irmão do primeiro e provavelmente Galorso, que foi embaixador do duque de Ferrara em Ingolstadt. (1)

Compatriotas nossos, encontrou em Ferrara Diogo Pires e Estevão Pyrrho, com sua esposa Anna (2) e teve ensejo de conhecer e tratar Samuel Abarbanel, membro da illustre familia que bracejou por toda a Europa, depois de expulsa de Portugal.

Samuel Abarbanel nasceu em Lisboa em 1473. Era filho de Isaac e neto de Judas Abarbanel. O pae mandou-o para Salonica, para cultivar os estudos talmudicos, e depois viveu em Napoles onde foi empregado como financeiro pelo vice-rei D. Pedro de Toledo. Tinha uma grande fortuna que não montava a menos de 200:000 sequins d'oiro. Samuel Usque chama-lhe tremegisto, o que significa três vezes grande: grande na sabedoria da lei do Senhor, grande na liberalidade de bem fazer e grande na faculdade com que o fazia. Empregou generosamente a sua fortuna em casar muitas orphãs e fez grandes esforços para remir captivos.

Os contemporaneos chamavam-lhe Nasi (principe) e respeitavam-n'o muito. A sua segunda mulher, Bemvinda Abarbanel, uma creatura cheia de prudencia, cultura, graça, piedade e caridade, nobremente lhe secundou os esforços. O vice-rei de Napoles quiz que sua filha Leonor, mais tarde gran-duqueza da Toscana, se creasse debaixo da disciplina

---

(1) *Dioscoridis,* lib. IV, en. 40, pag. 393.

(2) V. Capitulo I.

d'esta senhora e na sua casa, e Leonor, depois que se casou com Cosme de Medicis, sempre a procurava, tratava e venerava como a mãe. ([4])

Samuel Abarbanel foi um patrono da instrucção judía. A sua casa tornou-se um refugio de estudantes hebreus e christãos. O portuguez emigrado David ben Yahya, a quem Samuel succedeu no cargo de rabbi de Napoles e o cabalista Baruch de Benavente foram seus intimos. Seguindo o caminho traçado por seu pae e ajudado pela sua nobre mulher, Samuel constantemente ajudou os seus irmãos em crença.

Quando Carlos v publicou um edito expulsando os judeus de Napoles, Bemvinda, com o auxilio de Leonor, interveiu em seu favor tão efficazmente que o decreto foi revogado. Mas, alguns annos mais tarde, quando Carlos v ordenou que os judeus ou abandonariam a cidade ou haviam de usar signaes distinctivos, Abarbanel fixou-se em Ferrara, onde morreu em 1551, sobrevivendo-lhe Bemvinda três annos. ([1])

E, ao terminar esta enumeração dos portuguezes que Amato conheceu em Ferrara, não passe desapercebido um lamecense que andava mostrando ao povo, em companhia de um seu socio, Christovão Almeida, um anão de 26 annos, com o que adquiriu avultada receita. ([2])

([4]) Imanuel Aboab—*Nomologia o discursos legales*, 2.a edicion—Amsterdam, 5487, pag. 327 e 328.

([1]) *The Jewisch Encyclopedia*, v. *Abravanel.*

([2]) Cent. 1.a, cur. 25 e 26, pag. 161 e 163.

CAPITULO VI

Saída de Ferrara — Residencia em Veneza — Diogo Furtado de Mendoza e Jacob Mantino — Os medicos de Veneza — Fixação em Ancona — Pessoas com quem tratou — O prior dos dominicanos.

Não se nos affiguram convincentes as razões dadas por Amato para explicar a sua saída de Ferrara, onde pelo visto tinha relações de pessoas altamente collocadas, clinica remuneradora, e meios faceis de satisfazer a sua curiosidade scientifica. Dirigindo-se ao senado de Ragusa, diz-lhe que annos antes tinha chegado a Ferrara um embaixador do mesmo Senado, Sebastião Menseo, se bem se lembra, trazendo, entre outras commissões, a de escolher um medico idoneo para ir residir n'aquella cidade. Indicado por Brasavola, transferiu-se para Ancona para estar prompto a partir á primeira voz, e ahi recebeu excellente acolhimento de dois patricios ragusanos, João e Benedicto Gondola. (1)

Se nos lembrarmos de que é pequena a distancia de Ferrara a Ancona, e que ao escrever aquellas palavras

(1) Dedicatoria de *Dioscoridis.*

Amato já esperava havia quatro annos a resolução do Senado, não se extranhará a resistencia em acceitar sem reservas esta declaração.

Estamos em crêr que as razões foram ainda as perseguições á raça judaica.

Sabemos que Hercules II permittira aos christãos novos o seu estabelecimento em Ferrara, mas o favor de que elles gosavam era relativo. Nem outra coisa se podia esperar de quem, longe de ser um espirito tolerante, chegou a prender a mulher, Renata de França, por motivos religiosos e a forçou a comparecer perante o tribunal da inquisição, que a condemnou a prisão perpetua e ao confisco dos seus bens, e isto porque era accusada de proteger os calvinistas.

Ainda mesmo, porém, que Hercules II não quizesse deixar de honrar os seus compromissos, é possivel que a isso fôsse forçado pela população. E' o que deixa perceber Samuel Usque, embora refira o acontecimento a 1551, isto é, a uma época posterior á saída de Amato.

«No mais seguro porto da Italia, diz elle, que a piedade divina me apparelhou para descansar da trabalhosa viagem de Portugal e Hespanha paço me vi do inimigo espiritual invejado e déram-lhe meus delictos as forças. Succede o haver peste em alguma parte da terra de Grisões e Allemanha, e como este seja um mal tão contagioso, alguns passageiros que a esta cidade arribaram d'aquellas bandas enfrascando a terra, alguma pouca gente perecia morrendo tambem á volta d'ella portuguezes hebreus; tomou o povo opinião que d'elles havia este mal procedido, porque d'aquella parte era o caminho que da Hespanha e Portugal a este seguro porto nos guiava, e teve esta opinião tanta força, que sobre ser a opinião do senhor da terra a mais favoravel e bem inclinada a reparar o des-

troço de nosso captiveiro, que depois da perda segunda achamos pelo mundo, o moveram as importunações do povo contra nós e quasi forçando assim mesmo pelos contentar fez desterrar a todos os portuguezes que n'esta sua cidade habitavam, os quaes com todo o trabalho e miseria que imaginar se póde porque sendo que o povo os contava por enfrascados não havia nenhum que por seu dinheiro os ajudasse na partida e sobre isso expirou de noite o termo que haviam dado para saír e era necessario sob pena das fazendas embarcar-se onde verieis irmãos os cansados velhos ás escuras com suas caixas ás costas cairem no meio das ruas, por não poderem suas debilitadas forças com o desconveniente peso: e junto d'elle caído chegar-se a fraca velha sua mulher a chorar e lamentar-se de sua sorte; verieis outros com ancia levarem arrastando o que não podiam carregar sobre si; e além d'isso já que com tanta fadiga arribavam ao porto arremettiam a elles os que ahi eram postos da justiça para os guardar e com as espadas núas e as lanças aos peitos lhe faziam dar esses poucos dinheiros que levavam para a viagem, os quaes foram depois bem castigados pelo justo seu principe: como entraram dentro nas barcas que a peso d'ouro os acceitavam, levaram-nos ao mar e d'alli saíram em praia d'este mesmo senhorio, onde de máu tratamento do logar assás angustia padeceram; mas com toda ella quiz a divina misericordia não morresse creatura alguma de todos elles nem ainda se achou adoecer, o que foi manifesto signal não serem apestados, nem haver d'elles aquelle mal procedido.

«Não obstante isto indo todavia a peste lavrando na cidade, quizeram os naturaes que lhe desoccupassem os portuguezes a praia e se fossem, de maneira que se tornaram a embarcar e uns passando á Turquia foram assal-

tados de corsarios e ladrões que pelos deixar lhe lançavam um boccado d'oiro na bocca que tragassem; outros vagando por esse mar Adriatico não sabiam que conselho tomar porque todolos portos estavam com lanças nas mãos esperando-os se a elles arribassem.»

Mesmo que não seja a Ferrara que se refira esta citação, não póde haver duvida de que a população d'esta cidade se mostrava hostil aos judeus, e dentro em breve o mostraria bem. E' por isso que suppômos que fôsse a aversão que inspiravam as suas crenças que levasse Amato a transferir-se para Ancona. A saída effectuou-se em 1547, no mez de maio, (1) seguindo pelo littoral do mar. Pouco depois foi a Veneza onde teve uma curta residencia. (2)

Entre as pessoas que alli conheceu, a uma sobretudo deveu obrigações, o celebre embaixador de Carlos v, Diogo Hurtado de Mendoza. (3) Nada surprehende que um espirito culto como o do auctor do *Lazarillo de Tormes,* e da *Guerra de Granada,* o guerreiro de Pavia, o politico habilissimo, tivesse sympathia por um homem da illustração de Amato.

Em casa d'elle recebeu hospedagem e teve ensejo de observar alguns idolos de preciosa substancia que lhe tinham sido mandados por um irmão que tinha sido vice-rei do Novo Mundo. (4)

Um d'elles era fabricado d'uma pedra rara, a thyite, de côr verde, da altura de quasi um covado, tendo no meio um buraco que não excedia o diametro da palma da mão. (5)

Outra riqueza mineral que alli viu foi uma especie de

(1) *Dioscoridis,* lib. IV, en. 54, pag. 401.
(2) Cent. 1.a, cur. 31, pag. 190.
(3) Cent. 1.a, cur. 1, pag. 61.
(4) Talvez o marquez de Cañete, fallecido em 1560.
(5) *Dioscoridis,* lib. V, en. 113, pag. 509.

jaspe muito brilhante da mesma proveniencia. Era um grande bloco que o embaixador de Carlos v mandou serrar de maneira que obteve três excellentes espelhos. A pedra apenas differia do jaspe commum pela sua dureza, mas esta era notavel, motivo pelo qual o canteiro que se encarregou do córte só á custa de muito dinheiro se desempenhou do trabalho. (1)

Os obsequios que recebeu de Diogo de Mendoza tinham como explicação os serviços que o nosso compatriota lhe prestara como medico. Ao chegar a Veneza, encontrara-o doente e rapidamente o curara. (2)

Por intermedio d'elle certamente, conheceu o seu correligionario Jacob Mantino, a quem chama doutissimo medico e perito em muitas linguas. Ao que diz Kayserling, Mantino nasceu em Tortosa pelos annos de 1490 e praticou a medicina com excellentes creditos em Bolonha e Veneza. Em Bolonha, fez imprimir em 1526 uma traducção latina da introducção de Maimonides ao tratado mischnico intitulado «Os principios dos padres», e ahi travou amizade com Leão o africano, que compoz para o seu amigo israelita um vocabulario arabe-hespanhol, que ainda hoje existe na Bibliotheca do Escurial. Em 1532 abandonou Veneza para ir a Roma, onde veiu a ser medico ordinario do papa Paulo III. Traduziu algumas obras philosophicas de hebreu para latim e é auctor d'uma versão latina do Moreh de Maimonides, attribuida falsamente a Justiniani. Affirma ainda Kayserling que morreu em 1649. (3)

Estes curtos apontamentos biographicos contêm algumas inexactidões, e a data da morte principalmente está

(1) *Dioscoridis*, lib. v, en. 119, pag. 510.
(2) Cent. 1.a, cur. 31, pag. 190.
(3) Op. cit., pag. 65.

errada, sendo provavelmente um erro typographico, e devendo ser 1549. Mantino deve ter vindo estabelecer residencia novamente em Veneza, onde Amato o encontrou. Aproveitando os seus conhecimentos linguisticos queria leval-o a emprehender uma traducção completa de Avicena, deturpado por versões infieis, tanto mais que Mantino já realizara uma parte d'esse trabalho. Não conseguiu Amato resolvel-o, porquanto Mantino acompanhou um patricio veneziano que se dirigia a Damasco, como embaixador da republica de Veneza. Mal chegado áquella cidade, Mantino morreu. [1] Ora a primeira centuria das curas medicinaes de Amato é datada de Ancona nas calendas de dezembro de 1549, de modo que não póde haver duvida de que esta deve ser a data do fallecimento de Mantino.

E para terminarmos o que a respeito da traducção de Avicena por Mantino se colhe das obras de Amato, falta-nos dizer que o nosso illustre medico reviu o manuscripto da 4.ª Fen do 1.º livro de Avicena, sobre o qual escreveu um commentario que estava a ponto de dar á luz. Não foi possivel; quando mais tarde os agentes de Paulo IV perseguiram novamente os judeus, e Amato se viu obrigado a fugir precipitadamente de Ancona, o commentario foi apprehendido e não houve meio de rehavel-o mais. [2]

Tambem em Veneza se encontrou com D. Beatriz de Luna, ou Gracia Nasi, a quem chama nobilissima, opulentissima, e ornada de todas as virtudes. Esta senhora havia adquirido por cento e trinta ducados d'oiro uma pedra bazar quasi do tamanho d'um ovo, a um nobre portuguez que tinha sido vice-rei da India. [3]

---

(1) Cent. 1.ª, cur. 1, pag. 61.

(2) Dedicatoria da 5.ª centuria; cent. 5.ª, cur. 70, pag. 184.

(3) *Dioscoridis*, lib. II, en. 39, pag. 188; Id., lib. I, en. 120, pag. 121. A esta senhora nos referimos mais adeante.

Teve ensejo de tratar uma mulher casada com Affonso da Cavallaria, provavelmente portuguez. [1]

Havia em Veneza medicos illustres, não só considerados na pratica como competentes, mas eruditos e dados ao estudo das sciencias e lettras. Quatro são lembrados por Amato: Baptista Montano, Victor Trincavella, Bartholomeu Labioso e Orsato. [2]

O primeiro (1488-1551), nascido em Verona, fez os seus estudos em Padua e foi mais tarde professor da universidade d'esta cidade. Passava por um dos praticos mais habeis do seu tempo. Deixou differentes obras, cuja lista se encontra nos bibliographos medicos. E' notavel, porém, que se não encontre n'elles menção d'uma traducção de Aecio, que o nosso compatriota lhe attribue. [3]

O segundo (1496-1568), philologo distincto, nasceu em Veneza, estudou medicina em Padua e Bolonha, recebeu o gráu de doutor em Padua, e foi nomeado em 1551 professor de medicina n'esta cidade, conservando estas funcções até 1568. Foi um dos restauradores da medicina grega na Italia e um dos medicos mais celebres do seu tempo. Amato refere-se a uma edição de Galeno, publicada sob os seus cuidados. [4]

Nada conseguimos apurar dos dois ultimos.

Não era crivel que n'esta curta demora na cidade dos doges, Amato pudesse colher grande numero de informações sobre productos que ahi apparecessem. Effectivamente a muito pouco se reduz o que a tal respeito nos

---

(1) Cent. 3.a, cur. 32, pag. 396.

(2) Cent. 1.a, cur. 31, pag. 197; cent. 2.a, cur. 74. pag. 321.

(3) Dechambre — *Dictionnaire encyclopedique des sciences medicales*, IX da 2.a série.

(4) Id.. XVIII da 3.a série.

diz. Teve ensejo de observar gatos d'algalia que já vira em Portugal e Flandres, e cuja creação dava lucros avultados a quem a tentava [1]; viu lagrimas de manná que de Ragusa eram trazidas á rainha do Adriatico [2]; os seus correligionarios que accudiam áquella cidade davam-lhe informações a respeito do betume da Judeia, recolhido no Mar Morto ou Mar do Sal, onde desagua o Jordão, a 5:000 passos da cidade de Jerichó, e forneciam-lhe meios de o examinar no estado de pureza [3]; viu melões de cheiro que compara ao moscatel [4]; proximo a Porto Clodio viu o trevo aquatico, [5] etc.

Algumas notas clinicas registrou de passagem, como as que se referem á febre pestilencial que póde sobrevir sem peste [6] e á applicação intempestiva da escamonéa. [7]

E para acabarmos com as recordações de Veneza, ahi se encontrou com o embaixador de Ferrara, Jacobo Thebaldo, que lhe transmittiu as instancias do rei da Polonia para ir exercer a clinica n'aquelle reino, a que Amato não annuiu. As razões que a isso o moveram foram proximamente as mesmas que o tinham levado a rejeitar as propostas que da Roménia lhe tinham sido feitas. [8]

Fixou-se portanto em Ancona em 1547. Esta cidade italiana, que hoje conta 50:000 habitantes e cujo movimento commercial todos os dias vae crescendo, mercê do seu porto bem abrigado, não tinha no seculo XVI menos

---

(1) *Dioscoridis*, lib. I, en. 20, pag. 40.
(2) *Dioscoridis*, lib. I, en. 76, pag. 74.
(3) *Dioscoridis*, lib. I, en. 89, pag. 86.
(4) *Dioscoridis*, lib. II, en. 129, pag. 252.
(5) *Dioscoridis*, lib. IV, en. 16, pag. 382.
(6) Cent. 7.a, cur. 27, pag. 87.
(7) *Dioscoridis*, lib. IV, en. 171, pag. 458.
(8) *Dioscoridis*, lib. V, en. 44, pag. 479.

importancia. Essa importancia devia-se precisamente aos judeus. Martinho v, em 1429, no proposito de ampliar o seu commercio, concedeu aos hebreus muitos privilegios, e em 1494 tiveram licença para estabelecer bancos e para emprestarem dinheiro a juros. Em 1539, muitos judeus exilados de Napoles, onde tinham três synagogas, vieram para Ancona, e quando Paulo III lhes offereceu a liberdade do seu porto muitos outros, e nomeadamente um grande numero de marranos hespanhoes e portuguezes, foram viver para lá. Por uma informação de Balthasar de Faria a D. João III, sabe-se que só n'esta cidade havia perto de 3:000 judeus portuguezes ou oriundos de Portugal. (1) Estes emigrantes estabeleceram lá uma synagoga e gosavam d'uma situação, senão invejavel, pelo menos sem as durezas de que eram objecto n'outros paizes. E, todavia, Ancona pertencia aos estados da Egreja. (2)

Se Ancona não possuía o esplendor de Ferrara, se aqui faltavam ao medico portuguez os meios de satisfazer a sua curiosidade scientifica, ao menos tinha a tranquillidade necessaria para se dar ao estudo e ahi escreveu ou pelo menos terminou a primeira das suas centurias medicinaes (1 de dezembro de 1549).

E para as suas investigações sobre os simplices e sua proveniencia, o movimento do seu porto e o tracto com navegantes que de toda a parte alli affluiam forneciam-lhe fontes seguras de informação que nunca desaproveitou.

Já dissemos que tinha ahi a protecção de dois nobres ragusanos, João e Benedicto Gondola, mas outras relações mais proveitosas adquiriu desde logo. Entre ellas contava-se a illustrissima senhora Jacoba del Monte, irmã do papa Ju-

---

(1) Herculano — op. cit. III. pag. 112.
(2) *The Jewisch Encyclopedia,* I, pag. 572.

lio III [1] que o chamou como clinico e que certamente influiu mais tarde para a sua ida para Roma. Sobrinho d'esta senhora era o governador de Ancona, Vicente de Nobilibus, a quem Amato mereceu tambem acceitação e estima. [2]

Não lhe seriam menos agradaveis as relações com Ambrosio Nícandro, varão doutissimo muito dado a estudos de botanica medica, e que por vezes lhe prestou indicações uteis. Foi elle que em guisa de prefacio escreveu a epistola que antecede a centuria quarta das suas curas medicinaes em que muito louva e encarece os meritos do nosso compatriota. [3]

Ancona contava no seu seio medicos illustres, que Amato rememora. Quaesquer que fossem os seus meritos, os seus nomes só hoje são conhecidos pelas referencias que elle lhes faz. Quem sabe hoje quem eram Jeronymo Fulginas, Frederico Severino, Julio Pergul e Pedro Camerino? [4]

Merece mais detida menção outro medico e esse portuguez, Francisco Barbosa, que estivera 18 annos na India e ahi adquirira fortuna e honras. [5]

Este doutor Barbosa trouxera da India o liber ou cortex d'uma arvore, a que lá chamavam *gargapão*, e que na opinião de Amato era o unico soccorro para a dysenteria. Deveria ter estado em Lisboa, e segundo parece foi morto mais tarde pelos turcos na Thessalia. [6] A elle provavelmente deveu o presente de algumas raizes de *costo* que

---

[1] Cent. 2.a, cur. 1, pag. 207.

[2] Cent. 2.a, cur. 20. pag. 240.

[3] *Dioscoridis*, lib. I, en. 153, pag. 149.

[4] Cent. 1.a, cur. 92, pag. 361; cent. 1.a, cur. 66, pag. 304; cent. 2.a, cur. 24, pag. 246.

[5] *Dioscoridis*, lib. V, en. 120, pag. 511.

[6] Cent. 5.a, cur. 88, pag. 88.

assim teve occasião de examinar e que mandou a Brasavola e para Veneza, para que não parecesse avaro d'este thesoiro [1] e com elle assistiu a um parto em que se demonstrou de nenhuma efficacia para o facilitar a pedra d'aguia. [2]

Collige-se de differentes passagens das suas obras que a sua clinica era extensa e que as pessoas mais graves da cidade recorriam ao seu prestimo como clinico. Entre elles lembraremos o governador de Ancona, Zephyro [3]; o prior dos dominicanos, Luiz Bartholo de Urbino, etc. [4]

Poderá parecer extranho que um prior de dominicanos frequentasse um medico de origem hebraica e solicitasse a sua assistencia como clinico. A explicação do facto está em que se reputavam os medicos judeus muito superiores aos christãos e quando mais tarde Amato foi medico de Julio III certamente a mesma circumstancia concorreu para a escolha.

A tal respeito encontramos em Henrique Jorge Henriques uma anecdota que esclarece o caso.

Achava-se Francisco I, rei de França, doente de uma pertinaz enfermidade, e vendo que os medicos da sua casa e da sua còrte lhe não davam remedio dizia que não havia physico algum christão que soubesse curar e um dia mandou um correio a Carlos V, pedindo-lhe que lhe mandasse um medico judeu, se comsigo o tinha.

Deu ordem o imperador que lh'o procurassem, mas como se não encontrasse na sua cõrte um medico judeu entendeu que satisfazia o pedido, substituindo-o por um

---

[1] *Dioscoridis,* lib. I, en. 15, pag. 29.
[2] *Dioscoridis,* lib. V, en. 120, pag. 511.
[3] Cent. 1.a. cur. 81, pag. 320.
[4] *Dioscoridis,* lib. III, en. 8, pag. 291.

christão novo. Francisco I interrogou o physico e veiu ao convencimento de que era christão e mandou-o regressar á terra d'onde viera, porque de sobra tinha medicos christãos em torno de si. Emfim, mandou buscar a Constantinopla um medico judeu, e este facilmente curou o rei de França, apenas com a applicação de leite de cabra e de burra. (1)

O prior dos dominicanos era menos radical do que Francisco I; já que não tinha á mão um judeu, contentava-se com um christão novo.

A' excepção do medico Barbosa a quem já nos referimos não encontrava Amato em Ancona portuguez com quem travasse relações de amizade. A patria lembravam-lh'a agora um ou outro conterraneo que encontrava, como um Gennacio, muito perito no conhecimento das pedras preciosas, (2) ou os escravos ethiopes que alguns judeus levavam comsigo. A estes dá Amato o nome de neophytos, empregando o termo de S. Paulo, e diz que elles haviam sido convertidos contra vontade. (3) Estas imprudencias de linguagem haviam de custar-lhe em breve grandes amarguras.

---

(1) *Retracto del perfecto medico,* pag. 146 e 147.

(2) *Dioscoridis,* lib. IV, en. 116 pag. 509 e 510.

(3) Cent. 2.a, cur. 30, pag. 254.

CAPITULO VII

Amato em Roma — Julio III — Laguna e Aguilera — Os medicos de Roma — Balthazar de Faria e D. Affonso de Lencastre — O assassinio de Francisco Sottomaior — O clima e monumentos de Roma.

A's suas relações com Jacoba del Monte, e seu sobrinho Vicente de Nobilibus, que tinham em grande conta os merecimentos do nosso compatriota, deve attribuir-se o ser chamado em maio de 1550 a Roma para tratar do papa Julio III que n'esse mesmo anno foi eleito e sagrado.

Seria interessante estudar o que era a capital dos Estados da Egreja no meado do seculo XVI, mas para o nosso proposito é digressão escusada, não só porque Amato pouco tempo se demorou n'esta cidade, mas tambem porque nada influenciou n'esses acontecimentos. Limitar-nos-hemos a narrar as peripecias da sua vida, e a marcar as pessoas com quem tratou.

Julio III ou João Maria del Monte tinha 63 annos quando foi eleito pontifice. Nasceu em Roma em 1487. A sua familia, de baixa condição, devia a sua prosperidade a Julio II. Foi nomeado arcebispo de Siponte, em substituição de seu tio, por Julio II, governador de Roma por Cle-

mente VII, creado cardeal-sacerdote com o titulo de San Vital, e depois cardeal-bispo de Preneste, por Paulo III. Por morte d'este papa, foi eleito graças á recommendação do imperador Carlos V e de Cosme de Medicis, contrariamente á expectativa geral. Tinha sido um dos presidentes do concilio de Trento, durante a sua translacção para Bolonha. No conclave, comprometteu-se a reunir de novo o concilio geral. Esta convocação foi feita por uma bulla de 3 de dezembro de 1550 para a primavera seguinte, e os trabalhos proseguiram em 1 de maio de 1551, sob a presidencia do cardeal legado, a quem o papa juntou dois bispos, por causa dos queixumes resultantes de terem sido os presidentes das sessões anteriores cardeaes. Julio tinha-se unido a Carlos V contra Octavio Farnese e Henrique II, rei da França. Estes alliaram-se aos lutheranos da Allemanha. Quando Mauricio de Saxe tomou Augsburgo, o papa aproveitou esse pretexto para suspender o concilio, apesar dos protestos dos prelados hespanhoes (28 d'abril de 1552). Na realidade o que o assustava era a attitude d'estes prelados que reclamavam a collação dos beneficios e, por conseguinte, a restricção dos privilegios da curia romana. Aproveitando as difficuldades do imperador, fez a paz com os seus vizinhos, e depois, desinteressando-se por completo dos negocios do Estado, passou os dois ultimos annos da sua vida n'uma propriedade perto de Roma. Ahi vivia n'um esquecimento de toda a decencia e constituia para elle uma delicia a companhia de um rapaz chamado Innocencio, a quem votara uma affeição extranha. [1] Feito cardeal

---

[1] Um historiador insuspeito de menospreço pela Egreja, o Padre Rohrbacher (*Histoire universelle de l'eglise catholique*, t. XXIV, Paris, 1852, pag. 207), escreve litteralmente: O lutherano Sleidan e os seus copistas suppuzeram a esta affeição indiscreta de Julio III

aos 17 annos, este rapaz tinha-se tornado o canal das graças de que o papa podia dispôr. Julio III foi um ardente amigo dos jesuitas; concedeu á sua ordem uma nova confirmação e favoreceu, pela concessão de amplos privilegios, a fundação do seu collegio romano e do seu collegio germanico. (1)

Os historiadores judeus consideram este pontifice, ao que parece com algum exaggero, um dos maiores perseguidores da sua raça. José Ha Cohen narra a seu respeito circumstancias que ha interesse em conhecer, embora seja um pouco suspeita a informação.

Antes de ser pae de toda a christandade, Julio III vira um rapaz pobre e desventurado a quem se affeiçoara e, depois de eleito papa, favoreceu-o muito, fazendo-o cardeal, o que muito irritou o sacro collegio. Um dia, o novo cardeal viu uma donzella judia de grande belleza; quiz violental-a, mas ella resistiu-lhe com energia. Aos gritos do pae e da mãe, restituiram-lhes a filha que elles esconderam por fórma que ninguem lhe conheceu o asylo. Ao cabo de algum tempo, o cardeal de novo procurou a judía e como não foi encontrada mandou chamar os chefes da communidade e intimou-os a que lh'a trouxessem. Tendo estes declarado que não sabiam onde ella estava, Innocencio entrou n'uma violenta colera contra elles e mandou-os encarcerar. No entretanto, os outros judeus, cheios de medo, fugiram de Roma. Como não conseguisse nada, Innocencio deu ordem de prender as mulheres e as creanças, de maneira que as mães fugiram tambem com os

---

um motivo dos mais infames: o que prova, não precisamente o que ia no coração do pontifice, mas na imaginação dos seus detractores.

(1) *La Grande Encyclopedie,* t. XXI, pag. 287.

filhos. Vendo as desgraças que sobre a raça hebreia se iam accumulando, o pae da rapariga e os chefes da communidade entregaram-lh'a e ella foi mettida n'um convento, onde ao cabo de longas instancias abandonou a antiga religião. Lançou egualmente a mão sobre uma parte dos Israelitas, sob pretexto de que eram filhos de christãos, visto que as mães haviam trahido os seus deveres de esposas.

Por esta época, alguns judeus abandonaram o seu culto, e desacreditaram o *Talmud* perante o papa Julio, dizendo-lhe que esse livro prégava a desobediencia ao messias e que o interesse do papa não o devia consentir. Julio III deu ordem para que por toda a parte se buscasse o *Talmud* e se queimasse. Mal esta ordem foi dada, os seus magistrados correram a apprehender nas casas judías os livros que queimaram na praça publica em 9 de setembro de 1553.

Esta ordem foi rapidamente transmittida a toda a Italia e muitos livros foram queimados em Bolonha, Ravenna, Ferrara, Mantua e Veneza. Até quizeram lançar mão dos rolos da lei, encerrados no tabernaculo, mas os chefes da communidade conseguiram salval-os. Estas violencias apenas deixaram de se dar nos ducados de Milão e Monserrate, onde a ordem pontificia desagradou a Fernando de Gonzaga.

Por este tempo, quando os allemães ao serviço do imperador estavam em Asti, foi encontrado o cadaver de um rapaz christão de dezoito ou de doze annos n'um pardieiro em ruinas situado n'um dos arrabaldes da cidade. Um allemão, que conhecera esse rapaz, accusou os judeus do crime. Levantou-se um grande tumulto e quando o rumor chegou ao tribunal todos os judeus foram encarcerados em 17 de setembro de 1553 e por muito tempo estiveram

presos. Afinal, reconheceu-se a sua innocencia e foram postos em liberdade. Mas o allemão calumniador nada soffreu.

E' com uma energia selvagem que o medico de Avinhão celebra a morte de Julio III: «Rompei, montanhas, em gritos d'alegria porque o papa Julio III, o que projectava tornar-nos apostatas e que mandou queimar os livros da nossa gloria morreu em 21 de março do anno de 5315, isto é, do anno de 1555. Eterno, Deus dos espiritos de toda a carne, dá que o seu remorso não pereça e o seu fogo não se extinga e que elle proprio se torne um objecto de horror para todas as creaturas. [1]

E' provavel que a doença de que soffria Julio III e que Amato vinha tratar fosse a siphilis. Parece-nos isto, porque aconselhava contra os seus incommodos a raiz da China e ainda porque não escreveu a narração da sua doença.

A raiz da China pela primeira vez foi trazida para Portugal por um mercador da India, grande explorador das coisas maritimas, Vicente Gil de Tristão [2] e com ella preparava outro portuguez, Jacob da Hollanda, um decocto mais concentrado do que o geralmente empregado. [3]

Junto do papa vinha encontrar o seu condiscipulo André Laguna e está-se a vêr o contentamento com que se avistariam de novo, ao cabo de 20 annos, dois homens que haviam frequentado juntos as aulas de Salamanca, e que vinham encontrar-se, um cheio de honras e no auge da consideração, outro sem estas distincções mas com não menos renome. Estamos em crêr que assim não succedeu. E' certo que frequentes vezes nas suas obras João Rodri-

---

(1) Joseph Ha Cohen, op. cit., pag. 132 e seg.
(2) Cent. 1.a, cur. 90, pag. 348.
(3) Cent. 2.a, cur. 31, pag. 257.

gues relembra o nome do seu condiscipulo, enchendo-o de louvores; mas em compensação, na unica obra de Laguna, das que conseguimos vêr, em que o nome de Amato é citado, é seccamente indicado por: *O Doutor Amato.* [1] Nem uma palavra amavel, nem uma referencia ao saudoso convivio das aulas! Poderia a explicação do caso estar na divergencia de opiniões religiosas. Laguna era catholico ferrenho, intolerante, ao passo que Amato era judeu e via-se forçado a dissimular as suas crenças, emquanto as não pudesse proclamar bem alto. Esta hypothese, porém, não é exacta, visto que Laguna encarece n'esse mesmo livro os serviços que lhe prestou Luiz Nunes, communicando-lhe os nomes portuguezes de muitas plantas, e este era correligionario de Amato. Parece-nos mais provavel que André Laguna tomasse partido por Matthiolo na contenda que estalou entre elle e o nosso compatriota. A esse não regateia elle louvores, em mais d'uma passagem do seu livro.

Todavia não foi apenas junto de Julio III que os dois medicos peninsulares se encontraram em Roma. Viam doentes em commum, como por exemplo o fidalgo portuguez Antonio Correia que viera de Milão para Roma acommettido de febre quartã, no decurso da qual se manifestou uma violenta hemorrhagia nasal. [2]

Tambem encontrou junto do summo pontifice outro seu contemporaneo, a quem já anteriormente nos referimos, João Aguilera, e que cita apenas uma vez, embora chamando-lhe clarissimo e sapientissimo varão. [3]

Não são muitos os medicos de Roma de que se encontra noticia nas obras de Amato, e esses mesmos são

---

(1) *Pedacio de Dioscorides,* já cit.
(2) Cent. 2.a, cur. 100, pag. 339.
(3) Cent. 1.a, cur. 3, pag. 72.

desconhecidos hoje. O que se affigura mais notavel é Francisco Nursino ([1]) então já velho e que falleceu pelos fins do anno de 1553. ([2])

Merece-lhe egualmente encomios um cirurgião, Jacobo de Perugia, a respeito do qual não possuimos indicações algumas. ([3])

Pela mesma época achou-se em Roma o cirurgião Philippe, a quem Laguna attribue o tratamento dos apertos urethraes pela cauterização e dilatação pelas vélinhas, mas Amato que o conheceu em Lisboa parece que se não encontrou com elle na capital dos Estados da Egreja.

Pessoas notaveis era natural que algumas conhecesse na côrte de Julio III. Cita-nos Ticio, prefeito do cardeal Farnese, ([4]) Pedro Ordonio, musico de Paulo III, ([5]) etc.

Qualquer que seja o interesse d'esta enumeração, a nossa attenção é solicitada por dois compatriotas, Balthasar de Faria e D. Affonso de Lencastre, um e outro agentes de D. João III em Roma.

Balthasar de Faria só nos é conhecido pelas noticias que a seu respeito nos deixou Herculano na sua *Historia da origem e estabelecimento da inquisição em Portugal.* Era juiz da casa da supplicação quando em 1542 foi mandado á Italia para tratar dos negocios da Inquisição, posto que sem o caracter de embaixador. N'estas diligencias seria acompanhado não só pelo agente ordinario Pier Dominico, mas tambem por um certo mestre, Jorge e Fr. Jeronymo de Padilha, que para o mesmo fim se encontravam n'essa occasião em Roma.

([1]) Cent. 3.a, cur. 3, pag. 357.
([2]) Cent. 4.a, cur. 99, pag. 640.
([3]) Cent. 2.a, cur. 82, pag. 329.
([4]) Cent. 3.a, cur. 3, pag. 357.
([5]) Cent. 2.a, cur. 82, pag. 328.

Chegando ahi na entrada de julho, obteve facil accesso junto do papa, e desde logo começou a dar conta da sua missão, com alternativas de bom e infeliz exito, conforme dominavam na curia ideias de intolerancia ou de favor para com os conversos.

Vêmol-o perseguir o agente dos christãos novos, Diogo Fernandes, que, depois de ter sido encarcerado sob a accusação de judaismo, a troco de grandes peitas obtivera saír da prisão sob pretexto de uma grave enfermidade de olhos. O seu zelo não affrouxava emquanto não conseguia fazel-o volver á masmorra em que jazera.

E uma vez alcançado esse triumpho, eil-o a diligenciar que os breves especiaes de protecção contra o odio dos inquisidores expedidos em favor de pessoas residentes em Portugal fossem derogados, visto que tinham sido alcançados a instancias d'um individuo cujo christianismo se tinha tornado mais que duvidoso.

Fazia seu o odio implacavel que D. João III votara ao cardeal de Silva que, a principio acceite do papa, vinha a ser abandonado de todos.

E' elle o encarregado da compra do cardeal Farnese, neto e ministro de Paulo III, dando-lhe a administração do bispado de Vizeu, tirando assim aos judeus o apoio que até ahi haviam encontrado n'elle.

Finalmente era elle que concluia as negociações para o estabelecimento definitivo da inquisição em Portugal, senão com inteiro aprazimento do rei, ao menos como fôra possivel arrancal-o á cubiça e rapina da côrte pontificia. (1)

Seria talvez facil obter mais pormenores da vida d'este homem. Não o tentamos sequer. Não inspira interesse o

(1) Op. cit., t. III. *Passim.*

execravel personagem. O que se sabe por Amato é que por 1550 estava ainda em Roma. Chama-lhe o medico judeu vigilantissimo embaixador junto de Julio III e basta o que ficou indicado da sua vida para que se reconheça a justiça do epitheto.

Com elle estava seu irmão Gaspar de Faria, que soffria d'um hydrocele que já tinha sido operado por Affonso Ferri e que se reproduzira. [1] Fala-nos tambem na resignação com que encarou a morte um dos seus famulos que o perseguidor dos judeus amava, mas apenas do amor que convém aos doutos e instruidos na virtude. *Honny soit qui mal y pense!* [2]

Affonso de Lencastre foi outro embaixador de D. João III em Roma. Filho de D. Diniz de Bragança e de D. Brites de Lemos, nasceu em Castella e passando a Portugal foi educado por sua avó D. Isabel. Foi commendador de Christo e alcaide-mór de Obidos. Partiu para Roma em 1551 e ahi se demorou até ao pontificado de Pio V. Regressou ao reino e foi novamente a Roma como embaixador e posteriormente á França com o mesmo caracter. Segundo parece, falleceu em 1572. [3]

Amato teve com elle relações estreitas. Depois de lhe louvar as excellencias da familia que entroncava com os reis de Hespanha e Inglaterra, elogia-lhe as virtudes, a habilidade diplomatica e o amor ás bellas-artes e até áquellas que chamam mechanicas, encarece a sumptuosidade com que elle vivia em Roma, de fórma que não seria facil encontrar-se palacio que fôsse comparavel ao seu, onde recebiam fidalga hospitalidade todos os que o procuravam.

---

[1] Cent. 2.a, cur. 84, pag. 330.
[2] Cent. 2.a, cur. 86, pag. 332.
[3] Pinheiro Chagas — *Diccionario popular*, pag. 171.

Memora a estima particular que lhe dispensava Julio III e por ultimo duvida se havia maior ventura para elle em ser parente do rei de Portugal ou para este em o ter por ministro.

Mais importa para nós a affirmação de que Amato experimentou a sua benignidade e munificencia, não sendo apenas acceite em sua casa, mas convidado com não pequena mercê. Como manifestação do seu reconhecimento, offerecia-lhe a sua terceira centuria e promettia dedicar-lhe outras se esta encontrasse boa acolhida. De não haver outros livros offerecidos ao mesmo Mecenas, deverá talvez concluir-se que o estudioso *fautor da sciencia e dos doutos* se esquecera depressa do seu medico. ([1])

E alguma coisa lhe devia. Affonso de Lencastre, montando um cavallo de genio ardido na sua casa d'além do Tibre, déra uma quéda de que lhe resultara uma contusão na região dorsal, que Amato combateu pela compressão, por applicações locaes estimulantes e pela sangria. ([2])

Astros infelizes, affirma o medico judeu, perseguiam aquella residehcia. Um dia, durante a doença do embaixador portuguez, estando a examinal-o e a medical-o, deu-se um conflicto gravissimo entre um familiar da casa, o illustre Francisco de Sottomaior e seu primo Francisco da Silva. Havia entre elles um litigio antigo por motivo de patronato de direito, questão que tinham ido derimir a Roma. Depois da ceia, Sottomaior saíra acompanhado por um fidalgo hespanhol, Fernando de Torres. Junto á porta esperava-o Francisco da Silva, que investiu contra o seu competidor e o matou.

Imagine-se a consternação que o facto causou. Affonso

---

(1) Dedicatoria da 3.a centuria.

(2) Cent. 3.a, cur. 8, pag. 360.

de Lencastre ainda supportou a dôr com firmeza, mas seu filho D. Diniz, ao vêr o miserando atravessado por três golpes, não pôde conter as lagrimas. A todos, porém, sobrelevou Balthasar de Faria, que se preparava para vir a Portugal. E o medico judeu? Depois de narrar que logo no dia seguinte o papa mandou apregoar que daria 500 ducados d'oiro a quem entregasse Francisco da Silva, e que este, depois de se ter evadido duas vezes com auxilio de alguns amigos, foi afinal agarrado em Siena e encarcerado, conclue que era muito amigo do assassino e que nunca o ha-de esquecer emquanto tiver um alento de vida. (1)

D. Affonso de Lencastre tinha comsigo seu filho D. Diniz. Este fidalgo, segundo os seus biographos, pouco tempo se demorou em Roma. D. Sebastião mandou-o por embaixador a França e Castella, e D. Henrique nomeou-o embaixador de Roma, cargo que elle não acceitou.

Na questão da successão da corôa, foi o procurador da duqueza de Bragança e vendo o caminho que as coisas tomavam recolheu ao castello d'Obidos, de que era alcaide-mór, para o defender. Em 1598 marchou para Peniche com a gente d'Obidos, mas achando a villa tomada voltou para Lisboa e assistiu no palacio do cardeal archiduque. D. Philippe fel-o do seu conselho d'estado, mas elle nunca ahi tomou assento. Morreu em 1598.

Tambem Amato o conheceu em Roma, considerando-o um rapaz de muitas esperanças.

Sabemos já que n'esta cidade se encontrou tambem com seu irmão José Amato, a respeito do qual nos não dá outras indicações, além de que era homem de temperamento

---

(1) Cent. 3.a, cur. 8. pag. 360.

bilioso. E' em conversa com elle que relata a tragedia que se passou em casa de D. Affonso de Lencastre. (1)

Amato dá-nos algumas indicações sobre o clima de Roma que compara com o de Lisboa, com manifesta vantagem para esta cidade. As duas cidades têm proximamente a mesma elevação polar, mas Roma é oriental, bafeja-a mais o austro do que o septentrião, de modo que é mais quente e mais humida, o que tambem é devido ao Tibre que a atravessa e vae lançar-se no mar. Os romanos são muito similhantes aos portuguezes em caracteres physionomicos, e a duração da vida média é proximamente a mesma nas duas cidades. (2)

Cita-nos de passagem os monumentos mais notaveis da grande cidade: o capitolio, o convento de Araceli, (3) o convento de S. Sixto, (4) a ponte de S. Angelo, (5) etc.

Algumas observações apresenta sobre a pathologia de Roma. Uma das mais curiosas refere-se a que era vulgar encontrarem-se excrescencias carnosas em volta do anus, não só nas mulheres mas em creanças *que vivem em Roma*. Estas ultimas palavras estão cortadas nos exemplares que passaram pela Inquisição. Motivos poderosos devia ter para querer evitar o conhecimento d'este facto!

---

(1) Cent. 3.a, cur. 8, pag. 360; cur. 4, cur. 49, pag. 586.
(2) Cent. 3.a, cur. 13, pag. 365.
(3) Cent. 3.a, cur. 12, pag. 364.
(4) Cent. 2.a, cur. 90, pag. 334.
(5) Cent. 2.a, cur. 91, pag. 335.

CAPITULO VIII

Amato em Florença — Regresso a Ancona — Duarte Gomes, traductor de Petrarca, Diogo Pires e outros compatriotas — Os medicos de Ancona — Um Messias — A perseguição aos judeus por Paulo IV — Fuga de Ancona.

Amato residiu em Roma até aos fins do anno de 1551. D'ahi dirigiu-se a Florença, onde assistiu por pouco tempo, e deu á luz a primeira das suas centurias medicinaes, dedicada a Cosme de Medicis. ([1]) Como este tratava de reedificar Pisa, e a esta cidade accudiam não só mercadores mas varões de prestante engenho, dados ás sciencias e lettras, é licito conjecturar que Amato, apresentando-se ao principe dos toscanos, pensasse em se fixar ahi. Das relações que teve com Cosme de Medicis ficou vestigio não só na dedicatoria que lhe fez da sua obra, mas ainda no facto seguinte. Um nobre mercador florentino, Bartholomeu Panciatico, trouxe para a sua terra natal uma ponta de unicornio como objecto de grande valor e de mirificas propriedades. Consultou o Duque o physico portuguez sobre o modo de experimentar as suas virtudes, e Amato

([1]) Cent. 2.a, cur. 9, pag. 227.

aconselhou-lhe que o ministrasse a dois individuos que iam ser enforcados. [1]

Não encontrou Amato em Florença a protecção que buscava e seguiu para Ancona, onde já o encontramos em 1552. [2]

Se os judeus não encontravam em Ancona as liberdades e franquias que podiam desejar, tinham ahi a sua synagoga, e gosavam de relativa segurança. Amato recomeçou os seus trabalhos clinicos e a composição das suas obras.

Entre as pessoas que ahi tratou, notou elle o poeta portuguez Duarte Gomes, que vertera para hespanhol os versos hendecassyllabos e as canções de Petrarca, por modo que excitava universal admiração. Por muito tempo ignoramos quem fosse este poeta, a proposito de quem nenhumas indicações encontravamos. A decifração do enigma foi-nos dada por Kayserling. Duarte Gomes é Selamoh Usque, a quem Barbosa Machado chama Salusque e Seleuco Lusitano. Nasceu em Lisboa em 1507, [3] era negociante, viveu em Veneza e Ancona, e era muito acceite da benemerita Gracia Nasi e de seu genro José Nasi, de quem opportunamente nos havemos de occupar. O livro a que Amato se refere intitula-se — *De los Sonetos, Canciones, Mandriales y Sixtinas del gran poeta y orador Francisco Petrarca,* e foi dado á luz em Veneza em 1567. Ainda escreveu de collaboração com Lazaro Graziano um drama, *Esther*, que, traduzido em italiano por Leão Modena, foi publicado na mesma cidade em 1612. [4]

---

(1) *Dioscoridis,* lib. II, en. 52, pag. 197.

(2) Cent. 3.a, cur. 57, pag. 439.

(3) E' Amato que nol-o diz. Ao encontral-o em Ancona, Duarte Gomes tinha 45 annos (Cent. 5.a, cur. 19, pag. 85 e 86).

(4) Kayserling, op. cit., pag. 104.

Pudemos obter um exemplar dos *Sonetos*, adquirido em Munich. O traductor apparece-nos ahi com o nome de Salusque Lusitano e não com o de Seleuco, como tambem se lê em Barbosa. A obra é offerecida a Alexandre Farnes *(sic)*, principe de Parma e Placencia, sendo a dedicatoria datada de Veneza em 8 d'agosto de 1567. D'essa dedicatoria apenas se conclue que Salusque havia consumido alguns annos da sua vida n'este trabalho. Segue-se um juizo critico de Alonso Ulloa, que affirma que Salusque Lusitano merece muito louvor por haver-se obrigado na traducção que fizera não só á sentença, mas aos mesmos numeros das syllabas, dos versos e da correspondencia dos consoantes. Noticía Ulloa que o poeta traduzira toda a obra de Petrarca, e que projectava publical-a.

Segue-se um soneto: — Del señor Duarte Gomez, al Ebro rio famoso em España.

Por elle se poderá ajuizar dos meritos do nosso conterraneo.

Gozate sacro Ybero, qu'has estado.
Dos siglos con tus ninfas, desseoso
De oyr el cantar grave y amoroso
D'el Toscano Poeta celebrado,

Que en riberas del Arno fue criado,
Y á Valclusa venido, valle umbroso,
La vista d'un Laurel verde y hermoso
Lo tuvo luengamente enamorado.

Sentirás pues agora sus concetos
Cabe tu dulces aguas cristalinas
En muy lindo Romance Castellano.

En el qual, ya nos hablan los Sonetos,
Canciones, Mandriales y Sixtinas
Merced del buen Salusque Lusitano.

Depara-se-nos agora a vida e costumes do poeta (Petrarca), e depois do indice e d'um soneto sobre as cinzas de Petrarca e Laura, a traducção em 164 paginas de texto e mais 4 innumeradas de indice. Ao lado de cada composição poetica está um argumento escripto por Salusque Lusitano.

Já precedentemente, ao occuparmo-nos da sua familia, nos referimos a outro poeta, esse grego e latino, o celebrado Diogo Pires. Uma das localidades em que o encontrou foi Ancona, onde com elle conversa sobre a interpretação de Galeno, o que confirma a supposição de que o illustre poeta se dava á medicina. (1)

Em Ancona estava ou veiu visital-o seu sobrinho Brandão que, como dissemos, estudou em Italia, sob a direcção de Amato. Este sobrinho exercera a clinica na Inglaterra, em Bristol. (2)

Outro compatriota que ahi estava e é lembrado por Amato, é o cirurgião Manuel Hamisio, de Castello de Vide, que foi tratado pelo medico portuguez. (3) Da familia d'este Manuel Hamisio eram duas creanças gemeas de tamanha semelhança que se não podiam distinguir uma da outra. (4)

São numerosos os medicos de Ancona que o nosso conterraneo aponta nas suas obras. São elles totalmente desconhecidos, quaesquer que fossem os meritos que os recommendassem. Apontando-lhes os nomes salval-os-hiamos do olvido, caso acreditassemos que este livro terá mais alguma duração do que as rosas de Malherbe. Eram:

---

(1) Cent. 3.a, en. 38, pag. 405 e 406.

(2) Cent. 5.a, cur. 4, pag. 29; Id., cur. 6, pag. 41 e seg.; Id., cur. 16, pag. 82.

(3) Cent. 3.a, cur. 40, pag. 406.

(4) Cent. 5.a, cur. 15, pag. 82.

Frederico Severino, João Lucense, Jeronymo Fulginas, [1] Pedro Camerino, [2] Julio Pergul [3] e Panicio Mantuano. [4] Menciona tambem um pharmaceutico habil, Alberico, mas quem poderá hoje saber quem era? [5]

Collige-se de differentes passagens que a sua clinica era extensa e que as pessoas principaes de Ancona o procuravam para seu medico.

Narra-nos elle um caso curioso que está desafiando a curiosidade de quem disponha de mais elementos de informação do que os que possuimos. Conheceu elle em Ancona um frade franciscano que preparava uma apozema purgativa que reduzia os doentes a um marasmo a que succumbiam. Já matara três doentes em Ancona e outros em S. Severino, d'onde fugira ignominiosamente.

Estivera preso em Ancona, mas era em extremo favorecido por um apostata «cujo pae creara três messias em Portugal e Italia, pelo que merecidamente foi conduzido á fogueira e queimado em Lisboa». O filho, seguindo as passadas do pae, tanta confiança tinha n'este apostata que pouco faltou tambem para o chamar Messias. [6]

Com certeza este texto se refere ao pretendido Messias que em Ancona appareceu em 1529.

E' interessante este movimento para que detenha por um momento a nossa attenção. De resto, o messianismo era vulgarissimo nos judeus. Bastará citar, pelo que nos respeita, aquelle sapateiro de Setubal a quem se refere Pier Dominico e que, declarando-se Messias, soube embaír

---

[1] Cent. 1.a, cur. 12, pag. 361.
[2] Cent. 1.a, cur. 66, pag. 304.
[3] Cent. 2.a, cur. 24, pag. 246.
[4] Cent. 4.a, cur. 42, pag. 567.
[5] Cent. 2.a, cur. 55, pag. 297.
[6] Cent. 4.a, cur. 54, pag. 593.

com falsos milagres muitos christãos novos, levando homens distinctos por saber ou riqueza a seguirem-n'o e a adorarem-n'o. (1)

Em 1522, um aventureiro arabe, David Reubeni, deixara Khaibar, na Africa central, onde tinha nascido pelos annos de 1490, e appareceu na Nubia, onde se apresentou como descendente de Mohammed, ao passo que aos judeus falava de largos reinos judeus no Oriente. Viajou pela Palestina na primavera de 1523 e surgiu em Veneza por vía da Alexandria em fevereiro de 1524. Ahi pretendeu vir encarregado pelos judeus do Oriente de uma missão para o Papa, e conseguiu chamar á sua causa um pintor chamado Moses e um mercador judeu de nome Felice. Estes proveram-n'o de meios para seguir até Roma, onde chegou no mesmo mez, entrando na cidade montado n'um cavallo branco. Obteve ahi uma audiencia do cardeal Giulio e do papa Clemente VII. A este narrou a fabula de um reino judeu governado por seu irmão José, na Arabia, onde os filhos de Moisés viveram, perto do fabuloso rio Sambation. Apresentava cartas dos capitães portuguezes, confirmando as suas narrações. O embaixador portuguez Miguel da Silva referiu á sua côrte a utilidade possivel da missão de Reubeni para obter alliados na lucta dos portuguezes contra Selim I, que tinha occupado o Egypto em 1521 e desviado o commercio das especiarias. Reubeni recebeu de Bemvinda Abarbanel, mulher de Samuel Abarbanel, e dos herdeiros de Jehiel de Pisa meios para vir a Portugal, onde chegou em novembro de 1525, apresentando-se em Almeirim a D. João III, que a principio lhe prometteu uma força de oito navios e 4:000 canhões (?). Mas o rei, que então estava empenhado na perseguição dos christãos novos, achou dif-

(1) Herc., op. cit., III, pag. 12.

ficuldade em entrar n'uma alliança com o rei judeu, comquanto durante as negociações refreasse a sua perseguição aos marranos.

O aspecto maravilhoso de Reubeni — um queimado anão em traje oriental — e as prophecias messianicas, chamaram a attenção de um joven marrano, Diogo Pires, que tomou o nome de Salomão Molko. Os embaixadores judeus da Barbaria visitaram Reubeni na côrte de Portugal, e seguiu-se uma grande excitação entre os marramos, alguns dos quaes se aventuraram a pegar em armas perto de Badajoz. Parece que isto abriu os olhos ás auctoridades portuguezas em relação aos perigos da missão de Reubeni. Foi então este a Avinhão advogar a sua causa perante o papa, e depois a Milão, onde encontrou de novo Molko, que entretanto viajou pelo Occidente e fez prophecias messianicas. Ahi os dois aventureiros desavieram-se, indo Reubeni a Veneza, onde o Senado encarregou uma commissão de inquirir se os seus projectos de obter auxilio dos judeus no Oriente nos seus planos de conquista eram praticaveis. No entretanto foi-lhe insinuado que deixasse Veneza, e juntando-se mais uma vez com Salomão Molko, seguiram para Bolonha e Ratisbonna ao encontro do imperador Carlos v para lhe offerecerem a alliança dos judeus do Oriente contra os turcos. Em Ratisbonna encontraram Josel de Rosheim, que os preveniu de que era perigoso despertar as suspeitas do imperador e levantar a questão judaica no imperio. Elles apesar d'isto persistiram e acorrentados foram levados a Mantua, onde ambos, Molko e Reubeni, foram examinados e o primeiro condemnado a morrer na fogueira em dezembro de 1532. Quanto a Reubeni, foi levado para Hespanha e submettido á inquisição de Llerena, onde provavelmente morreu, se não é a elle que se refere Her-

culano ao mencionar um judeu que tinha vindo da India a Portugal e que foi queimado em Evora em 1541. [1]

A estes dois impostores ou visionarios refere-se tambem Joseph Ha Cohen, e justo é archivar o seu depoimento, tanto mais que provavelmente d'elle se soccorreram os escriptores que depois vieram.

N'aquelle tempo, um judeu chamado David, chegou de paizes afastados, da India, á côrte de Portugal e disse ao rei: Sou Hebreu e temo o Eterno, o Senhor dos ceus; meu irmão o rei dos judeus mandou-me ter comtigo, senhor e rei, para te pedir auxilio: ajuda-nos e iremos fazer guerra a Solimão o turco para lhe arrancarmos a Terra Santa. O rei respondeu: Sê bemvindo, eu vou mandar-te ao arcebispo e o que elle disser fal-o-hei. Depois de o ter deixado, residiu alguns dias em Lisboa. Os que á força haviam sido baptizados acreditaram nas suas palavras e disseram: E' o nosso salvador e foi o Senhor que o mandou. E juntando-se em grande numero ao seu lado testemunharam-lhe uma grande veneração. Este homem foi-se d'alli pela Hespanha e como os conversos affluiam por toda a parte á sua passagem veiu a ser para elles um grave embaraço. Foi depois a França, esteve em Avinhão e partindo d'esta cidade alcançou a Italia. Fez estandartes d'um trabalho artistico onde inscreveu os nomes sagrados e muitos tiveram confiança n'elle. Este homem veiu tambem a Bolonha, a Ferrara e a Mantua, annunciou que por ordem dos reis christãos ia levar os judeus dos estados em que

---

[1] *The Jewisch Encyclopedia.* V. REUBENI. Os auctores d'esta encyclopedia não estão de accordo sobre o ultimo destino de Reubeni. No artigo *Auto de fé,* diz-se que elle morreu em Evora em 1542; o mesmo se diz no artigo *Evora*; no artigo *Inquisição,* affirma-se que morreu no primeiro auto de fé que houve em Evora.

viviam para o seu paiz e para a sua residencia: falou d'este projecto ao proprio papa e os judeus sentiram um grande pavor: Mas que faremos, disseram-lhe, das nossas mulheres e dos filhos que ellas déram á luz? Ha tantas e mais no meu paiz, respondeu elle, nada temaes, porque não ha obstaculo para o Eterno. Imaginou tambem uma carta e disse: Meu irmão o rei escreveu-m'a e sellou-a com o seu anel real. Mas veiu um dia em que o seu segredo foi descoberto e então deixou de acreditar-se nas suas palavras, porque elle tinha prescripto coisas iniquas.

Surgiu um rebento de Portugal, chamado Salomão Molko, do tronco dos Israelitas, que viviam espalhados n'este paiz desde os dias da perseguição. Novo ainda, era um dos secretarios do rei; todavia, quando viu este David, Deus tocou-lhe o coração, voltou ao Eterno, o Deus de nossos paes, e fez-se circumcidar. Nada então sabia ainda da lei do Senhor nem da Sagrada Escriptura, mas depois da sua circumcisão o Senhor deu-lhe a sabedoria de Salomão: tornou-se em muito pouco tempo o mais sabio dos homens e muitos admiraram-n'o. Foi depois á Italia, teve a coragem de discorrer sobre a lei do nosso Deus perante os reis e não se desviou perante elles. Foi á Turquia, voltou a Roma e conversou com o papa Clemente, que lhe concedeu o seu favor contra a opinião de todos os seus theologos e lhe deu licença, escripta e sellada com o seu nome, para se estabelecer onde quizesse e para usar o nome de Judeu. Instruiu-se na Cabala; da sua bocca saiam palavras graciosas, porque o espirito do Senhor se exprimia por ella e a palavra divina estava constantemente na sua lingua. Tirava das origens profundas da Cabala palavras maravilhosas que notou e mandou aos seus amigos de Salonica, que as mandaram imprimir. Prégou publicamente em Bolonha e outras cidades, grande numero de

pessoas rodeava-o para ouvir o seu saber e experimental-o com enigmas, mas Salomão resolveu todas as suas perguntas e como não havia coisa que elle ignorasse ou não pudesse explicar, reconheceram a sua sciencia e disseram: O que nos contaram de ti é verdadeiro e a tua sabedoria excede muito a narração que tinhamos ouvido. Um grande numero de pessoas, na verdade, ganharam-lhe inveja, mas sem poderem imputar-lhe mal na Italia, porque era bem acceite junto dos principes. Ligou-se com David Reubeni e desde então formaram uma unica pessoa. Informou tambem os sabios das visões que tinha tido, como referi na minha Chronica dos reis de França e dos sultões ottomanos, onde se encontrarão amplas informações sobre as suas origens, desgraças e aventuras, assim como as suas apreciações sobre David, assim concebidas: «Tendo sabido que o illustre David tinha chegado á Italia e que os maus do nosso povo tinham derramado sobre elle tambem a taça da calumnia, tinha-me proposto, quando o visse, pedir-lhe que me ensinasse a sua sabedoria, mas teve logar o contrario, porque foi elle que me dirigiu perguntas. Só creio portanto do caso uma coisa, é que elle é um grande sabio, e que se se diz pouco versado na sciencia e na lei é simplesmente para illudir o vulgo, e ainda para vêr como eu me comportarei com elle, mas se esse é o seu intento, conservo-me constantemente para com elle como um servo em presença do amo.»

Taes são as palavras de David na sua carta, como referi na Chronica. Mais tarde Salomão quiz ter uma controversia com o imperador sobre assumptos de fé, poz-se a caminho para Ratisbonna quando o imperador estava n'esta cidade e teve effectivamente um colloquio com elle, mas o imperador conservou-se firme, não o escutou e, impacientado, mandou-o lançar, com o seu amigo o senhor David e os

seus creados, n'uma prisão onde ficaram por muitos dias. Tendo então o imperador partido de novo para a Italia, transportaram-nos atraz d'elle, carregados de ferros, n'um carro até Mantua, onde os encerraram ao depois n'uma masmorra, e em seguida a uma conferencia que o imperador teve com os doutores e em que estes acharam que Salomão tinha merecido a morte, deu ordem para que o tirassem da prisão e o queimassem. Uma manhã, pois, amordaçaram Salomão e levaram-n'o ao logar do supplicio. Toda a cidade estava em effervescencia por causa d'elle, e já a fogueira estava em chammas quando um dos officiaes do imperador ordenou que lhe tirassem a mordaça dos dentes, tendo a falar-lhe da parte do soberano. Obedeceu-se. O imperador, disse-lhe então, manda-me a ti, senhor Salomão, para te fazer saber que se tu te retractares, te perdoará, que conservarás a vida e ficarás sempre junto d'elle, mas se recusares a tua sorte está irrevogavelmente pronunciada. Salomão não se levantou nem mexeu e respondeu como um santo e como um anjo de Deus: E' só pelo tempo que eu vivi n'esta religião que o meu coração está triste e abatido; agora fazei de mim o que quizerdes e possa a minha alma voltar para a mansão de meu pae como na minha infancia, porque era então mais feliz do que hoje.

Então, furiosos, os carrascos atiraram-n'o para a fogueira em que a chamma crepitava, e offereceram-no ao Senhor em um holocausto que se exhalou inteiramente em fumo. E o Senhor achou o seu perfume agradavel e recebeu a alma pura de Salomão no jardim do seu Eden, onde foi sua pupilla e seu deleite em todo o tempo. Os seus servos foram soltos e puderam ir livremente para onde quizeram: só ficou preso o senhor David Reubeni, seu amigo, junto do qual se collocaram guardas. Quando o imperador voltou para a Hespanha, levou comsigo David,

conservou-o preso e David morreu em sua detenção. Queimaram depois grande numero dos conversos de Hespanha por causa d'este David e dos seus sonhos. Muitas pessoas na Italia acreditaram n'esta época que Rabbi Salomão Molko se tinha subtrahido com o auxilio da sua sciencia ás mãos dos que lhe queriam a vida e que o fogo não tivera poder sobre elle. Houve até um homem que jurou, perante a communidade reunida, que Salomão tinha estado em casa d'elle oito dias depois do seu supplicio e em seguida se fôra embora, não o tornando a vêr mais. O Eterno Deus sabe o que succedeu, mas a mim, quem me dará poder escrever com verdade e integridade n'este livro se estas palavras eram ou não sinceras?» [1]

Demorar-se-hia Amato por muito tempo em Ancona e n'ella acabaria tranquillamente os seus dias se não fôsse a perseguição de que foi alvo por parte dos agentes de Paulo IV que recentemente subira ao solio pontificio e se mostrava rigorosissimo na perseguição dos judeus. João Paulo Caraffa, primeiro superior geral dos Theatinos, que tal era o nome de Paulo IV antes de ser eleito, é diversamente julgado pelos historiadores. Os proprios escriptores orthodoxos que d'elle se occupam, depois de lhe louvarem as virtudes e costumes austeros, o zelo e as boas intenções, dizem que elle não appareceu como Melchisedech, sem pae, sem mãe, sem genealogia, unicamente pontifice do Altissimo, teve cardeaes-sobrinhos que abusaram do seu affecto e da sua confiança, que lhe fizeram praticar imprudencias e que elle acabou por expulsar de junto de si e até da cidade de Roma. Todos estão de accordo em affirmar que foi energico na repressão dos herejes e judeus, não só nos seus

---

[1] Op. cit., pag. 115 e seg.

Estados, mas em toda a parte onde chegou a sua acção. Devia ser ferocissima esta perseguição, não só pelo que affirmam os historiadores judeus, mas os proprios catholicos. Rohrbacher ([1]) diz textualmente: «Todavia, quando em 18 d'agosto de 1559 morreu, aos noventa e quatro annos, o povo estava ainda tão exasperado pelo que tinha soffrido sob o governo dos sobrinhos, que derrubou e despedaçou a estatua do papa, destruiu as armas dos Caraffas por toda a parte onde as encontrou, queimou a prisão da inquisição e commetteu outras desordens até ao 1 de setembro. O corpo do papa foi enterrado sem pompa.»

Ouçamos agora os judeus. «Em 22 de maio os cardeaes elegeram o cardeal theatino Caraffa, napolitano, a quem déram o nome de Paulo IV até ao dia da morte. Mas este Paulo era, por nossos numerosos peccados, um homem frenetico e arrebatado que forjou contra os judeus toda a especie de decretos, tornou-lhes a vida amarga pela sua oppressão e fez-lhes soffrer o jugo mais duro. Fez tambem muito mal aos catholicos e a sua avidez foi causa d'uma guerra violenta entre elles na Italia e na França e que custou a vida a perto de 100:000 dos seus, sem contar as cidades que foram incendiadas durante esta guerra, como o relatam os livros de historia. Para os judeus foi como que uma armadilha, impoz-lhe que trouxessem signaes em suas casas e na via publica, sem exceptuar as mulheres e as creanças.

«Mandou renegados do nosso povo na qualidade de inquisidores ás casas dos judeus, para se assegurar de que não tinham obras talmudicas nas mãos, e Israel foi então muito desventurado. Só lhes permittiu que orassem em

---

([1]) Op. cit., t. XXIV, pag. 310.

dois logares em Roma e n'um em Bolonha. Possa Deus remuneral-o da sua malvadez!

«Grande numero de Israelitas fugiram então de Roma, mas emquanto corriam pelas estradas, eram assaltados e maltratados por scelerados. Vê, Senhor, e considera, e sustenta a sua causa!

«Por outro dos seus decretos, tiveram de vender as casas a rastos de barato e foram residir sósinhos na extremidade da cidade, e ainda hoje não habita nenhum christão ou incircumciso entre elles. Sobre os judeus convertidos á força que viviam em Ancona estendeu tambem o cordão da devastação, para acabar mais promptamente a sua perda.

«Um dia o espirito do mal apoderou-se d'elle, e o papa disse ao filho de seu irmão, no meio da noite: Vae e queima todas as casas judias, não te descuides do que te prescrevo. Esta ordem contristou muito o sobrinho, mas obrigado a obedecer partiu. No caminho, encontrou o cardeal Farnese, a quem disse: «Meu tio resolveu firmemente exterminar os judeus, e manda-me incendiar as suas casas. — Guarda-te, respondeu-lhe o cardeal, de commetter semelhante crime; espera até amanhã e veremos se lhe passam essas hallucinações. O rapaz, a estas palavras, deixou-o para recolher a casa, mas os servos de Paulo vieram a toda a pressa procural-o pela segunda vez, e quando voltou á sua presença, perguntou-lhe: Que ordena o meu senhor ao seu servo? — Fizeste, perguntou o papa, o que te ordenei? — Não, meu senhor, respondeu elle. — Então, redarguiu o impetuoso Paulo, nada faças, mas corre a mandar cartas para Ancona pelos correios, para que se encarcerem os falsos christãos; mais tarde veremos o que se lhes ha-de fazer. Quando a ordem chegou áquella cidade, lançaram-se os conversos n'uma prisão, roubaram-

se-lhes todos os haveres e fez-se-lhes soffrer uma longa detenção. Mas tu, Eterno, Senhor Cebaoth, sustenta a sua causa e lembra-te sempre da injuria d'este malvado; saiba-se que Deus reina sobre Jacob, e eu celebrarei todas as manhãs a tua bondade se recompensares este homem segundo as suas acções.» [1]

E' n'esta occasião que se colloca a perseguição de Amato. Os elementos que nos fornece a tal respeito são bastantes para avaliar a dolorosa tragedia, mas não abundantes em pormenores. Teria conhecimento antecipado da partida dos agentes de Paulo IV e abandonaria tudo para salvar a vida? E' o mais provavel. O que diz é que para não ser vexado pelos emissarios do papa fugiu para Pesaro e depois para Ragusa. Esses agentes apoderaram-se de tudo quanto possuia: oiro, prata, pannos palacianos, vestidos preciosos e não poucas alfaias. A sua bem provida bibliotheca, — e rica devia ser, a ajuizar do grande numero de auctores que cita nas suas obras, — não escapou aos terriveis beleguins. Mais do que tudo, o medico portuguez lamentava a perda de dois manuscriptos seus: um o da *5.ª Centuria das suas curas medicinaes,* que estava quasi concluido, e outro os seus *Commentarios sobre a quarta Fen do livro I de Avicena,* cujo texto havia sido fielmente vertido por Jacob Mantino, e revisto por Amato. [2]

Andava prudentemente Amato em fugir. As provações dos judeus em Ancona estavam ainda em começo. No mez de Sivan, que corresponde ao nosso mez de junho, e três mezes passados da sua partida, accendiam-se as fogueiras inquisitoriaes em Ancona e n'esse auto de fé morriam 24

---

(1) Joseph Ha Cohen, op. cit. pag. 139 e seguintes.
(2) Prologo da cent. 5.a — Cent. 5.a, cur. 70, pag. 184.

judeus, entre os quaes uma mulher de avançada edade. Ainda hoje é annualmente recitada nos synagogas a elegia que Jacob de Zano escreveu sobre estes martyres. [1]

---

[1] Joseph Ha Cohen, op. cit., pag. 141, *The Jewisch Encyclopedia*. V. Ancona, I, pag. 572.

CAPITULO IX

Pesaro — Manuel Bichacho — Os medicos de Pesaro — Expulsão dos judeus — Ragusa — Diogo Pires — Os medicos de Ragusa.

Pesaro, onde Amato aportou em fins de 1555, [1] estava sob o dominio dos duques de Urbino.

E' hoje uma cidade de 12:547 almas, situada na foz do Foglia no Adriatico e na linha de Bolonha a Ancona. O seu porto, pouco profundo, com um pharol a illuminal-o, dava em 1894 entrada a 417 embarcações que ao todo prefaziam 11:000 toneladas. Cercada de muros, a cidade está situada em logar elevado; tem cinco portas, uma cidadella que data de 1414 e serve de prisão, uma grande praça, monumentos erguidos a Rossini que aqui nasceu, e ao conde Giulio Perticari, egrejas numerosas, entre as quaes merecem menção a de S. Francisco, onde ha que admirar um portal gothico e a *Coroação da Virgem* de Giovanni Battista e a de Santo Agostinho, em que existe egualmente um portico gothico. Outros edificios notaveis ha que visitar: o palacio da prefeitura, o palacio dos duques de Ur-

---

(1) Cent. 5.a, cur. 73, pag. 198.

bino que data de 1455, a casa da camara, os palacios Baldassini, Bonamini-Pepoli e Machirelli, etc.

Tem um commercio activo de azeite, vinho, figos, seda, coiro, sabão, queijo, ferro e estanho. A industria consiste na fiação de seda, canhamo e algodão.

Amato descreve-a como uma cidade nobre e magnifica, onde se gosava não só d'um ar salubre e benigno como de uma amena viração, de maneira que em parte alguma se disfructava mais saude e robustez. Dos velhos da terra soubera que a salubridade da cidade dependia de terem sido exsiccadas as lagoas que em tempo a tinham cercado e d'onde se exhalavam vapores inficiosos e pestilentos. As ruas eram asseadas e bem calçadas de ladrilhos. A cidade era abundante em fructas e productos necessarios á alimentação do homem, motivo por que a chamavam o jardim da Italia. De Pesaro se exportavam para toda a Italia trigo, vinho e fructas. (1)

O duque reinante era Guido Ubaldo, «clementissimo e liberalissimo» senhor dos Pisaurenses que, além de muito dado ás lettras, era um segundo Marte nas artes da guerra, e um segundo Trajano na administração da justiça. Pobres judeus que com taes lisonjas esperavam captar a benevolencia d'um principe, não mais tolerante do que os outros da Italia, e que só por interesse muito directo lhes dispensava escasso e ephemero favor!

Ao contrario de um seu antecessor de egual nome, Guido Ubaldo era um soberano devasso, quanto a costumes, e o novo Marte na guerra apenas nominalmente foi general dos venezianos. (2)

A'parte as qualidades do soberano, o espirito da po-

---

(1) Cent. 5.a, cur. 69, pag. 177.

(2) *La Grande Encyclopedie*, XXVIII — V. ROVÈRE (Della).

pulação não era mais favoravel aos hebreus do que o dos outros povos da Italia.

Vivia em Pesaro um portuguez, Manoel Bichacho, que era bem acceite de Guido Ubaldo e conseguiu que este dispensasse protecção aos judeus e alguns ahi se estabeleceram. Ora, em 1553, na casa onde estes se recolhiam para fazer oração, entraram alguns individuos que, tirando da arca o sefer, o profanaram deitando-o em um jardim da casa.

Ficaram consternados os corações judaicos, mas para que a «chaga fôsse incuravel e mortal», em outra casa onde os israelitas italianos oravam, entraram tambem malfeitores que tirando treze sefarim da sua caixa os despiram e com as suas sagradas faixas e mappoth enfaixaram um abominavel porco e o cobriram com ellas, e na caixa d'onde haviam tirado as alfaias metteram esta suja alimaria e cerraram as portas do Echol, deixando a divina escriptura desdenhosamente e com desprezo lançada pelo chão. [1]

A protecção de Guido Ubaldo não assentava em sentimentos de tolerancia que ao tempo se não encontravam em peitos christãos. Os judeus do levante planeavam uma vingança contra Ancona, e bem proximo estiveram de a executar. Os que se haviam refugiado em Pesaro mandaram um enviado, Juda Faragi, com cartas dirigidas aos seus correligionarios levantinos, em cujas mãos estava quasi todo o commercio com os portos italianos, pedindo-lhes que mandassem todas as suas mercadorias para Pesaro, em vez de as dirigirem para Ancona, como até ahi haviam feito. A prosperidade d'esta cidade teria indubitavelmente soffrido

---

[1] Samuel Usque, op. cit., pag. 212 v. e 213.

muito, se os judeus levantinos cumprissem a promessa que a principio tinham feito em resposta aos marranos de Pesaro. Mas a falta de cumprimento obedecia ás instancias dos seus correligionarios que haviam ficado ainda em Ancona e que receavam que sobre elles se exercessem represalias crueis. Ora Guido Ubaldo, na sua protecção aos judeus, só levava em vista o engrandecimento de Pesaro, e bem cedo o havia de demonstrar.

Nos primeiros tempos da sua residencia n'esta cidade, Amato apenas se preoccupou com o roubo que lhe tinha sido feito e com a maneira de o reparar. Vivia em Pesaro Abrahão Catalão, amigo do nosso medico, qne o persuadiu a que mandasse cartas aos commissarios de Paulo IV, pedindo-lhes que lhe devolvessem os livros apprehendidos, tanto mais que pouco valiam para elles, entre tantas e tão preciosas riquezas.

Seguindo o conselho do amigo, o medico judeu escrecreveu em latim a Navio de Bolonha, que por intervenção de Hodaja, mercador de Salonica, lhe devolveu a centuria 5.ª das suas curas medicinaes, retendo os *Commentarios sobre Avicena* que Amato projectava escrever de novo, o que nunca realizou. [1]

O manuscripto da quinta centuria não estava completo. Abrangia as 69 primeiras observações; as restantes foram escriptas em Pesaro, d'onde data esta obra, ao tempo *em que o duque d'Alba, inimigo de Paulo IV, se preparava para a guerra contra os Romanos.*

Nos poucos mezes que residiu em Pesaro, não era possivel que o medico portuguez tivesse larga clinica e

---

[1] Dedicatoria da 5.ª centuria—Cent. 5.ª, cur. 70, pag. 184.

observasse numerosos casos que merecessem registo. De facto, apenas 31 das suas curas se referem a esta cidade.

Tambem não são muitas as referencias a pessoas notaveis que ahi encontrasse. Medicos, apenas menciona Louva-a-Deus Blanes, hebreu, medico douto e probo do cardeal Crispo ([1]); Marco, medico illustrado do duque de Urbino ([2]); os medicos Baptista Gualterio e Jeronymo Carmenas, ambos do partido de Pesaro ([3]); um cirurgião chamado José ([4]) e outro cirurgião, Abrahão Aloya, judeu portuguez que tinha o partido da cidade e que com Amato assistiu a um gigante do Senegal. ([5])

Todos estes medicos não deixaram de si outra memoria, além das referencias que Amato lhes faz.

Dissemos precedentemente que Guido Ubaldo breve havia de demonstrar que não tinha outra razão para favorecer os judeus, além do seu proprio interesse. Chegou agora a occasião de o pôr em relevo. No dia em que o *boycottage* do porto de Ancona se tornou impossivel e os judeus não trouxeram a Pesaro a prosperidade que d'aquelle facto era de esperar, a attitude do duque de Urbino mudou. Desde que elles lhe não trazíam proveito algum, exilou-os. Seiscentos marranos viram-se obrigados a fugir a toda a pressa e com difficuldade puderam illudir a policia naval do papa; alguns foram feitos prisioneiros e tratados como escravos. ([6])

([1]) Cent. 5.a, cur. 79, pag. 221.
([2]) Cent. 5.a, cur. 83, pag. 228.
([3]) Cent. 5.a, cur. 73, pag. 198.
([4]) Cent. 5.a. cur. 91, pag. 245.
([5]) Cent. 5.a, cur. 95, pag. 251.
([6]) *The Jewisch Encyclopedia*, v. PESARO.

Amato não esperou pela expulsão para deixar Pesaro. Comquanto não possa fixar-se com exactidão a data da sua saída, deve ter-se effectuado entre o fim do mez de maio de 1556, em que ainda estava n'esta cidade (1) e 9 d'agosto do mesmo anno, em que já se fixara em Ragusa. (2)

Ora o exodo dos judeus de Pesaro começou em 1558. D'ahi partiu em 13 de Nisan um navio levando a bordo 70 pessoas que se dirigiram para o Oriente. Chegando a Ragusa desembarcaram uns quinze, continuando os outros a viagem. Mas durante a travessia, alguns malvados da tripulação assaltaram-n'os e fizeram-n'os prisioneiros, porque o capitão trahiu-os e pertencia ao numero dos aggressores. Foram depois vendidos, homens e mulheres, como escravos, no paiz da Apulia e ninguem lhes acudiu.

Pouco depois, em 27 d'abril outro navio cheio de gente fez-se de vèla, mas a noticia chegou a Ancona e foi perseguido quando, accedendo ás supplicas dos judeus que tinham aviso do perigo que corriam, o capitão os conduziu á Istria, possessão veneziana. Puderam chegar a salvamento.

Saindo de Pesaro, Amato dirigiu-se a Ragusa, cidade que então formava uma republica, sob o protectorado dos sultões ottomanos.

Lembram-se certamente os leitores do que dissemos precedentemente sobre a recommendação de Brasavola a um embaixador da republica de Ragusa a respeito do nosso compatriota. Recordam-se tambem de que os seus *Commentarios sobre Dioscorides* são dedicados ao senado ragusano.

---

(1) Cent. 5.a, cur. 98, pag. 256.
(2) Cent. 6.a, cur. 3, pag. 277.

Tudo isto o levaria a buscar aquella cidade quando se não sentia seguro ou satisfeito em Pesaro.

Ragusa descreve-a elle como uma cidade pequena, mas antiga, semelhante a Veneza, assente entre rochedos junto do mar Illyrico. Estava voltada ao sul e exposta aos ventos que sopram do Meio-dia, d'onde derivava que no inverno os homens eram frequentemente atacados de doenças graves. Produzia vinhos generosos, embora insalubres, poucas fructas e bastante trigo. A republica tinha como chefes os nobres que não só eram de trato agradavel, mas ricos e sobrios. Além dos nobres, vivia n'ella numerosa população. Uma parte era illustrada e dava-se ao commercio maritimo em grandes e admiraveis navios. Outra era miseravel. [1]

Ragusa é hoje uma cidade da provincia austriaca da Dalmacia, n'uma peninsula banhada pelo mar Adriatico. A sua população é fixada por uns em 7:143 habit. e por outros em 11:200. A cidade é cercada de cinco fortes, dos quaes o mais importante é o que foi construido em 1808-1813 pelos francezes no monte Sergio; os outros datam do seculo XI ao seculo XVI. A cidade está encostada ao monte Sergio e tem apenas uma rua larga em que desemboccam grande numero de viellas dispostas em degraus. O centro da vida urbana é a praça Bersalje, deante da porta Pille. Os seus principaes edificios são: a cathedral, que data de 1713; a egreja de San Biagio, as dos Franciscanos e dos Dominicanos, o palacio do reitor e o collegio dos jesuitas. Ragusa conservou o aspecto de uma cidade veneziana. O verdadeiro porto fica ao norte da peninsula, em Gravosa, separado da cidade por um isthmo de 2 kilometros. A 10

---

(1) Começo da cent. 6.a.

kilometros a sudeste da cidade actual fica a Ragusavecchia, que occupa o logar da antiga Epidauro.

A sua historia é interessante. Epidauro foi fundada em 589 antes de Christo e transformada em colonia romana em 164 antes de Christo, com o nome de *Colonia Martia.* Foi arruinada pelos eslavos no seculo VII. A população sobrevivente fundou a cidade nova de Rhausium.

Ragusa prosperou, ampliou-se três vezes, de 646 a 949, resistiu aos serracenos e aos eslavos e soube salvaguardar a sua autonomia. Em 1204, destacou-se da provincia byzantina para ficar sob o protectorado de Veneza, á qual foi disputada pela Hungria, pela Servia e pela Bosnia, pagando tributo ao mais forte, sem se deixar annexar.

Em 1526, colloca-se sob a protecção dos sultões ottomanos, pagando-lhes até 1718 um tributo annual de 12:500 ducados em troca de largas facilidades commerciaes na Turquia. A população da pequena republica attingiu 30:000 almas. Foi cruelmente experimentada pelos incendios de 1023, 1296, 1459, pelas pestes de 1548 e 1562, e pelos terramotos de 1667, 1843 e 1850. A paz de Presburgo teve por consequencia a occupação franceza da Dalmacia, e em 27 de maio de 1806, Lauriston tomou posse de Ragusa; ahi foi cercado a partir de 17 de junho pelos russos que Molitor expulsou em 6 de julho.

Um decreto de 31 de janeiro de 1808 aboliu a republica de Ragusa e em 31 d'outubro de 1809 a cidade foi, com a Dalmacia, annexada ao reino da Italia. O governador militar foi Marmont, que recebeu o titulo de duque de Ragusa. Em 29 de janeiro de 1814, os austriacos occuparam Ragusa, que o congresso de Vienna lhes attribuiu com a Dalmacia. [1]

---

[1] *La Grande Encyclopedie* e *Nouveau Larousse illustré.* V. RAGUSE.

Em 1896 Ragusa foi visitada por um viajante francez, Eduardo Maury. Tal como a descreve, a velha cidade tem um pequeno porto, minusculo como o seu palacio e como as suas ruas; é uma povoação em miniatura, tão apertada nos seus enormes baluartes que rejeita para o exterior tudo quanto a civilização lhe manda. A acredital-o, Ragusa transformou-se tão pouco que o viajante poderia julgar-se transportado alguns seculos atraz e julgar-se no tempo em que Amato a habitou. (1)

Pouco sabemos da situação dos judeus em Ragusa. Em maio de 1544 Balthasar de Faria informava D. João III de que áquella cidade havia chegado uma náu carregada de fugitivos. (2)

A vida do medico portuguez apresenta agora menos interesse. Não tem ahi o convivio dos sabios e lettrados que tivera em Ferrara e em Roma. Compatriotas raros encontrava que merecessem menção. Todavia entre estes notava-se o seu parente Diogo Pires, o illustre poeta a quem já nos referimos por vezes. Voltava de Byzancio onde grassava a peste e residia nos suburbios de Ragusa. (3)

Medicos que ahi conhecesse, aponta-nos os nomes d'alguns, que apenas essa referencia logra salvar do esquecimento. Eram elles Jacob de Bolonha, e dois cirurgiões: Baptista Vanuccio, de Florença e Paulo Celetano, de Napoles. (4)

Ahi mesmo, a sua reputação de clinico se ditata. Adoecendo em Stagno, a 30 milhas de Ragusa, Marino Guetaldo, pertencente a uma nobre familia de Ragusa, foi chamado

(1) Raguse, in *Monde Moderne,* III, 1896, pag. 128.
(2) Herculano — op. cit., III, pag. 112.
(3) Cent. 4.a, cur. 30, pag. 334.
(4) Cent. 6.a, cur. 42, pag. 378.

para o tratar o nosso patrício, [1] e no regresso ia a Enneocastro ou Castello Novo vêr outro doente [2]. E como n'esta cidade se demorasse, Matheus Pascal chamava-o a Cattaro, cidade que estava sob o dominio de Veneza, e notavel por um combate mortifero entre hespanhoes e turcos. [3]

---

[1] Cent. 6.a, cur. 66, pag. 449.
[2] Cent. 6.a, cur. 67, pag. 453.
[3] Cent. 6.a, cur. 68, pag. 457.

CAPITULO X

Mattioli — Os seus Commentarios sobre Dioscorides — Criticas de Amato — Resposta de Mattioli — Francisco Parthino.

Colloca-se por esta época um incidente da vida de Amato, que é de suppôr tivesse grande influencia nos seus destinos.

Dissemos precedentemente que o illustre medico deu á luz em 1553 uns Commentarios sobre Dioscorides com o titulo de *In Dioscoridis Anazarbei libros quinque enarrationes eruditissimæ*. N'este livro, que havemos de analisar, Amato não se mostra tão affecto á auctoridade que se não permitta discordar do que a respeito de plantas medicinaes haviam escripto os antigos e os modernos. Onde encontra que louvar louva; onde as suas informações e experiencia estão em desaccordo com as asserções dos escriptores que o precederam, critíca desapaixonadamente. Ora, entre os escriptores que mais se occuparam da materia medica, não podia deixar de referir-se a Mattioli, um dos mais illustres commentadores de Dioscorides.

Pedro André Mattioli nasceu em Siena em 23 de março de 1500 e falleceu em Trento em 1577. Era filho

d'um medico de Veneza, que o destinou ao estudo do direito e o mandou para a universidade de Padua. Succedeu, porém, que o rapaz sentia pouca disposição para os estudos juridicos, ao passo que as sciencias naturaes tinham para elle grandes attractivos. Por este motivo, pôde conseguir que a familia o não obrigasse a seguir uma carreira para que não sentia vocação, e, passando a estudar medicina, obteve o grau de doutor n'esta faculdade na universidade de Padua.

Exerceu a sua profissão por algum tempo na sua terra natal e foi depois fixar-se em Roma, onde clinicou até 1527. Por causa dos tumultos e guerras incessantes que por então agitavam esta cidade, Mattioli retirou-se para perto de Trento, onde viveu até 1540, indo depois residir em Göritz.

Tendo soffrido na mocidade grandes difficuldades e conhecido até a miseria, breve adquiriu uma fortuna, senão consideravel, pelo menos muito sufficiente para elle. Abandonou então a sua clientela para se devotar aos trabalhos de gabinete e sobretudo aos estudos de historia natural, objecto da sua predilecção. Difficilmente o arrancavam a esta verdadeira paixão para visitar qualquer doente, fôsse qual fôsse a sua posição de fortuna. Assim vivia em meio de simplices e drogas quando o archiduque Fernando, mais tarde imperador do Santo-Imperio, o foi buscar para seu medico. Ficou na côrte da Austria de 1552 a 1562, como primeiro medico, resignando n'esta ultima data as suas funcções para se retirar outra vez para Trento, onde se casou, em segundas nupcias, com uma mulher que lhe deu muitos filhos. Morreu de peste na edade de 77 annos.

Como sabio, Mattioli foi o homem feliz por excellencia; teve como medico uma notoriedade immensa e uma

clientela que lhe deu rapidamente fortuna. Gosou em vida uma reputação consideravel que ainda augmentou depois da morte e o seu nome chegou até nós entre os mais illustres e conhecidos. Para a posteridade o que fez a reputação de Mattioli foram os seus *Commentarios* de Dioscorides que, segundo Montanier, não merecem toda a reputação que adquiriram, mas são incontestavelmente obra d'um trabalhador infatigavel e em que se admira grande cópia de conhecimentos.

Para o apreciar, todavia, á sua verdadeira altura, é necessario que o critico se reporte á época em que foi escripto, e então os seus meritos avultam, embora se encontrem n'elle «inexactidões bastante frequentes, descripções em que a imaginação desempenha grande papel, uma credulidade infantil e uma falta quasi absoluta d'ordem e de critica.» Os *Commentarios* de Mattioli só têm verdadeiro interesse sob o ponto de vista da historia da sciencia, mas assim encarados são preciosos. A somma de noticias que encerram é enorme, e com os meios de estudo de que então se dispunha, é espantoso que se pudessem colher. (1)

Não lhe regateou louvores Amato Lusitano. A cada passo lhe chama doutissimo, instruido no conhecimento das plantas, indagador diligentissimo das suas virtudes, etc. (2) Ao mesmo tempo, todavia, menciona os erros em que caíu em sua opinião o medico de Siena. (3) A formula mais vezes empregada é: Mattioli erra em tal ponto porque eu vi, ou porque soube d'este ou d'aquelle informações em con-

---

(1) Montanier, art. *Mattioli* do *Dictionnaire Encyclopedique des sciences medicales,* de Dechambre — 2.a série. V., pag. 251.

(2) *Dioscoridis,* pag. 368, 381, 397, 431.

(3) *Dioscoridis,* pag. 9, 32, 36, 100, 164, 252, etc.

trario. Uma vez escreve: Mattioli ineptamente reprehende Theophrasto; outra: Mattioli escreveu coisas absurdas a respeito do hippocampo.

Entramos n'estas minucias para que melhor se possam apreciar as consequencias d'esta critica.

Eram passados cinco annos quando surgiu a *Apologia adversus Amathum,* em que Mattioli indignamente increpa o seu adversario e... admirador.

Abre o livro com uma carta de Francisco Parthino Roboretano, medico do rei da Bohemia, Maximiliano. Parthino julga saber que Mattioli levava adeantada a *Apologia* contra este homem ingratissimo e alheio a toda a cortezia, contra este inepto homem, etc. Com isso muito folgara, porque ninguem melhor se podia desempenhar da defeza do que Mattioli escrevera e da censura do que Amato publicara. Ignora, porém, os motivos que o levam a desistir da publicação, e incita-o a que conclua o seu trabalho e o publique. Evitará assim que os que não conheçam os seus doutissimos escriptos sejam illudidos por aquelle velhaco. «O qual é homem de fronte tão deslavada em reprehender as coisas alheias, em introduzir as suas fabulas, tanto mais perfido em violar os escriptos alheios e tão parcial em dar a sua opinião, que póde impressionar os mediocremente doutos.»

Calcula que já ha muito haveriam sahido em defeza de Mattioli os seus amigos e varões illustres no saber, se não quizessem deixar-lhe a elle Mattioli esse trabalho. «Sacode este escaravelho das tuas flores e não consintas que as contamine com seus incommodissimos sussurros e maus cheiros!» Não te repugne que se supponha que receias travar combate com «esse transfuga imbelle»? Pois não dirá o «desacreditadissimo calumniador»: «Escrevi contra Mattioli, roubei, surripiei, pilhei as coisas que quiz.

E' vivo Mattioli e não se atreveu a responder-me. Venci sem resistencia. Mattioli cedeu a Amato.» Se assim é preciso, invoca a sua antiga amizade para que sáia a terreiro contra «este ladrão e calumniador». Este modelo de correspondencia epistolar tem a data de 2 de setembro de 1557 e é expedido de Vienna d'Austria.

Segue-se a obra de Mattioli, dedicada ao magnifico e illustrissimo senhor Pedro Cannizero, medico-mór do serenissimo rei dos romanos.

Tendo lido umas infundadissimas calumnias aos seus *Commentarios sobre Dioscorides,* publicadas por Amatho Lusitano, homem indouto *como o seu nome o está a indicar,* mas arrogantissimo, e sabendo que este trasladara muitissimos dos seus commentarios na obra que publicara, commettendo numerosos erros na transcripção, mais por evitar os prejuizos que resultavam de se espalhar doutrina erronea, do que por paixão de atacar, a que sempre foi extranho, resolve-se a «destruir em publico as calumnias, refutar os erros, rebater as imposturas e a patentear os furtos.»

Permitta-se-nos aqui uma annotação. Mattioli escreve sempre o nome do nosso compatriota Amatho. Não é um erro orthographico. Este innocente H accrescentado é uma subtil invenção, um gracejo de sabio, que é o homem mais gracioso que se conhece. Assim orthographado, o nome do nosso compatriota tem pretenções a derivar do grego e a significar *sem sciencia.*

Seguidamente, vae desfiando uma a uma as criticas de Amato. Não o seguiremos n'essas invectivas. Apenas colheremos d'onde a onde preciosos modelos de discussão scientifica. Ha uma passagem em que Amato Lusitano prefere as opiniões dos monges commentadores de Mesué á de Mattioli. Este, na sua resposta, escreve que é dever

de todo o escriptor scientifico calar as coisas desconhecidas ou duvidosas e não descrever para o criterio da posteridade as coisas falsas por verdadeiras e asseverar as duvidosas por certas. *O que não duvidamos terem feito algumas vezes aquelles monges que o Lusitano com uma religião vulpina chama padres.* Mas parece muito admiravel que tenha possuido a nossa e a sua religião, tenha maculado com deshonra, tenha obrigado com crime e sómente por esta causa se tenha expatriado do seu Portugal, porque aqui tão acremente seja atacado por aquelles monges que tão acremente perseguem principalmente toda a raça dos judeus.

Ha outra occasião em que Amato é accusado de plagiario... por se inclinar a opinião differente. Então o varão grave e modesto escreve: Que ha mais torpe, mais imprudente e mais detestavel do que transferir o fructo roubado de alheia messe para o seu celleiro? Que ha depois mais deshumano que atacar com gladio e injurias aquelle que tenhas explorado? Por ventura são estas coisas de homens optimos? Antes me parecem de salteadores e de ladrões que tu pareces principalmente ter seguido. Mas que haverá n'isso para admirar *se primeiro expulso de Portugal e depois repellido da Allemanha para a Italia já d'ahi fugitivo te afastas, tanto que quasi não encontras onde possas estar seguro?*

N'outra occasião, referindo-se a uma passagem em que Amato julga perturbados os que se davam ao culto da Boa Deusa, Mattioli joga-lhe esta estocada: E pois como umas vezes te faças da nossa religião, outros te entregues todo ás leis e superstições judaicas e assim não só aos homens mas ao proprio Deus optimo maximo affrontes, não ha que admirar se a ti mesmo te contradizes e perturbas o espirito.

Na parte do seu livro em que censura os erros escriptos por Amato, a paixão e violencia são as mesmas, apesar dos protestos que faz de frieza d'animo.

Haja vista este pequeno trecho: Porém como affirma isto sem nenhuma razão nem auctoridade, com motivo deve ser declarado não só contumaz mas insolente, louco e tresloucado... Mas talvez o Lusitano ardendo mais na lei mosaica do que no desejo de sustentar a verdade investisse contra Aecio que não entendeu.

Para que continuar? O que extratamos basta para vêr que na defeza e no ataque Mattioli se soccorre mais de invectivas e violencias do que de argumentos. As referencias ás crenças de Amato parecem-nos odiosas. Espiritos cultos devem ser de sua natureza tolerantes e a vida do nosso compatriota, sempre fugitívo, sempre errante, devia mover mais á piedade do que á indignação. Ao referir-se aos frades que em Portugal especialmente perseguiam os judeus, ha-de dizer-se que Mattioli desejava poder appellar para elles como juizes da contenda e só ficaria satisfeito vendo o medico judeu arder nas fogueiras que tantos martyres produziram. Havemos de imparcialmente examinar o valor das criticas de Amato e das de Mattioli. Ainda, porém, que d'esse trabalho surja este ultimo aureolado de gloria immarcessivel, o homem fica-nos já conhecido e condemnado.

CAPITULO XI

Transferencia de Amato para Salonica — José Nasci, duque de Naxos — Gracia Nasci — Regina Nasci — Guedelha Yahia — A morte de Amato.

Qualquer que tenha sido o papel de Mattioli nas desventuras de Amato, este illustre medico vae fixar-se em Salonica no mesmo anno em que saía á luz a *Apologia adversus Amatum* (1558).

Era a Turquia, no dizer de Samuel Usque, a mais assignalada via por onde advinha consolo ás fadigas da raça hebréa «largo e espaçoso mar que Nosso Senhor abriu com a vara da sua misericordia para irem n'elle parar e consumir-se tamanhas enchentes de tuas presentes fortunas como de todos os reinos da Europa vão traz ti de contínuo.»

Ahi os judeus achavam abertas de par em par as portas da liberdade na perfeita observancia do judaismo. Ahi mudavam as condições, trocavam os costumes, desterravam as «falsas e erradas opiniões» e podiam abandonar «usos tão desconformes que por força das gentes entre quem tinham andado peregrinos, haviam imitado.» Salonica,

principalmente, era o porto de abrigo para náu tão batida de tempestades, e Usque não receia comparal-a «áquella nossa antiga e já piedosa madre Jerusalem.»

Para a situação que os judeus tinham na Turquia muito concorria o valimento que junto do sultão adquirira José Nasci, a quem Amato dedica a quinta centuria das suas *Curas medicinaes.*

N'essa dedicatoria, depois de ter narrado a sua fuga de Ancona e a sua residencia em Pesaro e Ragusa, diz que tendo de publicar as suas 5.ª e 6.ª centurias não teve de deliberar por muito tempo sobre a pessoa a quem as devia dedicar. Occorrera-lhe immediatamente o nome de José Nasci, não só porque era douto, mas grande e admiravel favorecedor e protector dos doutos. Em humanidade ninguem o excedia e a ella accrescia insigne liberalidade que sempre costuma acompanhar as outras virtudes. Por estes dotes d'alma tinha Nasci recebido excellente acolhimento de reis e principes, como o vira a côrte de Carlos V e a de sua irmã Maria, regente dos Paizes-Baixos, assim como a côrte de Francisco I, rei de França. Não menos o provava o valimento que tinha junto de Solimão, imperador dos turcos, e de seus filhos Selim e Bajazet.

Por estas razões lhe pede que acceite aquelle livro e lhe deseja venturas e prosperidades, assim como á illustrissima Gracia. Termina formando votos por que tenha saude e viva felizmente em companhia da sua Regina.

Esta dedicatoria colloca-nos em presença de um dos mais illustres homens do seu tempo e de duas das mais sympathicas figuras de mulheres de que os judeus portuguezes se pódem justamente orgulhar.

No principio do seculo XVI vivia em Lisboa um opulento banqueiro chamado Francisco Mendes, cuja casa tinha succursaes em Flandres e França. Este riquissimo ju-

deu casava com Gracia Nasci ou Gracia Mendes, tambem conhecida por Beatriz de Luna, nascida em Portugal em 1510, e pertencente á familia hespanhola de Benveniste. Depois do fallecimento de seu marido, Gracia Nasci, não se julgando segura em Portugal, onde a introducção da Inquisição punha em perigo a sua vida e propriedades, transferiu a sua residencia para Antuerpia com sua filha Reyna ou Regina em 1536. Alli vivia seu cunhado Diogo Mendes que dirigia a succursal da casa bancaria, agora totalmente transferida para Antuerpia. Já conhecemos este homem cuja philanthropia deixamos devidamente assignalada. O que não dissemos foi que tanto elle como sua cunhada despenderam grandes quantias em favorecer a sua raça e em impedir o estabelecimento da Inquisição de Portugal.

Marco della Ruvere, o nuncio que por esta época estivera entre nós a tratar negocios relativos á Inquisição, projectava ir a Flandres entender-se com Diogo Mendes, o mais rico e respeitado hebreu portuguez, diz Herculano, e com a viuva de seu irmão Francisco Mendes, a qual subministrara *já a maior quantia para a solução dos cinco mil escudos recebidos,* para que estes fornecessem mais amplo subsidio á curia romana em troca de concessões aos judeus. (1)

Na casa bancaria de Diogo Mendes achavam-se dois sobrinhos seus, filhos d'um irmão mais novo: João Miguez (ou José Nasci) e Samuel.

A agradavel presença do primeiro e o seu amavel caracter, assim como as relações commerciaes que a casa mantinha com todo o mundo, cedo lhe attrahiram o favor da nobreza e até o da rainha Maria, regente dos Paizes-Baixos e irmã de Carlos v. José, todavia, assim como sua

---

(1) Herculano, op. cit. II, pag. 170.

tia Gracia Nasci, não se julgavam á vontade em Antuerpia, vendo-se obrigados a simular crenças que não possuiam e almejavam por estabelecer residencia n'um paiz onde livremente pudessem professar a sua religião.

Estavam tomadas todas as disposições para a viagem quando Diogo Mendes, que casara com a irmã mais nova de Gracia, morreu em 1545. No seu testamento indicava a cunhada para directora de toda a casa e tutora da filha, e ella viu-se em sérias difficuldades porque os devedores conseguiram confiscar as propriedades sob a capa d'interesses religiosos. Viu-se obrigada a permanecer alguns annos ainda em Antuerpia, até 1549, anno em que Gracia Nasci foi para Veneza com sua filha, sua irmã viuva e uma filha d'esta. Projectava a familia toda transferir-se para a Turquia.

Nunca Gracia Nasci penetrasse no territorio da republica! Novos e grandes trabalhos lhe estavam reservados. Esses desgostos advieram-lhe da parte de sua irmã e sua sobrinha. Ardiam ambas, e sobretudo a primeira, em desejos de se subtrahirem á tutella de Gracia Nasci, que só findava com o casamento da sobrinha. Não escolhendo meios, a irmã de Gracia denunciou-a ás auctoridades venezianas como judaizante, allegando que ella projectava transferir-se com as suas riquezas para a Turquia e ahi confessar abertamente o judaismo. Não contente com isto, aproveitou os serviços de um francez adverso aos judeus para apresentar uma queixa analoga ao rei de França, em cujo territorio estava collocada uma grande parte da sua fortuna. Como resultado d'estas denuncias, a França e o Senado de Veneza confiscaram as propriedades da familia Mendes, e Gracia Nasci foi presa n'esta cidade, para se evitar a sua fuga.

Em tão apertada conjunctura valeram-lhe os sobrinhos e sobretudo o energico José Nasci. Já este fizera di-

ligencias junto da republica de Veneza para que esta concedesse uma das ilhas proximas para refugio dos judeus portuguezes, diligencias que nenhum resultado haviam surtido. Agora que sua tia jazia n'um carcere não havia tempo a perder.

José Nasci appellou para o sultão Solimão II, mostrando-lhe as vantagens commerciaes e financeiras que advinham para a Turquia da passagem para este paiz das riquezas da sua familia, e das possuidas por outros judeus que tambem desejavam transferir-se para os seus estados. Nas suas diligencias foi auxiliado por um medico de grande influencia junto do sultão Moses Hamon, que desejava que a herdeira da opulenta judía casasse com seu proprio filho. Solimão convenceu-se do que lhe expunha José Nasci e mandou um embaixador a Veneza, reclamando Gracia e as suas riquezas. Só passados dois annos é que Gracia recuperou a liberdade, estando a ponto de rebentar a guerra entre a Porta e a Senhoria por causa d'ella.

Liberta em 1550, immediatamente foi para Ferrara onde se declarou judía, e em 1552 estabeleceu residencia com sua filha em Constantinopla. Seguiu-a dentro em pouco sua irmã e, apesar de se ter reconciliado com ella, ainda tiveram muitas desavenças. Refere Kayserling que teve egualmente discordias com um sobrinho que não nomeia. Devia ser o nosso José Nasci e o motivo o casamento d'este com sua prima Regina.

Dos livros que podemos consultar, o unico que nos esclarece a este respeito é a biographia de Amato, publicada por M. Soave.

José Nasci não acompanhara sua tia a Constantinopla, mas reuniu-se-lhe no anno seguinte (1553). Adoptou o seu nome de familia e abandonou o de João Miguez, que até então usara. Namorou-se da prima e como a pedisse para

esposa, Gracia Nasci recusou-lh'a. José Nasci persuadiu Regina a fugir com elle e raptou-a. [1]

Gracia foi, diz Kayserling, uma das mais nobres mulheres e honrada como uma princeza. Já vimos que fez grandes sacrificios para evitar o estabelecimento da Inquisição em Portugal, e a sua grande fortuna esteve sempre á disposição dos seus correligionarios para lhes aliviar a miseria. Por suas diligencias, Solimão escreveu a Paulo IV para que restituisse á liberdade os seus vassallos. Construiu synagogas e subsidiou os estudantes judeus. Imanuel Aboab diz que d'esta generosissima matrona, das suas excellentes virtudes e nobres feitos podiam-se escrever livros de muito exemplo. Samuel Usque confessa dever-lhe muito e chama-lhe o coração do seu povo. A nós afigura-se-nos uma incarnação da bondade na terra e uma das creaturas que pela sua virtude mais honram a natureza humana.

Voltando a José Nasci, este, quando ainda em Antuerpia foi a Lyão, onde fundou, no reinado de Henrique II, uma colonia de banqueiros italianos e hespanhoes, fez grandes negocios e, segundo diz Carmoly, prestou serviços eminentes ao governo francez. Na Turquia, onde o levaram fornecimentos feitos ás expedições da França, e recommendado ao sultão pelos embaixadores d'este paiz, não tardou a conquistar a confiança de Solimão II, que o nomeou director do thesoiro do Estado. Desde então serviu-se da sua influencia na côrte para chamar á Turquia um grande numero de familias judias de Portugal e da Hespanha e propoz a Solimão a creação de estabelecimentos d'industria e de commercio, á semelhança dos que existiam nos Estados christãos.

---

[1] Moisé Soave — *Amato Lusitano, celebre medico ebreo. Sua vita e opere,* in *Corriere Israelitico* (1877-1878).

Por morte de Solimão, seus dois filhos Selim II e Bajazet disputaram entre si a posse do throno.

José Nasci adoptou a causa do primeiro e foi premiado com um logar de membro da guarda de honra, e com a posse de Tiberiade na Palestina e sete logares das suas vizinhanças, para serem exclusivamente destinados á colonização hebréa.

José mandou a Tiberiade José Ibn Adret, em quem tinha toda a confiança, com um firman real e dinheiro (proveniente em grande parte da bolsa de Gracia Nasci) para proceder á reconstrucção das muralhas. Apesar da opposição dos operaríos arabes, em parte por inveja, em parte por superstições diversas excitadas por um velho xeque, as muralhas estavam terminadas em 1565, com a ajuda do bachá de Damasco. Para promover as industrias da Palestina, José Nasci plantou amoreiras e importou panno de Veneza. Pelo mesmo tempo publicou uma proclamação aos judeus, dizendo-lhes que todos os que se vissem perseguidos encontrariam asylo e trabalho como cultivadores ou artistas na nova communidade judia. O seu convite foí sobretudo dirigido aos judeus da Campania romana, que estavam sendo perseguidos por Paulo IV e que eram transportados de Veneza para Tiberiade nos proprios navios de José. A pequena communidade de Cori, na Campania, que tinha proximamente 200 almas, decidiu-se a emigrar para Tiberiade e mandou pedir aos seus correligionarios dinheiro para as despezas da viagem. O exodo para esta nova Tiberiade augmentou quando Pio V lançou a celebre bulla de 26 de fevereiro de 1569 expulsando os judeus dos Estados da Egreja. Por este motivo, a communidade de Pesaro mandou egualmente um navio de Veneza com 102 emigrantes judeus, mas caíu nas mãos dos piratas maltezes, que os fizeram escravos. N'esta angustia, os Pesarianos

mandaram pedir auxilio a Nasci, mas ignora-se qual foi o resultado do pedido.

Quando Selim subiu ao throno, em 1556, a influencia de José Nasci chegou ao seu auge. No seu regresso de Belgrado, nomeou José Nasci duque e deu-lhe as ilhas de Naxos, Andros, Milo, Paros, Santorina e as outras Cyclades que tinham até então pertencido ao regente de Naxos. O ultimo, Giacomo Crispo, tinha sido deposto em resultado das numerosas queixas dos seus vassallos gregos. José governou as ilhas por intermedio d'um christão hespanhol, provavelmente para evitar alguma antipathia dos habitantes gregos, e lançou-lhes pequenissimos impostos, visto que tinha tambem de pagar á Turquia a taxa extremamente moderada de 14:000 ducados por anno. Selim egualmente lhe concedeu um imposto sobre os vinhos importados para a Turquia por via do Mar Negro.

Apesar da inveja e intrigas do gran-vizir Mohammed Sokolli, Nasci tinha tão grande influencia sobre o sultão, que os representantes das potencias européas achavam frequentes vezes necessario interessar Nasci nas suas pretenções. Quando Maximiliano II, imperador da Allemanha, desejou concluir a paz com a Turquia (1567) recommendou ao seu embaixador, Varantius, que offerecesse presentes a Nasci, assim como aos outros altos dignitarios da côrte. Não obstante, Varantius não o fez e até lhe pediu dinheiro emprestado. Em 1571, o imperador mandou-lhe uma carta autographa.

Em 1566 Nasci animou o concilio protestante de Anturpia a insurgir-se contra o rei catholico de Hespanha. Entretanto, Guilherme de Orange (1569) mandava-lhe um mensageiro confidencial a dizer-lhe que, para o triumpho da revolta que os Hollandezes andavam preparando contra o dominio da Hespanha, urgia que o sultão declarasse guerra

a esta nação, de maneira que ella se visse obrigada a retirar as suas tropas dos Paizes-Baixos. José, todavia, não póde obter a declaração de guerra. Trocou uma activa e amigavel correspondencia com Segismundo Augusto II, rei da Polonia, contraíu com elle um grande emprestimo em 1570, recebendo em troca extensos privilegios commerciaes, apesar da cidade de Lemberg protestar contra este contracto.

Em setembro de 1569, um grande incendio irrompeu no arsenal de Veneza. Nasci, sabedor do facto quasi immediatamente, logo instou com Selim para levar por deante o seu plano, por muito tempo acariciado, da conquista de Chypre. Selim afinal concedeu-lhe licença para fazer guerra aos Venezianos por conta propria e para lhes conquistar Chypre em 1571. Ha quem diga que Selim, n'um accesso de embriaguez, prometteu a José o titulo de rei de Chypre e que este immediatamente collocou em sua casa as armas da ilha, com o seu nome por baixo. Seja como fôr, Selim não cumpriu a promessa depois da conquista de Chypre.

Em 1569, para castigar a França, que por muitos annos tinha feito tudo o possivel para se subtrahir ao pagamento de 150:000 escudos que devia á familia Nasci, o sultão deu licença a José para capturar todos os navios francezes que navegassem nas aguas turcas e para os conservar como penhor até que a divida fôsse paga. José foi bem succedido na captura de alguns navios no porto de Alexandria e vendeu as suas cargas por conta da divida, apesar dos protestos apresentados á Porta pelo embaixador da França. O governo d'esta nação esforçou-se por tirar vingança d'esta humilhação, e o embaixador francez em Constantinopla, Grandchamp, conseguiu peitar um miseravel chamado David para accusar Nasci de alta traição.

Este descobriu a grosseira trama a tempo e facilmente convenceu o sultão da sua innocencia e lealdade.

David e os seus cumplices foram banidos para Rhodes e por instancias de Nasci foram excommungados pelos rabbis de diversas communidades. Quando mais tarde José teve noticia do arrependimento de David, forcejou por levantar o anathema rabbinico; muitos dos rabbis, porém, não accederam ao seu pedido.

Por morte de Selim, succedida em 1574, Nasci perdeu a influencia politica, comquanto conservasse os seus cargos e rendas e o resto da sua vida foi passado em tranquillo afastamento no seu castello de Belveder. Nasci morreu em 2 d'agosto de 1579, sem filhos, e os seus bens foram confiscados pouco tempo depois da sua morte pelo sultão Murad, por conselho de Sokolli.

A morte de Nasci foi geralmente lamentada. O poeta R. Saadia Lango compoz uma elegia a tal respeito. Moses Almosnino dedicou-lhe uma obra sobre ethica, intitulada «El Regimento de la Vida» (Salonica, 1564; Veneza, 1604) e Eliezer Ashkenazi o seu commentario sobre Esther «Yosif Lekah» (Cremona, 1576).

Se José nada realizou de grande ou duradoiro para o judaismo, é certo que o seu nome anda associado á historia da cultura do povo hebreu. Sustentou alguns estudantes talmudicos e especialmente a Yeshibah (alta escola, collegio rabbinico), fundada em Constantinopla por José ibn Leb, por instancias de Gracia. Na sua casa teve uma livraria consideravel e concedeu ao publico fazer uso dos seus manuscriptos. Immanuel Aboab affirma que n'ella se encontravam algumas traducções da Biblia. [1] Fundou tam-

---

[1] *Nomologia*, pag. 233.

bem uma imprensa hebraica em Constantinopla, que todavia existiu por curto espaço de tempo. Em resultado de colloquios com certos dignitarios do seu castello de Belveder, diz-se que Nasci compoz uma pequena obra theologica, para provar a um christão que a tora era superior á philosophia grega. Suppõe-se que essa obra foi escripta em hespanhol e traduzida para hebreu por Isaac Onkeneira, com o titulo de *Ben Porat Yosef* (impressa em Constantinopla em 1577). Steinschneider suppõe todavia que Onkeneira foi o auctor do livro. (1)

Resta-nos falar de Regina ou Reyna Nasci. Esta nasceu em Portugal e era a unica filha do opulento Francisco Mendes e de sua mulher Gracia Nasci. Viveu com sua mãe em Antuerpia e depois em Veneza, indo com ella, pelos annos de 1552, para Constantinopla, onde casou com seu primo João Miguez ou José Nasci, duque de Naxos, depois que abertamente confessou o judaismo.

Depois da morte do marido, Regina, que já não tinha familia, votou a sua fortuna de 90:000 ducados aos interesses da instrucção judaica. Em 1593, abriu uma imprensa em Belveder, perto de Constantinopla, que em 1597 foi transferida para Kuru Chesme, aldeia proxima d'aquella cidade, na margem européa do Bosphoro. D'essa imprensa saíram diversas obras, hoje muito raras. Entre ellas contam-se: duas obras de Isaac Jabez, *Yaf ek Razon* (1593) e *Torah Hesed,* o *Gal shel Egozim*, de Menahem Egozi e o drama allegorico *Keshet Nehushah*, de Meir Angel. M. Soave teve occasião de descobrir um tratado talmudico chamado *Chetubot* e possuia dois commentarios hebraicos ao Genesis, um de Menachem, filho de Moisés Egozi e outro de Moisés Alsech. Em ambos

(1) *The Jewisch Encyclopedia.* v. Nasi.

elles se lia a seguinte declaração em lingua hebraica: «Impresso em casa da distincta senhora Regina Nasi, viuva do principe e grande em Israel o duque e senhor D. José Nasi, de venerada memorias, em Belveder, proximo de Constantinopla, sob o dominio do poderoso rei, o sultão Amurat». Regina Nasci sobreviveu 20 annos a seu marido. (1)

Na sua residencia em Salonica, Amato viveu na intimidade da familia do seu correligionario Guedelha Yahia, a quem dedicou a sua setima centuria. Este Guedelha era filho d'um medico Moisés ibn Yahya que exerceu clinica na Turquia na primeira metade do seculo XVI. Residiu em Salonica e n'uma epidemia que alli se desenvolveu não só arriscou a vida no tratamento dos empestados mas gastou muitos milhares de ducados em auxiliar os doentes pobres e em enterrar os proprios mortos. (2) Diz-se na *Jewisch Encyclopedia* que morreu no anno de 1595, mas esta asserção é inexacta. Quando Amato escreveu a dedicatoria da 7.ª centuria em 1561, Moisés Jahya era já morto.

O nosso Guedelha, cuja humanidade, affabilidade e brandura de costumes é elogiada por Amato, parece que tambem tinha conhecimentos medicos. Era um liberal patrono das lettras e juntou em torno de si nada menos de trinta e dois litteratos que cultivavam a poesia hebréa, sendo os mais notaveis Judah Zarka e Israel Najara. Os nomes d'estes poetas e alguns dos versos em honra de Guedelha foram impressos por Carmoly no seu livro *Dibre ha Yamim*. (3)

---

(1) *The Jewisch Encyclopedia*, v. NASI (Regina). M. Soave, op. cit.

(2) Dedicatoria da 7.ª centuria, cp. *The Jewisch Encyclopedia*. V. YAHYA.

(3) *The Jewisch Encyclopedia*. V. YAHYA.

Amato conheceu grande numero de pessoas d'esta familia, a que prestou serviços clinicos. A ultima das suas observações diz respeito á magnifica e generosa Gracia de Yahya, honestissima e veneranda mãe de Guedelha e senhora que então orçava pelos cincoenta annos. (1) Abre esta centuria pela cura de sua filha, irmã de Guedelha, D. Belida, esposa de Salomão Senior, mulher nobilissima e opulenta. (2) Tambem tratou da mulher de Guedelha, Esther, recebida de Deus (3), filha de Salomão Senior, varão de muitas virtudes que aos 48 annos foi victima de uma febre terçã, sem que lhe pudessem valer os cuidados do nosso compatriota. (4)

Estes annos passados em Salonica não são dos menos activos da vida de Amato. Protegido pelo seu amigo Guedelha Yahya, afflue-lhe clinica e honrarias. A sua actividade scientifica não esmorece, visto que de Salonica são datadas as três ultimas centurias, comquanto só a derradeira contenha observações colhidas n'esta cidade. Mas sente-se que o seu espirito anda opprimido. Era provavelmente o resultado de vida tão trabalhosa e talvez o desgosto de vêr que no unico logar da terra onde lhe era dado repousar, epidemias graves se desenvolviam constantemente. Faltava-lhe alli o convivio scientifico que tanto amava e, áparte as relações de Guedelha, a frequencia de pessoas illustradas que tanto gostava de relembrar. O que é certo é que n'esta ultima phase da sua vida, que só conhecemos pela ultima das suas Centurias, não existe a viveza e animação dos annos de lucta.

São poucos os medicos em que Amato nos fala e

---

(1) Cent. 7.a, cur. 100, pag. 311. Dedicatoria da 7.a centuria.
(2) Cent. 7.a, cur. 1.a, pag. 9.
(3) Dedicatoria da 7.a centuria. Cent. 7.a, cur. 70, pag. 210.
(4) Cent. 7.a, cur. 6.a, pag. 23.

esses mesmos apenas são conhecidos pelas referencias que elle lhes faz. Ninguem sabe hoje quem fosse Simeão Biton, medico erudito e mathematico não vulgar [1], nem o medico Parahyas, muito douto na lingua arabe. [2] O mesmo succede com os cirurgiões Isaac Calvo [3] e José de Crasto, em que parece adivinhar-se um portuguez. [4]

Compatriotas nossos que mereçam menção apenas encontramos Abrahão Franco, que tinha sido auditor do duque de Aveiro [5] e cujos meritos como jurisconsulto aprecia, e Judas Abarbanel, neto de Judas ou Leão Abarbanel, o Leão hebreu a quem se devem os famosos *Dialogos do amor*. [6]

Desde a publicação da 7.ª centuria, cuja dedicatoria tem a data de agosto de 1561, nada mais se conhece do medico judeu até á sua morte. Segundo Barbosa Machado, esta succedeu em 21 de janeiro de 1568, e foi uma morte gloriosa, como a dos guerreiros no campo de batalha, visto que Amato foi victima da sua dedicação pelos empestados. A' sua memoria escreveu o seu primo Flavio Jacob (Diogo Pires) o epitaphio seguinte:

Qui toties fugientem animam sistebat in ægro
  Corpore, Lethæis aut revocabit aquis
Gratis ob id populis & magnis regibus æque,
  Hic jacet; hanc moriens pressit Amatus humum.
Lusitana domus; Macedum tellure sepulchrum
  Quum procul a patria conditur ille solo!
At cum summa dies fatalis & appetit hora
  Ad styga, & ad Manes undique prona via est.

---

(1) Cent. 7.a, cur. 40, pag. 144.
(2) Cent. 7.a, cur. 64. pag. 199.
(3) Cent. 7.a, cur. 40, pag. 144.
(4) Cent. 7.a, cur. 29, pag. 96.
(5) Cent. 7.a, cur. 86, pag. 275.
(6) Cent. 7.a, cur. 98, pag. 286.

Ignoramos se é conhecido o logar em que repousam os seus ossos. Se os seus restos não estão dispersos, mão piedosa podia collocar no seu tumulo o juramento com que termina as suas obras e a que as circumstancias vieram a dar a importancia de um testamento de morte. Avulta n'elle o desinteresse com que exerceu a sua profissão, a verdade a que sempre sacrificou, o estudo a que deu o melhor do seu tempo, o cuidado com que tratou os doentes que se lhe confiaram, o zelo com que instruiu os que o buscaram por mestre, a severa dignidade com que respeitou o lar dos que n'elle o introduziram; em summa, lançando os olhos por toda a sua vida, Amato podia legitimamente dizer a seu respeito: nunca pratiquei acto algum que um medico preclaro e egregio possa julgar indigno de si.

CAPITULO XII

Os trabalhos scientificos de Amato

Os menos versados na historia da medicina sabem que, desde que a medicina grega chegou com Galeno ao seu mais alto desenvolvimento até á Renascença, se deu como que uma immobilização do pensamento humano. Aos olhos do historiador, Galeno apparece como um tyranno que escravizou por completo a medicina durante um periodo de 12 seculos. Todos os serviços prestados ás sciencias pelos arabes, descrevendo pela primeira vez algumas doenças, pelos ecclesiasticos, conservando na solidão dos mosteiros os manuscriptos gregos, pelos judeus traduzindo os textos originaes, se resumem em pouco mais do que na transmissão das doutrinas galenicas, mais ou menos adulteradas pelos commentarios. Não ha exemplo algum de tyrannia tão longa, a não ser a que Aristoleles exerceu nos dominios da philosophia. E porque todas as tyrannias são odiosas, quando os espiritos recuperaram a sua independencia — e esse é o aspecto mais brilhante da Renascença — não admira que desde então se amesquinhassem

os meritos d'estes sabios, certamente dos que pela alteza do seu espirito mais honraram a humanidade.

Dioscorides, d'Anazarba, é anterior a Galeno e começou a escrever durante o tempo de Nero (54-68). A sua vida é mal conhecida, e como houve outros Dioscorides, a muito custo se consegue destrinçar o que a uns e a outros pertence. Parece que viajou muito, como medico militar, acompanhando os exercitos á Italia. As suas viagens estenderam-se pela Galliza, pela Hespanha, pela Africa, pelo Egypto e até pelo paiz dos Dacios, provavelmente sob as ordens de Vitellio. E este pouco que se conhece da sua biographia ainda é objecto de duvida, visto considerarem alguns que os nomes que estabelecem como provavel a sua passagem nas regiões indicadas se devem, pelo menos em parte, aos differentes copistas dos seus manuscriptos.

Das obras attribuidas a Dioscorides, a mais importante e a unica authentica é a *Materia medica*. E' ella um verdadeiro e grande tratado de pharmacologia no qual os gregos, os latinos e os arabes forragearam exclusivamente até á Renascença. Os progressos da therapeutica fizeram-se em grande parte atravez dos commentarios sobre a sua obra.

Este tratado é dividido em 5 livros e cada um d'elles em numero variavel de capitulos. Cada um destina-se a fazer conhecer um agente therapeutico pertencente a cada um dos três reinos e as mais das vezes ao reino vegetal. O artigo começa pela menção do nome e dos synonimos, por vezes da origem do producto ou do sêr de que provém e da sua variedade mais util, ao que se segue uma noticia muito summaria das suas propriedades, algumas vezes a maneira de reconhecer a sophisticação e emfim longos pormenores sobre as suas applicações therapeuticas. Não se imagine que estas differentes substancias estão agrupadas

n'uma ordem mais ou menos natural, mas é justo dizer-se que as plantas que pertencem a familias cujas analogias são apparentes, por exemplo as umbelliferas, as emphorbiaceas, as labiadas estão approximadas. N'outros casos, a sua classificação faz-se pela natureza dos productos: aromatos, resinas, cereaes e legumes. Outras vezes, quando menos parece encontrar-se relacionação entre as plantas que descreve (videira, bryonia, congossa) existe realmente no seu espirito um laço que as reune: são plantas trepadeiras e de folhas divididas. Injusto é portanto accusal-o de falta de espirito de classificação. Mas ha outros elogios a fazer-lhe: dá-nos a conhecer 519 plantas, algumas das quaes não eram conhecidas antes d'elle, e tem descripções, principalmente a do loendro, do saião e do colchico, que são de notavel exactidão e até elegantes. Mostra-se judicioso nos conselhos que dá no principio da sua obra, relativamente á colheita dos simplices e aos cuidados necessarios á sua conservação, conselhos que são os primeiros da arte do herborizador. Assignalando com cuidado a proveniencia de muitas plantas, pelo menos das que o mereciam pela sua raridade, dá numerosos exemplos a uma sciencia que devia passar desconhecida na epocha da Renascença, a geographia botanica. Algumas das suas observações são tão justas que se poderiam julgar mais modernas, aquella por exemplo em que se refere ás modificações do leite, conforme as variedades de plantas de que os animaes se alimentam. Como hygienista, Dioscorides estende-se sobre as qualidades dos diversos alimentos, e, como medico, fornece as receitas de preparações ainda hoje usadas, como o oxymel scillitico, a agua ferrea, etc. O seu capitulo relativo aos banhos de mar quentes, e aos banhos de vapor, que aconselha contra a hydropisia, assentam uma data importante para a historia da hydrotherapia, como a referen-

cia ao sal ammoniaco é um marco para a historia da chimica.

E' certo que em Dioscorides se encontram fabulas, erros, mas convém dizer que as suas qualidades de observador empirico limitaram essa credulidade, e os seus meritos avultam se pensarmos na pobreza de espirito que o seguiu, até ao ponto que de preferencia á sua classificação, imperfeitissima, é certo, mas em que já se descobrem vestigios de um arranjo systematico, alguns dos copistas preferiram dispôr as substancias por ordem alphabetica simplesmente.

A variedade de manuscriptos conhecidos, quer em lingua grega, quer em arabe, quer em syriaco, demonstra bem que Dioscorides teve uma voga tamanha nos dominios que lhe eram proprios como a de Galeno e de Aristoteles na medicina e na philosophia. E as numerosas edições que se publicaram desde a descoberta da imprensa bem patenteiam egualmente o valor que as observações do medico grego despertavam no seculo XVI, como o grande numero de commentarios que logo a seguir vieram á luz denuncia o interesse em aperfeiçoar o seu texto e a sua exactidão.

Amato Lusitano foi um dos primeiros commentadores de Dioscorides, no seculo XVI. Já haviam saído os livros de Ruellio, de Brasavola, de Sylvio, de Fuchsio, de João Agricola e de Mattioli, mas estes formam uma pequena parte dos que illustram o texto do medico grego.

Não é obra que valha a pena tentar a de apreciar miudamente cada uma das descripções apresentadas pelo medico portuguez e avaliar da importancia das suas observações em relação aos outros commentadores. De resto, ainda que possuissemos a immensa variedade de conhecimentos que semelhante tarefa reclamava, escusar-nos-íamos

a ella pelo muito que ella teria de fatigante para os leitores.

Mas o que póde dizer-se é que Amato a cada passo confrontou as asserções do texto, procurando exemplares que directamente observasse. Em cada pagina estão notados os nomes portuguezes das plantas ou outras substancias que descreve e logo a seguir: encontrei-a n'esta ou n'aquella povoação e, coisa notavel, em tal ou tal logar d'essa povoação. Aproveitava para isso os seus estudos em Salamanca; a sua peregrinação por Portugal, a sua residencia em Antuerpia, onde frequentava o jardim dos franciscanos para estudar as plantas que lá cresciam, ou accudia á casa de Portugal para examinar os productos que para lá eram remettidos das nossas colonias e do Brazil, e a sua permanencia em Ferrara, onde frequentava os jardins de Marcos Pio e de Azzaioli, mostrava aos alumnos plantas raras que n'elles se cultivavam, e visitava as pharmacias de Nicolau Nicolucio e de Thomaz Lucense, para observar diversas drogas medicinaes. Quando se trata de productos exoticos, raros, não poupa diligencias para os haver á mão: ora, é um pharmaceutico illustrado que lhe envia um exemplar d'uma planta, ora, um amigo que o presenteia com um producto extranho, mas sobretudo examina os simplices que os navegantes portuguezes e venezianos trazem á Europa. Sobre o cinamomo, publica o que ouvira a um individuo que estivera vinte annos em Ceylão; sobre o costo, póde escrever *de visu*, porque um medico portuguez que estivera na India, Francisco Barbosa, lhe entrega a raiz d'esta planta; sobre a myrrha, consulta os compatriotas que regressam do Oriente, etc., etc.

Bastaria isto para assegurar o merito do livro. Mas, n'uma epocha em que o respeito pela auctoridade ainda era grande, Amato dá mostras d'uma grande independencia

scientifica, quando os resultados da sua observação pessoal se acham em conflicto com as asserções dos gregos e até dos modernos.

Garcia da Orta, o grande botanico que nos revelou um mundo completamente desconhecido nos seus *Colloquios dos simples,* ao falar do benjoim, não concordando o que vira com as informações que os livros lhe davam, dizia: «Não me ponhaes medo com Dioscorides, nem Galeno, porque não hei-de dizer senão a verdade e o que sei.» Annos antes, tambem Amato se não acobardava de affirmar as divergencias que encontrava com o que lhe diziam Dioscorides, Plinio, Avicena e Galeno. Quasi sou em dizer que esta relativa independencia, tão singular no seculo XVI, e de que havia de dar provas egualmente no dominio da clinica, a grangeou na simples observação da natureza, que para elle tão cedo começara.

Tambem se não receia dos modernos. Mattioli, que Eugenio Fournier considera o mais sabio dos commentadores de Dioscorides, nem sempre é acceite como oraculo. Muito pelo contrario, julga-o digno de reprehensão e censura-o em muitas das suas asserções. D'ahi a má vontade que lhe manifestou o medico italiano na sua *Apologia adversus Amatum*, que lembramos em paginas anteriores, e em que se defende das invectivas do nosso compatriota com toda a violencia d'um temperamento batalhador. Como então dissemos, Mattioli nada despresou do que pudesse ser desagradavel a Amato e até as crenças religiosas do nosso judeu lhe serviram de argumento contra elle. Não relembraremos essa pendencia. Amato, fugitivo, promettia responder ás insinuações e doestos de Mattioli, mas não o fez, certamente porque se lhe não offereceu occasião para isso na vida errante e agitada que levou. Devemos, porém, notar que, se Mattioli conservou uma reputação de pharmacologista

que resistiu aos seculos decorridos até hoje e na qual desapparece a do nosso compatriota, escriptores da epocha puzeram frequentes vezes em parallelo as opiniões dos dois medicos, decidindo-se pela do nosso compatriota.

Garcia da Orta uma unica vez se refere a Amato Lusitano, e é quando se occupa da canella. N'esta passagem diz que Mattioli Senense seguiu a opinião do nosso conterraneo, embora se não conforme completamente nem com um nem com outro. (1)

Christovão da Costa, que tambem peregrinou pela India e ainda teve occasião de conhecer o grande Garcia «varão grave, de raro e peregrino engenho, cujos louvores *deixa* para melhor occasião, por serem tantos que quando pensasse haver dito muitos, mais seriam os que houvera omittido», Christovão da Costa mais de uma vez se occupa de Amato e confirma a exactidão das suas observações. Assim, a proposito da mesma canella escreve: «Não se póde deixar em silencio a pouca razão que teve André Mattioli em reprehender de todo Amato Lusitano, que n'este caso muito mais digno de reprehensão é Mattioli.» (2) A respeito do acoro, e referindo-se aos frades italianos commentadores de Mesué, observa: «com muita razão os reprehende Amato Lusitano.» (3) A respeito do lacre approva uma correcção que este faz a Dioscorides, etc., etc.

Mais, porém, que ambos estes, Charles de l'Ecluse, o botanico illustre que percorreu a peninsula hispanica, colhendo n'ella grande numero de plantas e escrevendo um livro sobre ellas, o homem em quem, segundo Hoefer, uma grande erudição se alliava a um raro espirito de observa-

(1) *Coloquios dos simples* — Ed. Ficalho, I, pag. 210.
(2) *Tractado de las drogas,* pag. 18.
(3) Id., pag. 62.

ção, frequentes vezes se apoia nas asserções do medico judeu, como dignas de toda a confiança. (1)

Não nos desejamos alongar n'estas citações e terminaremos fazendo notar apenas o seguinte: Hoefer, na sua *Historia da botanica,* referindo-se á obra de Amato, diz resumidamente que os seus commentarios são testemunho de muita erudição, e, a respeito de Mattioli, julga apenas muito severo o juizo de Tournefort, que o considerou um espirito leviano, vaidoso e apaixonado pela controversia.

Entremos agora na analyse das *Centurias medicinaes.* Estudando a Renascença nos estudos medicos, Luiz Boyer, dando uma larga parte d'esse movimento aos clinicos, escreve: «As collecções de observações do seculo XVI testemunham um progresso evidente: sente-se n'ellas a influencia do hippocratismo, das investigações anatomicas, dos trabalhos sérios dos cirurgiões, dos hygienistas, dos naturalistas. Todos se dedicam com ardor á observação.» (2) Exemplifica o que escreve, citando immediatamente o nome de Amato, e nenhum outro podia apontar que tanto abonasse a sua asserção, graças á circumstancia de que o medico portuguez não se dedicou apenas á medicina, mas tambem á cirurgia. E atrevemo-nos mesmo a dizer que as palavras de Luiz Boyer parecem ter sido escriptas quasi exclusivamente tendo em vista o nosso compatriota, porquanto em nenhum se encontram tantas referencias á anatomia, á hygiene, ás sciencias naturaes, como n'elle.

Poderiamos, e até seria o mais commodo, ir seguindo as 700 observações dos seus livros e apontando as que nos parecessem mais interessantes. Seria isso immensa-

---

(1) *Rariorum aliquot stirpium... Historia,* pag. 74, 78, etc.

(2) Dechambre — *Dictionnaire encyclopedique des sciences medicales,* art. MEDECINE (Histoire de la).

mente fastidioso, e preferimos reunil-as em três grupos, o que simplifica a exposição e a torna menos fatigante.

Estes grupos são relativos á anatomia, á clinica cirurgica e á clinica medica.

Ao tempo em que Amato escrevia, os estudos anatomicos podiam dizer-se em pleno renascimento. Desde o seculo XIV que Mondini dissecava publicamente cadaveres humanos e que esta pratica se ia generalizando pela Italia.

No seculo XVI, já André Vesalio renovara completamente este ramo dos conhecimentos humanos com a publicação da sua *De corporis humani fabrica,* e mesmo n'este canto da Europa, onde as sciencias tão estioladamente vegetaram sempre, já Affonso Rodrigues de Guevara ensinava anatomia em Valladolid, depois de a ter estudado dois annos em Italia, preparando-se para a vir preleccionar em Coimbra.

Comprehende-se bem que a um espirito tão illustrado os estudos anatomicos interessassem, quando vêmos que Bernardino Montaña de Monserrate, de 70 annos e molestado pela gotta, assistia em Valladolid ás dissecções de Guevara e ainda mais quando nos lembramos de que taes conhecimentos deviam ser quasi totalmente extranhos ao nosso compatriota, visto que João Valverde ainda devia dizer mais tarde que era coisa feia entre os hespanhoes despedaçar os corpos mortos. (1) O proprio Amato escreve que em Hespanha era considerado como um sacrilegio *(piaculum)* dissecar cadaveres. (2)

Desde que se lhe offereceram condições favoraveis, Amato entregou-se pois aos trabalhos anatomicos, ou sim-

(1) Juan Valverde — *Historia de la composicion del cuerpo humano* — Roma, 1556 — Dedicatoria.

(2) *Dioscoridis,* lib. I, en. 135, pag. 137.

plesmente á pratica das autopsias. Essas condições encontrou-as em Ferrara, quando travou relações com o modesto anatomico João Baptista Canani, a quem nos referimos e de quem Gabriel Fallopio diz que nenhum outro se encontraria na Italia que tão doutamente ensinasse publicamente; mas ainda depois, sempre que se lhe offereceu ensejo de abrir um cadaver, aproveitou-o sempre.

Em Ferrara, examinou a cavidade uterina d'uma mulher a cujo parto fatal havia assistido e notou que encerrava duas creanças de sexo differente, o que então se não admittia, e verificou que o utero não estava dividido em varios compartimentos como se suppunha então. [1]

Em Ancona, tendo um architecto de Paulo III succumbido a um ferimento da região epigastrica, Amato fez abrir o cadaver, e observou que a parte inferior do estomago estava rasgada. [2] Por outro lado, affirma ter dissecado animaes e numerosos cadaveres humanos com o fim de verificar as descripções dos orgãos e obter conhecimento d'elles e aínda investigar particularidades da distribuição dos vasos e determinar a sua funcção. [3]

No dominio da anatomia pathologica, encontramos em Amato a observação d'uma creança que tinha na fronte uma excrescencia cornea cuja base se continuava com a substancia cerebral [4]; observou as alterações por que se traduz a pericardite villosa [5], e descreve dois monstros, um dos quaes era um feto de três para quatro mezes, hirsuto e piloso, que tinha quatro olhos, dois narizes, quatro ore-

---

[1] Cent. 1.a, cur. 27, pag. 165.
[2] Cent. 1.a, cur. 67, pag. 305.
[3] Cent. 4.a, cur. 100, pag. 641.
[4] Cent. 1.a, cur. 51, pag. 253.
[5] Cent. 3.a, cur. 43, pag. 419.

lhas e labios disformes; o outro uma creança que em 1552 se andava mostrando pela Italia e na região umbilical apresentava um tumor semelhante a outra creança, em que se distinguiam dois braços, duas coxas, testiculos e glande, pela qual estava sempre gottejando urina. (1) Observou em Pesaro uma mulher que tinha entre as coxas um tumor volumoso, do peso de vinte e cinco libras, e pela morte da paciente dissecou cuidadosamente a producção morbida, mostrando as relações que tinha com as differentes visceras abdominaes. (2)

Podiamos alongar mais as citações se a nossa attenção não fosse chamada para um assumpto de maior importancia, qual vem a ser a descoberta das valvulas das veias. Esta descoberta é geralmente attribuida a Fabricio d'Acquapendente, que em 1574 as demonstrou, notando que estavam sempre voltadas para o lado do coração. Muito antes de Fabricio, em 1547, tinha-as observado Amato, de companhia com o seu amigo João Baptista Canani. A citação não é muito longa e hão-de permittil-a os leitores para julgarem se effectivamente nos assiste justiça no que affirmamos.

Todos conhecem que uma das questões que mais apaixonaram os clinicos no seculo XVI foi a de saber de que lado se devia sangrar na pleurisia, se do mesmo lado onde a doença se desenvolvia, se do opposto. Em Portugal, tambem esta questão foi ventilada e discutida, sobretudo quando Pedro Brissot se veiu estabelecer no nosso paiz e se travou a respeito d'uma doença de D. Manuel a celebre contenda com o physico-mór Dionysio. André Vesalio tambem se interessou por este assumpto e buscou para o seu con-

(1) Cent. 3.a, cur. 57, pag. 439.
(2) Cent. 5.a, cur. 88, pag. 240.

selho de sangrar na veia basilica direita uma justificação anatomica. Para elle, a basilica direita estava mais em relação com a azygos do que a basilica esquerda, e a veia sem par é a encarregada de recolher e eliminar a materia que fórma o pleuriz. «Ora esta razão, diz Amato, deve-se eliminar da pratica como ameaçando perigo, e para isso cumpre saber que a razão de Vesalio peca totalmente porque a veia azygos nunca mais devolve para a veia cava o sangue que d'ella recebe e até está tão bem fabricada no seu orificio que tem certas valvulas *(ostiola)* que se abrem para receber o sangue, mas depois se fecham de maneira que não deixam mais retroceder *(remittere)* o sangue recebido, e a esta veia azygos succede o mesmo que á bexiga urinaria ou aos orificios dos vasos cardiacos; mas quanto ao que é proprio d'esta veia sem par, isto é, que o sangue que recebe não mais volve pela mesma via, estamos certos d'isso pela dissecção dos corpos. Porque se cortarmos a veia cava na parte superior e se soprarmos para a inferior por meio d'uma cannula introduzida no vaso, toda a mesma veia se dilatará na parte inferior juntamente com a veia sem par e se tornará tumida, mas se cortarmos a veia azygos na parte inferior e com a bocca impellirmos o vento para a parte superior por meio d'uma cannula que n'ella se introduza, sem duvida a cava não se dilatará nem se tornará tumida; porque o ar contido na veia sem par não póde sahir por causa das chamadas valvulas ou operculos que tem junto á sua abertura na veia cava; d'onde se vê que se o ar não póde derivar-se da veia sem par para a cava, á fortiori não refluirá o sangue que tem mais corpo que o ar. Quanto, porém, ao que succede á veia sem par, é certo e não se póde pôr em duvida, porque o experimentamos muitas vezes, pois que, em 1547 em Ferrara, fizemos dissecar 12 corpos humanos e de ani-

maes e em todos vimos que assim succedia em presença de grande numero de doutores, como o notou João Baptista Canani, admiravel anatomico.» [1]

A descoberta de Amato fez impressão e os demais anatomicos do tempo procuraram verifical-a. Um dos que primeiro o tentaram foi o illustre professor Affonso Rodrigues de Guevara, que desde 1556 ensinava em Coimbra. No seu livro de anatomia publicado em 1559, Guevara diz que não encontrou as valvulas referidas, apesar de as procurar no homem, no cão, no macaco, no carneiro, no porco e ainda em outros animaes. Repetiu egualmente a insuflação da azygos e não conseguiu reproduzir a sua dilatação nas condições expressas por Amato. [2]

Gabriel Fallopio, que tinha sido discipulo de João Baptista Canani e, como já dissemos, o considerava o mais notavel anatomico do seu tempo, nas suas *Observationes anatomicæ,* publicadas em 1562, tambem se refere a esta questão e quiz egualmente verificar as asserções do medico judeu. Affirma terminantemente, como Guevara, que taes valvulas se não encontram nem nos homens, nem nos animaes, e attribue os erros de Amato á falta de familiaridade com os experimentos anatomicos. [3]

Não tivemos meio de vêr a obra d'Eustachio, mas sabemos que nega tambem que Amato pudesse ter visto valvulas na azygos, mas o trabalho de verificação a que se deu permittiu-lhe encontral-as nas veias do braço e nas coronarias do coração.

---

[1] Cent. 1.a, cur. 52, pag. 258; cent. 5.a, cur. 70, pag. 184.

[2] Guevara — *In pluribus ex iis quibus Galenus impugnatur ab Andréa Vesalio Bruxelensi in constructione et usu partium corporis humani defensio* — Coimbra, 1559, pag 165.

[3] Op. cit., pag. 190 e seg.

Inutil é accrescentar mais testemunhos negativos, porque se nos affigura a questão insufficientemente instruida. Sappey affirma que taes valvulas não existem precisamente no ponto em que Amato as indica, mas que se observa a montante da abertura da azygos, entre esta e a emboccadura do tronco das veias intercostaes e a dois centimetros quando muito da sua confluencia na veia cava, uma valvula que fecha completamente ou quasi completamente o lumen do vaso. [1] Testut observou esta valvula constantemente não na emboccadura da veia, mas 3 a 4 centimetros a montante. [2] No desejo de aclararem o assumpto, os nossos distinctos collegas Luiz Viegas e Teixeira Bastos procuraram esta valvula e das demonstrações a que procederam resultou que ella não é constante, e quando existe nem sempre é sufficiente.

No que diz respeito á insuflação das veias, parece que ella não devia dar os resultados que Amato affirma. Supposndo ao sangue um movimento em sentido inverso ao que elle tem, no que não fazia mais do que conformar-se com as ideias correntes desde Galeno, não ha duvida de que não entreviu o papel physiologico das valvulas, ou antes attribuiu-lhes a funcção de impedirem o curso do sangue precisamente no sentido em que ellas o favorecem. Aventa Sprengel uma explicação para o caso. Suppõe elle que o medico portuguez insuflou tão violentamente a veia cava que rompeu as valvulas da azygos e por outro lado que o diametro da veia cava por consideravel se oppunha á sua dilatação, quando o ar era injectado

(1) Sappey — *Traité d'anatomie descriptive*, II. pag. 756.

(2) L. Testut — *Traité d'anatomie humaine*, 5.e edition, II. pag. 306.

pela azygos. [1] Aventamos outra hypothese que nos pareça mais provavel. Se a valvula não é sempre sufficiente, poderia permittir a passagem do ar atravez do espaço que fica entre ella e o vaso.

Seja como fôr, do que não ha duvida é de que a asserção de que nas veias existem valvulas analogas ás do coração está expressamente feita na obra de Amato e que o facto está provado materialmente, embora não seja constante.

Nos dominios da clinica cirurgica encontramos em Amato grande numero de observações que merecem attenção.

Em materia de feridas, citaremos a de uma ferida penetrante do craneo produzida por uma espada que penetrou profundamente no cerebro, não acarretando a morte do doente [2]; a de uma ferida do abdomen que elle curou pela gastrorraphia precedida de laqueação e excisão da parte herniada [3] e a de uma ferida penetrante do thorax, seguida de pleurisia, curada por uma larga incisão. [4] Encontra-se n'elle a observação de um caso de tetano traumatico consecutivo a um ferimento do pé e que terminou pela morte. [5]

Quanto a tumores, nos casos de cancro rejeita o ferro em braza depois da extirpação e mostra que um tratamento palliativo dá melhores resultados do que a applicação do ferro, do cauterio actual ou dos causticos que viu seguido de ulceras medonhas que terminavam pela

---

(1) Sprengel — *Histoire de la medecine*, III, pag. 55.
(2) Cent. 2.a, cur. 83, pag. 330.
(3) Cent. 3.a, cur. 60, pag. 441.
(4) Cent. 4.a, cur. 37, pag. 563.
(5) Cent. 7.a, cur. 66, pag. 202.

morte ([1]); observou, como já dissemos, uma creança com uma saliencia cornea na fronte, cuja excisão determinou a morte por se continuar na parte interna com a substancia do cerebro ([2]); produz um caso de verrugas nas mãos curado pela acção do calor produzido por sarmentos accesos ([3]); o d'um tumor mammario curado pela extirpação seguida da applicação do ferro em braza ([4]); a observação d'um tumor da região inguinal, do peso de vinte e cinco libras, cuja natureza não é facil determinar ([5]) e um caso notavel de kysto volumoso da região epigastrica que um charlatão abriu e insuflou e a que se seguiu uma fistula incuravel. ([6])

São numerosos os casos de syphilis que se encontram nas curas de Amato e alguns d'elles do maior interesse. Um dos mais curiosos é de uma aphonia determinada pela corrosão dos nervos recorrentes pelo sublimado corrosivo empregado intempestivamente. ([7]) Não é menos importante o d'um individuo que apresentava na abobada palatina uma abertura produzida por ulceração syphilitica que grandemente prejudicava a emissão da voz e que Amato remediou substituindo o osso destruido por uma placa d'oiro. ([8]) Foi elle um dos primeiros que publicou observações de alopecia syphilitica.

Logo no principio da centuria 4.ª encontra-se uma observação notavel de apertos da urethra curados pelo uso

---

([1]) Cent. 1.a, cur. 31, pag. 189.
([2]) Cent. 1.a, cur. 51, pag. 253.
([3]) Cent. 2.a, cur. 38, pag. 273.
([4]) Cent. 3.a, cur. 32, pag. 395.
([5]) Cent. 3.a, cur. 88, pag. 239.
([6]) Cent. 7.a, cur. 23, pag, 66.
([7]) Cent. 2.a, cur. 70, pag. 312.
([8]) Cent. 5.a, cur. 14, pag. 79.

das vélinhas. Dá isto logar a que Amato se occupe da historia d'este processo de tratamento, e nós acompanhal-o-hemos n'este caminho onde nos hemos de encontrar com alguns nossos compatriotas. Parece hoje demonstrado que o uso das vélinhas remonta aos primeiros tempos da cirurgia, mas os antigos não conheciam a entidade anatomica que nós designamos pela palavra estrictura, e se empregaram as vélinhas era simplesmente para desembaraçar a urethra obstruida por um obstaculo passageiro ou repellir para traz um calculo engasgado no collo da bexiga. Só no seculo XVI comprehenderam os cirurgiões o partido que se podia tirar d'ellas para destruir os apertos permamentes da urethra e alargar o seu calibre.

Segundo Amato Lusitano, o inventor do tratamento dos apertos da urethra pelas vélinhas foi o celebre professor de Salamanca, Alderete, que lhe indicou a maneira de se servir d'ellas.

Amato empregou o novo meio de tratamento em Lisboa, n'um individuo de 25 annos, que tinha militado em Africa e na Asia e que por motivo de uma blenorrhagia havia contrahido uma estrictura urethral. Acompanhou-o no tratamento um cirurgião portuguez chamado Philippe, que ao depois vulgarizou o methodo e o applicou, com grandes proventos, n'algumas capitaes da Europa. João Rodrigues affirma isto terminantemente e invoca o testemunho de alguns individuos que assistiram ao tratamento, dois dos quaes eram os medicos Luiz Nunes e Jorge Henriques e o outro um celebre astronomo, Manuel Lindo. Este caso é referido ao anno de 1534 que, como dissemos, foi o ultimo que Amato passou no nosso paiz. (1)

---

(1) Cent. 4.a, cur. 19, pag. 542.

Portanto, a versão do illustre medico dá como inventor do methodo Alderete, Amato como seu vulgarizador em Lisboa e Philippe como seu continuador; e esta versão affigura-se-nos plausivel, como egualmente se afigurou a Sprengel, visto que não attribuindo o medico portuguez a si proprio a gloria da invenção mas a um seu mestre, nenhum motivo de vangloria o podia levar a alterar a verdade.

Amato escrevia isto entre julho de 1552 e 1553 e já a esse tempo o seu illustre condiscipulo André Laguna déra á luz em Roma o opusculo *Methodus cognoscendi, extirpandique nascentes in vesicae collo carunculas,* cuja primeira edição é de Roma, em 1551, por Valerio e Luiz Doricos. N'este opusculo, Laguna dá por inventor do methodo o cirurgião Philippe, que conhecera em Roma e que communicou o segredo a elle Laguna e ao seu companheiro João Aguilera, medico do papa Paulo III. Esta versão de André Laguna foi geralmente acceite pelos escriptores do seculo XVI que se occuparam do assumpto: apesar da contradicta de Amato, são todos concordes em attribuir a Philippe a invenção das vélinhas. Citaremos como mais explicitos os cirurgiões hespanhoes João Calvo e Francisco Diaz, aos quaes vamos buscar informações curiosas.

Philippe apparece, nos livros citados, como cirurgião de Carlos V, ao tempo que este estava na Allemanha. Se é certo que ninguem é grande homem perante o seu creado de quarto, muito menos o é perante o seu cirurgião. O grande imperador, o vencedor de Francisco I em Pavia, o homem que Victor Hugo nos mostra nas cryptas de Aachen pedindo conselhos ao espirito de Carlos Magno e cogitando sobre os destinos da Europa, ao proferir o famoso monologo:

> Charlemagne, pardon. ces voûtes solitaires
> Ne devaient répeter que des paroles austéres,

tinha outros motivos, inteiramente pessoaes, de preoccupação. Soffria de apertos de urethra que tolhiam por completo a saida da urina. Havendo reconhecido que a difficuldade da micção não dependia de calculos, Philippe foi levado a suppòr que na urethra régia existiam verrugas ou carnosidades que urgia destruir, á semelhança do que succede com as verrugas do tegumento externo. Fixou-se em adoptar o caustico potencial e como era necessario leval-o á séde do aperto, lembrou-se de empregar uma vélinha de cêra com o seu pavio, de modo que não pudesse quebrar-se mas affeiçoar-se com facilidade á fórma da urethra; como, porém, receasse que a acção do caustico fosse energica em demasia, empregava antes e depois injecções de substancias adstringentes e emollientes.

Serviu de praticante a mestre Philippe um boticario de Roma que, mal se tornou conhecedor d'aquelle segredo, partiu para a sua cidade natal, onde ganhou grande nomeada e muito dinheiro. Estava alli ao tempo outro pharmaceutico, e esse portuguez, chamado Affonso Dias, que, ao ter conhecimento do novo methodo therapeutico, veiu a Hespanha, a Valladolid, onde estava a côrte e começou a applical-o no anno de 1552. Foi tal o exito obtido que, achando-se na côrte os procuradores do reino, resolveram dar-lhe grande salario, encarregando-o de vulgarizar o seu methodo. N'este intuito, percorreu o Aragão e Valencia, e de facto grande numero de cirurgiões colheram d'elle as principaes bases do tratamento. Deve notar-se que o methodo empregado por Philippe e seguido pelos seus continuadores consistia na introducção, até ao aperto, da vélinha que ficava deformada, em restabelecer o seu calibre com uma massa caustica e deixar esta nova vélinha na

urethra por espaço de vinte e quatro horas. [1] Com os progressos dos tempos, o methodo foi-se aperfeiçoando, comquanto persistisse por muito tempo a ideia de applicar os causticos para a destruição das estricturas.

Nada temos que oppôr á narração que fazem os dois cirurgiões hespanhoes do primeiro emprego das vélinhas, tanto mais que a sua versão não é inconciliavel com a de Amato. Faremos notar algumas lacunas que existem, ainda quando se queira attribuir a Philippe a invenção do methodo. Assim, tendo Laguna conhecido Philippe em Roma, nem João Calvo nem Francisco Diaz nos referem esta circumstancia e attribuem a um boticario d'aquella cidade a generalização da pratica. Por outro lado, e em abono da versão de Amato, ao tempo em que este reivindicava para o seu mestre a gloria de inventor das vélinhas, Philippe ainda era vivo e residia em Damasco, podendo portanto rebater o que encontrasse de inexacto nas asserções de Amato. Adopte-se, porém, a versão que se quizer, o que fica assente é que a portuguezes se deve a invenção ou generalização do methodo. Amato, Philippe e Affonso Dias são crédores de consideração, ainda quando não fossem mais do que continuadores do professor de Salamanca.

Ha nas centurias observações curiosas de doenças e deformidades dos orgãos genitaes masculinos e femininos. Viu um caso de hypospedias n'uma creança e projectava introduzir pelo orificio por onde ella urinava, situado entre os testiculos, uma tenta cannula com uma agulha para

---

[1] Juan Calvo — *Primera y segunda parte de la cirugia universal y particular del cuerpo humano* — Valencia, 1703, por Vicente Cabrera, pag. 337. A 1.ª edição é de Sevilha, 1580 (Morejon).

Francisco Diaz—*Tractado nuevamente impresso de todas las enfermidades de los Riñones, Vexiga y Carnosidades de la verga y urina.* Impresso em Madrid por Francisco Sanchez, año de 1588.

perfurar o membro até á glande (1); observou n'um velho calculos urethraes que impediam a saída da urina e remediou o accidente por uma especie de urethrotomia externa (2); menciona um caso de fistula recto-vaginal cujo tratamento não indica (3); o de uma hermaphrodita que sendo a principio considerada como mulher houve de ser tida como homem pelo desenvolvimento que tomaram os orgãos d'este sexo, mas que ficou sempre sem barba (4); o de um tumor scirrhoso do collo do utero e de eversão d'este orgão (5); o d'um hydrocele curado pela incisão repetida (6); o d'outro hydrocele tratado por uma larga incisão e applicação de substancias irritantes (7) e o de um rapaz de dez annos a quem appareceu subitamente na raiz do membro uma dureza que parecia devida a um calculo e que effectivamente desappareceu com a expulsão de uma pedra. (8)

Algumas referencias encontramos tambem a doenças oculares. Apresenta-nos observações de pterygions curados pela cauterização com agua forte e pela applicação de gemma d'ovo (9), e descreve uma epidemia de conjunctivites que se desenvolveu em Salonica. (10)

Ainda outras observações mereceriam nota, mas bastam estas para dar uma ideia dos conhecimentos de Amato na pathologia cirurgica.

---

(1) Cent. 1.a, cur. 23, pag. 158.
(2) Cent. 1.a, cur. 42, pag. 239.
(3) Cent. 2.a, cur. 10, pag. 227.
(4) Cent. 2.a, cur. 39, pag. 274.
(5) Cent. 2.a, cur. 88, pag. 333.
(6) Cent. 2.a, cur. 84, pag. 330.
(7) Cent. 4.a, cur. 84, pag. 624.
(8) Cent. 6.a, cur. 91, pag. 528.
(9) Cent. 3.a, cur. 82, pag. 470.
(10) Cent. 7.a, cur. 80, pag. 237.

Não é menos interessante a collecção de observações relativas á clinica medica que se encontra nas Centurias. São ellas precedidas por um discurso sobre o modo de visitar os doentes, que é muito considerado pelos bibliographos e historiadores que d'elle se têm occupado, dizendo, entre outros, Morejon que da sua leitura tirariam os jovens medicos mais proveito do que d'outras obras da mesma especie, inclusivè a introducção de Boerhave á pratica clinica. Este discurso é uma exposição da doutrina das crises e dos dias criticos, e affirma Sprengel que em parte alguma a encontrou mais desenvolvida. E' em virtude de uma força existente nos numeros que certos dias são criticos, diz Amato. A sua causa é a harmonia, e o dia critico por excellencia é o setimo, porque sendo o corpo composto de quatro elementos e a alma de três forças, a somma obtida dá o algarismo 7. Depois do setimo, o dia mais influente é o decimo quarto, visto que $7+7=14$. Na sua opinião, depois d'este o dia critico é o vigesimo e não o vigesimo primeiro. Considera como tal o sexto, baseando-se na asserção de Bernardo de Gordon que viu sobrevir crises n'esse dia, e ainda na observação pessoal. Finalmente, apenas exclue do numero dos dias criticos o duodecimo, o decimo-sexto e o decimo-nono. [1]

Entrando na enumeração das observações mais curiosas, mencionaremos as de algumas doenças do apparelho respiratorio, entre as quaes a de uma pleurisia com derrame, em cujo diagnostico figura nitidamente a percussão e cujo tratamento consistiu na operação do empysma que aconselha se pratique entre a terceira e quarta costellas, por se ter convencido de que assim é impossivel ferir o

---

[1] *Introitus medici ad ægrotantem* á frente da 1.a centuria.

diaphragma [1], e a de dois individuos extremamente parecidos que foram acommettidos simultaneamente de pleurisia de que ambos se curaram [2], etc.

Entre os casos de doenças do apparelho digestivo, lembraremos: um de dysenteria curado pelo acto venereo em harmonia com um aphorismo de Hippocrates [3]; o d'uma ictericia cuja apparição se deu no setimo dia, o que nas febres agudas assume a importancia de um phenomeno critico [4]; outro de rejeição pela bôcca de um longo verme, do comprimento de quatro covados, tendo caracteres muito curiosos [5], e o d'um individuo que apresentava mensalmente um fluxo hemorrhoidario, tão regular como o das mulheres. [6]

De doenças do apparelho da innervação, encontramos um caso de meningite, acompanhado de convulsões e lethargo, sobrevindo em resultado de vigilias prolongadas [7]; outro de paralysia facial curada por applicações locaes [8]; um de alienação causada por uma violenta paixão amorosa e curado pelo isolamento n'um carcere [9]; outro de loucura melancholica durante a gestação [10] e ainda outro de nymphomania n'uma freira. [11]

Quanto a doenças geraes, são interessantes as obser-

---

(1) Cent. 1.a, cur. 61, pag. 284.
(2) Cent. 5.a, cur. 15, pag. 81.
(3) Cent. 2.a, cur. 47, pag. 289.
(4) Cent. 3.a, cur. 49, pag. 431.
(5) Cent. 6.a, cur. 74, pag. 471.
(6) Cent. 5.a, cur. 3, pag. 21.
(7) Cent. 1.a, cur. 9, pag. 91.
(8) Cent. 4.a, cur. 87, pag. 626.
(9) Cent. 3.a, cur. 56, pag. 437.
(10) Cent. 5.a, cur. 87, pag. 238.
(11) Cent. 6.a, cur. 97, pag. 558.

vações relativas a dois casos de febre hectica curados pelos banhos mornos com affusões frias [1]; a d'uma febre continua curada pelo uso do vinho em larga escala [2]; a relação de uma epidemia notavel que se desenvolveu em 1559 em Scopium, e a proposito da qual se refere a outra que em 1527 e annos seguintes devastou Lisboa e os ferteis campos de Santarem. [3] De resto, no capitulo febres, encontram-se em Amato numerosas observações dignas de leitura; entre ellas a de uma febre agudissima n'uma parturiente, terminada pelo apparecimento provocado de uma hemorrhagia nasal. [4]

Não são raros os casos de intoxicação. Lembraremos um de envenenamento pelos cogumelos, terminado pela cura [5]; a noticia summaria de três asphyxias pelo oxydo de carbono [6], e uma observação de effeitos remotos dos venenos, na qual o nosso compatriota affirma que os turcos e os indios eram habeis em preparar toxicos de effeitos seguros mas de acção muito demorada. [7]

Doenças cutaneas, notamos um caso de exanthema determinado pela suppressão do fluxo menstrual [8] e outro de elephantiase n'um frade agostinho, terminado pela cura. [9]

Guardamos para o fim duas observações curiosissimas e que se pódem reputar pouco dignas de credito, ou pelo

---

[1] Cent. 3.a, cur. 1.a, pag. 342.
[2] Cent. 3.a. cur. 75, pag. 465.
[3] Cent. 7.a, cur. 27. pag. 79.
[4] Cent. 2.a. cur. 17. pag. 236.
[5] Cent. 1.a, cur. 39, pag. 227.
[6] Cent. 7.a, cur. 33. pag. 106.
[7] Cent. 6.a, cur. 88, pag. 519.
[8] Cent. 2.a, cur. 34, pag. 266.
[9] Cent. 1.a, cur. 15, pag. 115.

menos acceitar-se apenas a beneficio de inventario. Ambas ellas se referem a factos de fecundação em condições extraordinarias. N'uma d'ellas põe-nos Amato em presença de duas tribades, uma casada e outra viuva. A casada, depois de ter contacto sexual com o marido, entrega-se com a companheira ás praticas que lhes faz dar o nome de *fricatrices*, sendo a viuva a súccuba, e o esperma contido na vagina da casada vae fecundar a outra. (1)

Na outra trata-se de uma freira que concebeu entrando n'um banho onde antes um pederasta derramara o semen. Devemos dizer em abono de Amato que ha annos lemos no *Progrès medical* um caso semelhante, mas não o pudemos encontrar agora para o pôr em parallelo com este. (2)

Fizemos a exposição da obra scientifica de Amato. E' tempo de concluir.

Os historiadores que se occuparam da Renascença na medicina assignalaram-lhe como caracteristicos os seguintes elementos.

Pela erudição, os medicos do tempo procuraram a posse de todos os thesoiros do passado, remontando do galenismo arabico ao galenismo de Galeno, do hippocratismo de Galeno ao hippocratismo de Cos e dos que o tinham seguido. Era uma obra de cultura immensa, acompanhada d'uma critica judiciosa cujos elementos eram difficeis de reunir.

Uma vez senhores dos escriptos dos mestres, e sobretudo d'aquelles que como Hippocrates mais se tinham entregado á observação do que ás especulações metaphy-

---

(1) Cent. 7.a, cur. 18, pag. 59.
(2) Cent. 4.a, cur. 36, pag. 562.

sicas, desenvolveram e aperfeiçoaram a arte de observar e assim adquiriram o direito de julgar e o exerceram.

Havia duas sciencias capitaes a crear: a anatomia e a physiologia. Galeno era um guia infiel: por muito tempo, os erros que propagara tinham sido acceites; agora, para que fossem acreditadas as verdades que affirmara, era necessario descobril-as de novo.

Finalmente, creadas estas novas sciencias, procurou-se relacionar os dados que ellas fornecem com os dados de observação colhidos para reconstruir todo o edificio da medicina em bases mais largas e mais solidas.

Comprehende-se que uma obra d'esta natureza demandava numerosos artifices e que cada um se occupasse de preferencia d'aquella parte que mais o seduzisse.

Traductores e commentadores, a Renascença aponta-nos Leoniceno, Manardi, Valla, Champier, Linacro, Cornaro, Gonthier de Andernach, Fuchsio, Massaria, Brasavola, Houlier, Duret e os portuguezes Cuellar e Thomaz Rodrigues da Veiga.

Clinicos que reunam as suas observações dia a dia colhidas apresenta-nos Massa, Crato de Craftheim, Alexandre Mundella, Victor Trincavella, Valleriola, Solenander, Cornaro, Schenkius, F. Plater, Forestus, Brasavola, etc.

Anatomicos, possue o seculo XVI Sylvius Dubois, Rondelet, Vesalio, Colombo, Eustachio, Arentius, Varolio, Ingrassias, W. Coiter, Fabricio Acquapendente e sobretudo Fallopio.

Ha um pequeno numero, porém, que todos os elementos por que a Renascença se assignala reunem. Um d'elles é Amato Lusitano.

Erudito, conhece sete linguas: o grego, o latim, o hebreu, o allemão, o francez, o italiano e o hespanhol, além da sua propria, e isto permitte-lhe commentar Dioscorides

com profundo conhecimento do texto e dos seus differentes interpretadores; clinico, ahi estão as 700 curas da sua pratica a attestar os seus meritos de observador; anatomico, deixamos provado que a elle se deve em grande parte a descoberta das valvulas das veias. E' por isso que Malgaigne, o grande cirurgião francez, se lhe refere n'estes termos: «Quanto a Portugal, tinha produzido um grande observador que levara de vencida com exito quasi egual a medicina e a cirurgia, Rodrigues de Castello Branco, que do nome da sua ingrata patria adoptou o nome de Amato Lusitano.»

BIBLIOGRAPHIA [1]

Index Dioscoridis. En candide Lector. Historiales campi, Exegemataque simplicium, atque eorundem Collationes cum his quæ in officinis habentur, ne dum medicis, & Myropoliorum Seplasiarijs, sed bonarum literarum studiosissimis perquam necessarium opus. Joanne Roderíco Castelialbi Lusitane autore. Excvdebat Antverpiæ Vidua Martini Cæsaris. MDXXXVI. in fol.

In Dioscoridis Anazarbei de materia medica libros qvinqve enarrationes ervdissimæ doctoris Amati Lvsitani ac philosophi celeberrimi, quibus non solum officinarum Seplasiariis, sed bonarum etiam literarum studiosis utilitas adfertur, quum passim simplicia Græce, Latine, Italice, Hispanice, Germanice, & Gallice proponantur. Cum Privilegio Illustriss. Senatus Veneti ad decennium. Venetiis MDLIII apud Gualterum Scotum. in 4.º

In Dioscoridis Anazarbei de medica materia libros qvinqve, Amati Lvsitani Doctoris Medici ac Philosophi Celeber-

---

[1] Apenas mencionamos as edições que conseguimos vêr.

rimi enarrationes eruditissimæ. Accesserunt huic operi præter Correctiones Lemmatum, etiam Adnotationes R. Constantini, Necnon simplicium picturæ ex Leonharto Fuchsio, Jacobo Dalechampio, atque alijs. Lvgdvni, Apud Viduam Balthazaris Arnoleti, 1558. in 8.°

— Lvgdvni, Apud Matthiam Bonhomme, sub Claua Aurea 1558. 8.°

Centurias: edições completas:

Amati Lvsitani Doctoris Medici praestantissimi Cvrationvm medicinalivm centvriæ septem, varia multiplicique rerum cognitione referte & in hac vltima æditione recognitæ & valde correcte. Qvibus præmissa est commentatio de introitu medici ad ægrotantem, de que crisi & diebus decretoriis. Burdigalæ — ex Typographia Gilberti Vernoy — MDCXX — in 4.°

Amati Lvsitani svmmi doctoris medici cvrationvm medicinalivm centvriæ septem, ab omni sordivm svspicione expvrgatae. Quibus prælvcet omnivm curationvm per locos affectos in sua capita digestarum, una cum appendicibus eorum quæ auctor, vel inter curandum, vel in Scholiis accurate differit, proprijs capitibus subjunctis. Barcinonæ: sumptibus Sebastiani & Iacobi Mathevats, 1628. in fol.

Centurias agrupadas:

Amati Lusitani medici physici præstantissimi, Curationum medicinalium centuriæ II priores. Quibus præmittitur commentatio de introitu medici ad ægrotantem, de crisi et diebus Decretoriis. Cum Indice rerum memorabilium

copiosissimo. Lugduni, Apud Gulielmum Rouillium MDLXXX. in 12.°

Amati Lvsitani medici physici præstantissimi Curationum medicinalium, Centvriæ Dvæ Tertia & Qvarta. Cum Indice omnium Curationum & rerum memorabilium quæ ipsis Centurijs continentur. Lvgdvni, Apud Gulielmum Rouillium, sub scuto Veneto, 1565. in 12.°
—Lvgdvni, Apud Gulielmum Rouillium MDLXXX. in 12.°

Amati Lvsitani med. physici praestantissimi, Curationum medicinalium due tertia & quarta hac (quam vides) enchiridij forma nunc primum editæ, Addito Indice copiosissimo. Lvgdvni, Apud Joannem Franciscum de Gabiano, 1556. in 12.°

Amati Lvsitani, medici physici præstantissimi Curationum medicinalium, Centuriæ Dvae Quinta & Sexta. In quarum vltima Curatione, Continetur Colloquium eruditissimum: in quo doctissimè disputatur, & agitur de curandis capitis vulneribus: Cum indice omnium curationum, quæ ipsis Centurijs continentur, omnia nunc primum in lucem ædita. Lvgdvni, Apud Gulielmum Rouillium, sub scuto Veneti, 1564. in 12.°
—Lugduni, Apud Gulielmum Rouillium MDLXXX. in 12.°

Curationum Medicinalium Amati Lvsitani medici physici præstantissimi Centvriæ quatvor. Quibus præmittitur Commentatio de introitu medici ad ægrotantem, De Crisi, & diebus Decretorijs: Subjungiturque Index rerum memorabilium copiosissimus. Atque omnia nunc accuratius recognita, diligentius elegantiusque sunt im-

pressa. Venetiis, Apud Vincentium Valgrisium, in Officina Erasmiana, MDLVII. in 8.º

Amati Lvsitani, medici physici praestantissimi, Curationum medicinalium Centuriæ quatuor, quarum duæ priores ab auctore sunt recognite, duæ posteriores nunc primum edite, uaria omnes multipliciq: rerum cognitione refertæ: Quibus præmissa est Commentatio De introitu medici ad ægrotantem, deq: crisi & diebus decretorijs, medicæ rei studiosis utilissima. Accessit his Index rerum memorabilium copiosissimis. Basiliæ, Froben, anno MDLVI. in 4.º

Centurias separadas:

Amati Lvsitani medici physici praestantissimi, Curationum Medicinalium Centuria prima, multiplici variáq; rerum cognitione referta. Præfixa est eiusdem Auctoris Commentatio, in qua docetur, quomodo se Medicus habere debeat in introitu ad ægrotantem, simulque de crisi, & diebus decretoriis, iis qui artem Medicam exercent, & quotidie pro salute ægrotorum in collegium descendunt longe utilissima. Florentiæ. Cudebat Laurentius Torrentinus, MDLI. in 8.º

Amati Lvsitani medici præstantissimi Cvrationvm medicinalivm Centvria secvnda. Multiplici, variaque rerum cognitione referta. In qva methodvs et canon propinandi decoctum radicis Cynarũ, Julio III. Pont. Max. compositus, uberius describitur, quam in prima habetur Centuria. Cum Privilegio Illustriss. Senatus Veneti ad decennium. Venetiis Ex Officina Erasmiana Vincentij Valgrisij. MDLII. in 8.º

Amati Lvsitani, medici physici præstantissimi, curationvm Medicinalivm Centuria septima, Thessalonicæ curationes habitas continens, varia multiplicique doctrina referta. Accessit Index rerum memorabilium copiosissimus. Lvgdvni, Apud Guliel. Rovillium sub scvto veneto, 1570. in 12.º

—Lvgdvni, Apud Guliel. Rovil. svb scvto Veneti, 1580. in 12.º

INDICE

Tábua analytica